



Departamento de Educação e Ensino à Distância
Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

**Estudo Comparativo sobre
o Perfil do Professor Bibliotecário**

-

Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso

José Afonso Pereira Videira de Miranda

Lisboa, Maio de 2010

Departamento de Educação e Ensino à Distância
Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

Estudo Comparativo sobre
o Perfil do Professor Bibliotecário

-

Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso

José Afonso Pereira Videira de Miranda

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

Orientadora:
Professora Doutora Glória Bastos

Lisboa, Maio de 2010

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

*No Egipto, as bibliotecas eram chamadas 'Tesouro dos remédios da alma'.
De facto é nelas que se cura a ignorância, a mais perigosa das enfermidades
e a origem de todas as outras.*

Jacques-Bénigne Bossuet

Agradecimentos

À Professora Doutora Glória Bastos, pela sua disponibilidade e pelo seu apoio académico.

Aos demais professores do mestrado, pela sua competência profissional, contributos essenciais para o resultado final deste trabalho.

A alguns colegas de mestrado, sobretudo à Isabel Matias, ao António Nogueira e ao Luís Salema, pelo incentivo e pelos bons momentos que passámos juntos, trocando conhecimentos e amizade.

Aos meus colegas das Bibliotecas Escolares da RBB (Ana Maria, Ângela Puga, António Eduardo, Carlos Alberto, Licínio António, Lúcia Marques, Maria do Carmo, Maria Manuela, Maria do Rosário, e Teresa Maria) sem os quais este trabalho não seria possível.

À minha família, sobretudo à D. Serafina, Rosa Maria, João Manuel e Nuno Afonso, pelo apoio nas alturas mais difíceis e pelo tempo que não lhes pude dedicar.

Resumo

Esta dissertação visa conhecer e analisar a realidade do trabalho desenvolvido pelos Professores Bibliotecários da recém-criada Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso (RBB) que incorpora bibliotecas escolares e municipais de cinco concelhos: Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Mondim de Basto, Montalegre e Ribeira de Pena.

No enquadramento teórico perspectivam-se elementos referentes ao papel que actualmente as BE's desempenham nas escolas, salientando-se a sua importância no sucesso escolar. Apontam-se igualmente aspectos referentes ao perfil e funções do professor bibliotecário e as alterações introduzidas pelo modelo de auto-avaliação para as BE's recentemente implementado.

Pretende-se, no estudo empírico, comparar práticas de actuação de professores bibliotecários de escolas pertencentes à mesma rede interconcelhia, em especial nos seguintes parâmetros: a articulação curricular da Biblioteca Escolar com as estruturas pedagógicas; a articulação curricular com os docentes e alunos; os impactos da pertença à Rede Nacional de Bibliotecas Escolares (RBE); a identificação de lacunas e constrangimentos que eventualmente possam existir na acção dos professores bibliotecários; a valorização de pontos fortes e sua partilha.

Por último, pretendemos apontar perspectivas de desenvolvimento para as BE's desta pequena rede, baseadas nas oportunidades identificadas, nas boas práticas e no perfil do professor bibliotecário, que possibilitem a melhoria substantiva da gestão técnica, pedagógica, cultural e social das Bibliotecas Escolares, assente nas competências do seu gestor, de molde a que estas bibliotecas exerçam na comunidade educativa um trabalho proficiente.

Abstract

This dissertation aims to understand and analyse the work done by Teacher Librarians of the newly established Network of Libraries of Basto and Barroso (RBB) incorporating schools and public libraries of five regions: Cabeceiras de Basto, Mondim de Basto, Ribeira de Pena and Montalegre.

In the theoretical framework we try to elucidate about the role that school libraries currently play in schools, emphasizing its importance on academic achievement. It raises also issues regarding the profile and functions of the teacher librarian and the changes introduced by the model of self-evaluation for the school libraries, recently introduced.

The main objectives for the empirical study were to compare working practices of teacher librarians from schools belonging to the network, particularly in the following parameters: the relationships between the School Library and educational structures of the school; the co-operation with teachers and the work with students; the impacts of the integration in the National School Libraries Network; the identification of constraints which might exist; the recognition of existing strengths and their sharing.

Finally, we intended to point out some perspectives concerning the possible improvements we have identified for this network, based on best practice and the profile of the teacher librarian. Those improvements are focused on technical, educational, cultural and social development of school libraries, founded on the responsibilities of its coordinator, in order to achieve a more proficient work towards the educational community.

Índice de Conteúdos

Acrónimos / Siglas.....	17
Introdução.....	19
Parte I – Enquadramento Teórico.....	23
1. Biblioteca Escolar e Escola	25
1.1. A BE e o sucesso escolar	38
1.1.1. A BE e a cultura de escola.....	45
1.2. O professor bibliotecário	48
1.2.1. Perfis e funções.....	53
1.2.2. Dificuldades e desafios	65
2. A RBE e o professor bibliotecário	76
2.1. Da criação da RBE à institucionalização do professor bibliotecário	83
2.2. O professor bibliotecário e a avaliação da BE.....	87
2.2.1. O novo modelo de avaliação.....	89
2.2.2. Principais linhas de actuação.....	92
Parte II – Estudo Comparativo sobre o perfil dos Professores Bibliotecários da RBB	97
1. Contexto da investigação.....	97
1.1. Contexto populacional das Escolas em estudo.....	98
2. Enquadramento metodológico.....	101
2.1. Instrumentos de investigação.....	103
2.1.1. Apresentação das entrevistas.....	103
2.1.2. Técnica de análise de conteúdo.....	104
3. Apresentação e análise dos dados.....	107
Balanço.....	141
Conclusões	145
Referências bibliográficas	149

Legislação	154
Anexo 1	157
Anexo 2	159
Anexo 3	163
Anexo 4	165
Anexo 5	167
Anexo 6	169

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Mapa dos cinco concelhos que integram a RBB.....	99
---	----

Índice de Quadros

Quadro 1 - Taxonomia de Loertscher's (1999)	40
Quadro 2 - Funções do Coordenador Bibliotecário	57
Quadro 3 - Indicadores geográficos da RBB	98
Quadro 4 - Contexto estudantil da RBB.....	100
Quadro 5 - Assuntos tratados com o Director/Conselho Executivo.....	110
Quadro 6 - Informação disponibilizada aos alunos (Q. 12)	127
Quadro 7 - Aspectos a melhorar e aspectos já conseguidos das BE's.....	139
Quadro 8 - Análise SWOT	143
Quadro 9 - Síntese de Ameaças vs Oportunidades a explorar	144

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Tempo de experiência como Coordenador da BE/Professor Bibliotecário	107
Gráfico 2 - Formação na área das Bibliotecas Escolares (em horas) (Q. 2)	108

Gráfico 3 - Área onde há mais necessidade de formação (Q. 3).....	109
Gráfico 4 - Apoio para integração no Conselho Pedagógico (Q. 4).....	111
Gráfico 5 - Vantagens da representatividade da BE no Conselho Pedagógico (Q. 5).....	112
Gráfico 6 - Participação de forma regular noutras estruturas de gestão pedagógica (Q. 7).....	113
Gráfico 7 - Motivos da não participação em estruturas pedagógicas (Q. 9)	114
Gráfico 8 - Valorização das estruturas pedagógicas (Q. 10)	115
Gráfico 9 - Áreas de impacto da integração da BE na RBE (Q. 13).....	117
Gráfico 10 - Condições de apoio ao desenvolvimento de um trabalho sustentado (Q. 1).....	119
Gráfico 11 - Conhecimento sobre as orientações curriculares dos diferentes Departamentos Curriculares/subdepartamentos (Q. 2).....	121
Gráfico 12 - Tipo de articulação entre a BE e os professores (Q. 4)	122
Gráfico 13 - Trabalho colaborativo (Q. 5)	123
Gráfico 14 - Iniciativa da colaboração/cooperação (Q. 6)	124
Gráfico 15 - Motivos da falta de colaboração/cooperação (Q. 7)	125
Gráfico 16 - Apoio na selecção/avaliação dos recursos educativos (Q. 9).....	125
Gráfico 17 - Informação disponibilizada aos professores (Q. 11)	126
Gráfico 18 - Papel de destaque das novas tecnologias no acesso à informação e no apoio à aprendizagem (Q. 13).....	128
Gráfico 19 - Papel nocivo das novas tecnologias no acesso à informação e no apoio à aprendizagem (Q. 13).....	130
Gráfico 20 - Assunção das funções do Coordenador da BE (Q. 1)	130
Gráfico 21 - Razões porque se sente professor (Q. 1)	131
Gráfico 22 - Razões porque se sente especialista em informação (Q. 1).....	132
Gráfico 23 - Papel mais assumido enquanto Coordenador da BE (Q. 2)	133
Gráfico 24 - Razões porque desempenham o papel de professores (Q. 2)	133
Gráfico 25 - Mais-valias pessoais para o cumprimento da missão de PB (Q. 4).....	136
Gráfico 26 - Características pessoais a melhorar (Q. 5).....	136
Gráfico 27 - Impacto da integração na RBE (Q. 6).....	137

Acrónimos / Siglas

ALA – American Library Association
BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
BE/CRE – Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos
BED – Biblioteca Escolar Digital
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIBE – Coordenadora Interconcelhia de Bibliotecas Escolares
CRE – Centro de Recursos Educativos
DRE – Direcções Regionais de Educação
IASL – International Association of School Librarianship
IFLA – International Federation of Library Associations
NAC – Áreas Curriculares Não Disciplinares
SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares
TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
AASL – American Association of School Librarians
AECT – Association for Educational Communication and Technology
ATLC – Association for Teacher-Librarianship in Canada
BE – Biblioteca Escolar
BM – Biblioteca Municipal
CBE – Coordenador da Biblioteca Escolar
CDI – Centros de Documentação e Informação
CD-ROM – Compact Disc Read Only Memory
CDU – Classificação Decimal Universal
CE/DE – Conselho Executivo/Director Escolar
CNL – Concurso Nacional de Leitura
CSLA – Canadian School Library Association
DVD – Digital Video Disc / Digital Versatile Disc
EE – Encarregados de Educação
NEE – Necessidades Educativas Especiais
PAA – Plano Anual de Actividades
PB – Professor Bibliotecário
PC – Personal Computer
PE – Projecto Educativo
PNL – Plano Nacional de Leitura
PTE – Plano Tecnológico da Educação
Q – Questão
RBB – Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso
RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

Introdução

O presente trabalho visa olhar para o percurso ocorrido nas bibliotecas escolares, que têm a montante outras que lhes serviram de referência. É também nosso objectivo fazer uma reflexão aprofundada sobre o papel do Professor Bibliotecário, as suas competências, sobretudo num mundo em grande transformação, especialmente num momento em que o paradigma das Bibliotecas Escolares poderá estar a sofrer algumas alterações significativas a nível do seu acervo documental, cada vez mais intangível, o que acarreta outros reptos.

Colocam-se mais desafios aos utilizadores, mas sobretudo aos responsáveis pelas Bibliotecas Escolares, como a ética da utilização dos documentos e a constante formação que os Professores Bibliotecários devem fazer para se manterem actualizados com as novas realidades, nomeadamente as digitais. Corremos o risco de sabermos muito menos que os discentes, cuja apetência para os meios tecnológicos e digitais é maior que a nossa, pois são eles os nativo-digitais.

Outro factor importantíssimo no papel do Professor Bibliotecário é a sua relação com os outros professores, ou seja, com os professores da sala de aula. Neste caso concreto sobressai um aspecto muito importante e fulcral na sua missão – o apoio ao currículo. Será feita referência ao percurso português, nomeadamente as últimas alterações legais ao estatuto do professor que coordena a biblioteca, mais recentemente denominado por Professor Bibliotecário.

Para além dos aspectos referidos, importa esclarecer que o nosso olhar se vai deter com mais atenção nas Bibliotecas Escolares da zona de Basto e Barroso.

A Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso foi criada em 2007. Os seus objectivos, à semelhança do que se tem vindo a verificar de forma generalizada pelo país, são a necessidade de inculcar nos cidadãos o gosto pela leitura em particular e pelo conhecimento em geral. Esta rede potencia as valências destes cinco concelhos na área da transmissão da informação e do conhecimento, facultando aos seus cidadãos um espaço com mais qualidade a nível da comunicação e da partilha da informação.

Esta RBB é composta pelas Bibliotecas Municipais dos concelhos de Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Mondim de Basto, Montalegre e Ribeira de Pena; e pelas Bibliotecas Escolares da Escola Básica de Cabeceiras de Basto, Escola Básica do Arco de

Baúlhe, Escola Básica e Secundária de Celorico de Basto, Escola Básica da Gandarela, Escola Básica da Mota, Escola Profissional Agrícola de Fermil de Basto, Escola Básica e Secundária de Mondim de Basto, Escola Básica e Secundária de Montalegre, Escola Básica e Secundária do Baixo Barroso, Escola Básica e Secundária de Ribeira de Pena e Escola Básica de Cerva.

Pelas reuniões que realizámos foi possível constatar que os ritmos são diferentes entre todas, tanto as escolares como as municipais. Em relação às primeiras, há muitas diferenças, apesar de serem todas escolares: ano de entrada na Rede de Bibliotecas Escolares; o tempo atribuído a cada professor bibliotecário; a formação específica em Bibliotecas Escolares; programas de gestão e de catalogação; políticas educativas; recursos humanos e materiais; entre outras situações.

Quanto às Bibliotecas Municipais, também há muitas diferenças: tempo de serviço ao público; recursos humanos; formação específica em bibliotecas; programas de gestão e catalogação; cooperação com as Bibliotecas Escolares (SABE). Feito este breve apontamento, importa sublinhar que o presente estudo não se debruça sobre os bibliotecários das Bibliotecas Municipais pertencentes a esta rede, pelo que não serão objecto de análise.

Considerámos que seria importante que esta recém-criada parceria de bibliotecas fosse objecto de análise/estudo, através, nesta situação concreta, do perfil dos seus professores bibliotecários, para que o caminhar possa ser mais equilibrado e equidistante. Pretende-se, então, após a análise das diferentes realidades de cada professor bibliotecário, concertar procedimentos para que a nossa rede interconcelhia seja dinâmica e possa estar capacitada para responder aos problemas e desafios da comunidade educativa.

Também é nosso intuito comparar práticas de actuação de professores bibliotecários das diferentes escolas atrás mencionadas; detectar as lacunas/constrangimentos que eventualmente possam existir; valorizar os pontos fortes e partilhá-los; apontar perspectivas de desenvolvimento para as BE's desta pequena rede, baseadas nas oportunidades identificadas, nas boas práticas e no perfil do professor bibliotecário, que possibilite a melhoria substantiva da gestão técnica, pedagógica, cultural e social das Bibliotecas Escolares, assente nas competências do seu gestor, assim como dos elementos que constituem a sua equipa.

Perspectiva-se que após a conclusão do presente trabalho de investigação se possa reflectir de forma mais objectiva sobre a realidade que analisamos, com vista ao seu

melhoramento, pois é no plano concreto que deveremos alicerçar os projectos de uma BE rica nas várias acepções do termo, fruto do trabalho empenhado, rigoroso, continuado, colaborativo e eficiente do professor bibliotecário. As conclusões do trabalho realizado deverão ser uma mola impulsadora para a colaboração mais próxima, efectiva, constante e valorativa entre as bibliotecas e respectivos professores bibliotecários. A uniformização ou aproximação de estratégias de trabalho e partilha de boas práticas deverão desejavelmente ser assumidas pelos professores bibliotecários após a análise a este vasto painel.

É ainda desejável que todos sintam este trabalho como seu, pois os objectos de análise pertencem a uma mesma família de bibliotecas, a RBB (Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso) e, nesse sentido, demonstrem necessidade de projectar o futuro com a melhoria constante dos aspectos positivos/pontos fortes e no progresso e ultrapassagem dos constrangimentos/pontos fracos. Importa também que a RBB caminhe a um só ritmo, fruto do empenho e profissionalismo dos vários intervenientes, em especial os professores bibliotecários.

Relativamente à forma como estruturámos este trabalho, após esta introdução explanamos no enquadramento teórico a função da BE na escola, o perfil e funções do professor bibliotecário, as dificuldades e desafios com que se depara, assim como a importância da RBE e o novo modelo de auto-avaliação.

A parte referente ao estudo empírico baseia-se na apresentação de um estudo de caso, com uma vertente comparativa. Esta metodologia permite aferir semelhanças e diferenças que serão fundamentais para a compreensão de cada caso em particular, condicionado pela formação específica e pelas motivações pessoais de cada um dos intervenientes no estudo e as suas circunstâncias.

Como atrás já se referiu, pretendemos com o estudo empírico realizado identificar e perceber algumas dinâmicas de trabalho que existem na rede analisada, nomeadamente como se caracteriza a relação entre a BE e as estruturas da escola (Direcção e estruturas de gestão pedagógica); quais são as formas de articulação curricular da Biblioteca Escolar com outras estruturas de gestão pedagógica; como perspectiva o Professor Bibliotecário o seu perfil e funções e também como é que a forma como o Professor Bibliotecário perspectiva o seu perfil e funções pode influenciar os processo de articulação BE – Escola. Com a análise realizada procurou-se apresentar, de forma esquemática, possibilidades de desenvolvimento para o futuro, de forma que os dados obtidos possam contribuir para a

melhoria das práticas neste contexto específico. Finalizamos com a apresentação de breves conclusões que pretendem enquadrar de forma simples os elementos e articulações que fomos identificando.

Parte I – Enquadramento Teórico

Longe, muito longe, vão os tempos em que as bibliotecas, quaisquer que elas fossem, particulares, públicas, ... não eram de livre acesso. O saber era “guardado a sete chaves”. Transmitir o conhecimento significava perder poder, influência, sobre os demais.

Daí que sendo poucos os doutos, ou nem tanto, os que “tinham um olho” adquiriam uma supremacia, à luz de então, muito importante. Convém também referir que a mentalidade era outra, pois os tempos também o eram. A evolução do ser humano tem-se verificado sobre todos os prismas, nomeadamente a nível da igualdade de direitos e de oportunidades.

Toffler (1994), afirma que o acesso aos conhecimentos e aos saberes tende a tornar-se no maior poder. E menciona os factores da competitividade económica, do emprego, da melhoria da saúde, da conservação do ambiente, entre outros, que dependem do progresso dos conhecimentos e da sua assimilação e utilização pelos cidadãos. As grandes oportunidades que hoje se deparam são as do conhecimento, sobretudo a partir do acesso democratizado e massificado à educação. Não são jamais “os filhos dos ricos” que estudam, mas os filhos de todos, os remediados e os outros.

As revoluções culturais também foram importantes para o derrube das últimas barreiras, sobretudo no que ao mundo ocidental diz respeito. Se bem que, no que concerne a revoluções culturais ou outras quaisquer, o futuro não se pode perscrutar. Mais recentemente, sobretudo na última década e meia, os meios informáticos e tecnológicos também contribuíram para a partilha profícua do conhecimento, assim como do saber.

Não falamos apenas da generalidade da informação que tem como fim principal a divulgação de factos, curiosidades ou simples notícias, de carácter mais pessoal ou oficial. Falamos, sobretudo, da possibilidade que os meios tecnológicos trouxeram ao ensino de uma forma transversal. A comodidade de se poder pesquisar, estudar, trabalhar academicamente ou não através dos meios tecnológicos foi o último passo para a partilha do saber e do conhecimento.

O que seria hoje das nossas escolas sem os meios tecnológicos?

O progresso cria hábitos dos quais, praticamente, não podemos prescindir, nem nos conseguimos desabituar.

Recuemos no tempo e façamos uma analogia com a Idade Média, a qual serve apenas para vermos a abissal caminhada que se operou a nível da partilha do saber.

Podemos fazer uma viagem pelo livro “O nome da rosa” de Umberto Eco, cuja acção ocorre em torno de um mistério que estava relacionado com a “usura” do conhecimento.

- Então porque quereis saber?
- Porque a ciência não consiste apenas em saber aquilo que se deve ou se pode fazer, mas também em saber aquilo que se poderia fazer e que talvez não se deva fazer. Eis porque dizia hoje ao mestre vidreiro que o sábio deve de certo modo ocultar os segredos que descobre, para que outros não façam mau uso deles, mas é preciso descobri-los, e esta biblioteca parece-me sobretudo um lugar onde os segredos permanecem encobertos. (Eco, 1980)

Já nessa altura encontramos o equivalente ao bibliotecário, embora não fosse professor, mas cuja génese é a mesma. Estavam eles nos nossos antípodas.

O bibliotecário era o responsável pela administração da biblioteca, dirigindo-a e orientando-a. É dito nos anais da história que o bibliotecário foi considerado até ao séc. XIX um erudito, um “monstro do saber”, sem formação especializada. A partir de meados do séc. XIX já é reconhecido como indispensável e de actividade social bem diferenciada, substituindo os eruditos. Torna-se o técnico da biblioteca e de todos os problemas que esta põe.¹

Durante bastante tempo, diríamos, tempo em demasia, as bibliotecas eram fiéis à génese do seu nome: caixas ou cofres de livros. E como caixas ou cofres estavam fechadas, resguardadas de olhares e, sobretudo, de mãos profanas. Tocar poderia causar a deterioração mais rápida do livro, sujando-o, ou estragando-o. Que “atrevimento” poder alguém sem cultura, alguém sem nome invadir a privacidade daquelas letras!

Guardamos ainda na memória os momentos em que se entrava em bibliotecas de escolas onde trabalhámos, para não mencionar aquelas onde estudámos, cujos livros se viam guardados em armários com as portas fechadas à chave. Também nos recordamos de algumas bibliotecas que em vez de possuírem portas com vidros, tinham portas com rede. Aqui a analogia, a fazer-se, ainda poderia ser mais deprimente. A figura do bibliotecário era pesada, pouco atractiva, passava a maior parte do tempo sentado na sua secretária, qual trono ou posto de controlo: “Antigamente os livros conservavam-se em armários fechados, ao abrigo da poeira, dos gatunos e até da luz”² e “O livro é criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis” (Eco, 2002: p.39).

¹ In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 1977, Lisboa, vol. 3, pág. 1298, Editorial Verbo

² In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 1998, vol. 4, pág. 648, Página Editora.

Esta viagem no tempo, um mais remoto, outro nem tanto, deixa-nos estupefactos, tal o progresso operado entre nós, principalmente nas últimas décadas. A diferença das actuais bibliotecas e dos seus bibliotecários está nos seus antípodas.

1. Biblioteca Escolar e Escola

O último quartel do século XX assistiu à mudança da gestão e do funcionamento das bibliotecas, sobretudo as escolares. Portugal está ainda numa fase de implementação das boas práticas de gestão das Bibliotecas Escolares (BE's). Quando, na segunda metade da década de noventa, foi criada a Rede de Bibliotecas Escolares, estava iniciado um percurso árduo, mas profícuo para a melhoria das aprendizagens dos discentes.

Houve uma alteração profunda na forma de ver a BE. Deixou de ser um espaço subaproveitado, para ser o centro da escola, agora com uma função acrescida, ser concomitantemente o Centro de Recursos Educativos – BE/CRE.

A BE tem como missão proporcionar o acesso à informação, fundamental para sermos bem sucedidos na sociedade actual. Também desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos de pleno direito, cientes, portanto, das suas responsabilidades.

O conhecimento pode e deve ser promovido nas diferentes actividades desenvolvidas pela BE, as quais vão criar ou melhorar a imagem que os utentes têm da biblioteca. Todas as actividades, desde as mais simples às mais pomposas, cumprem o objectivo da BE/CRE – a promoção e divulgação do conhecimento, das diferentes literacias e também da aquisição de várias competências.

É também muito importante avaliarmos todos os procedimentos efectuados: a planificação, a programação, a política gizada, as deliberações, os serviços e a promoção do Plano de Acção da BE. Não nos devemos desviar do fim principal das BE's – a contribuição efectiva para a melhoria dos resultados escolares. Nesse sentido, a BE, nas diferentes actividades que promove, não pode ter um papel de promotora de “espectáculos”, mas sim um programa pedagógico-cultural.

Para que toda a comunidade educativa sinta a BE como sua, como um espaço de conhecimento complementar e colaborativo para a melhoria dos resultados escolares, deve,

também essa comunidade, ser um agente activo na planificação e desenvolvimento das actividades. Sendo um espaço de todos, também deve ser vivido por todos. E, seguindo esta ideia, todas as sugestões devem ser estimuladas.

Conhecer bem quais são os utilizadores da BE e o contexto cultural dos mesmos é muito importante para o sucesso da BE, mas sobretudo dos seus utilizadores, no que concerne às mais-valias adquiridas. Conhecer os seus utilizadores é conhecer as suas necessidades. Professor bibliotecário e restantes elementos da equipa têm de ser sensíveis a esta situação. Devem prever e responder atempadamente às solicitações de um público cada vez mais exigente e mais consciente dos seus direitos, sobretudo no acesso à informação e à sua gestão.

O relacionamento afável mas determinado e competente dos profissionais da BE é outra ferramenta eficaz da promoção da biblioteca. Estes profissionais, para além das suas competências técnicas, pedagógicas e de gestão, também devem ser colaboradores activos, habilitados e disponíveis para as solicitações constantes dos utilizadores, sobretudo dos discentes. O seu desempenho será o melhor ou pior meio de divulgação da imagem da BE.

Apesar de tudo o que se tem inovado na gestão da BE, no apoio ao desenvolvimento curricular, na colaboração nos projectos de leitura e de difusão das literacias e todas as actividades pedagógicas e lúdicas que são desenvolvidas pela biblioteca, há sempre a necessidade de se recorrer à imaginação, à criatividade para que os utentes da BE se sintam entusiasmados pela frequência e proveito das diferentes valências deste espaço nuclear dos estabelecimentos de ensino.

No prosseguimento desta ideia, a inovação é sempre bem-vinda e bem acolhida. Temos de inovar e criar políticas de maior proximidade com os diferentes utilizadores, tratando-os com deferência e sempre com disponibilidade. Efectivamente os nossos actos são o melhor mensageiro, a melhor publicitação do valor que a BE encerra, não só os valores documentais, tecnológicos, mas sobretudo humanos. “*A atitude é tudo*”: esta frase poderia ser um bom slogan para a promoção e divulgação da BE.

James Henri (Porto, 2009) dá-nos conta que no passado se dizia que a Biblioteca estava na Escola. Hoje, porém, será mais correcto mencionar que a Escola está na Biblioteca. Esta diferença releva precisamente a importância que a BE tem, ou deve ter, no processo ensino/aprendizagem. Lembra que para a comunidade escolar se tornar informada é necessário ter capacidade para o seguinte:

- Reconhecer a necessidade de informação;
- Resolver problemas e desenvolver ideias;
- Colocar as questões importantes;
- Usar uma variedade de estratégias de recolha de dados;
- Localizar os dados relevantes e adequados;
- Avaliar os dados de qualidade, autoridade, precisão e autenticidade;
- Reconhecer que a incerteza é essencial para a procura de informação.

As BE's não deverão voltar a ser espaços vazios (de documentos, meios tecnológicos e de pessoas) e inactivos na nova dinâmica do ensino e da aprendizagem, assim os gestores/decisores da BE e das direcções escolares o queiram. Hoje já não se pode avocar qualquer razão para que assim não seja. A dinâmica empreendida aquando do lançamento da RBE é irreversível.

Daremos então conta do novo paradigma das BE's e da sua relação com toda a comunidade educativa. As mudanças nesse paradigma começam por ser estruturais. Há uma alteração profunda que percorre toda a pirâmide educacional.

Em primeiro lugar, tem de haver uma política da gestão das escolas/agrupamentos que compreenda que a BE tem uma importância fulcral na melhoria das aprendizagens dos discentes, a qual deve especificar quando, onde, para quem e por quem deve ser concretizado todo o seu potencial. A BE deve ser entendida como uma inovação organizacional que afecta todo o estabelecimento de ensino, quer no seu funcionamento interno, quer na sua relação com a comunidade local. Zybert (2002) aponta exactamente alguns factores que influenciam a qualidade da BE: a organização da biblioteca; a sua acção educativa e a actividade dos agentes que aí trabalham.

A BE é o núcleo das aprendizagens. Esta dimensão estratégica da BE valoriza as aprendizagens informais, salientando-se o desenvolvimento do gosto pela leitura como actividade de lazer. Para poder realizar as suas funções, deve assegurar, durante as horas de funcionamento da escola, um serviço de apoio aos potenciais utilizadores, nomeadamente na utilização livre do acervo documental; empréstimo domiciliário; empréstimo para as salas de aula ou outros locais da escola ou de outras escolas do agrupamento ou, eventualmente, da rede de bibliotecas onde a escola/agrupamento possa estar inserida; reprodução de documentação; pesquisas *online*...

As Bibliotecas Escolares são hoje verdadeiros Centros de Recursos Educativos, o que significa dizer que é nelas que se encontra todo o fundo documental necessário ao apoio das aprendizagens que os docentes deverão desenvolver nos seus alunos. Mas estas bibliotecas são também locais onde a informação é difundida para os mais variados canais dentro dos estabelecimentos de ensino, assim como para o exterior, através das redes de comunicação digitais.

Perante esta política e estes objectivos, é necessário que haja uma equipa de professores que tenha a responsabilidade pelo desenvolvimento dos serviços da BE. A divulgação das modalidades de utilização da BE e as actividades pedagógicas e culturais devem merecer particular atenção no quadro específico de cada escola. A mesma equipa deve ter capacidades e competências para:

- A comunicação de forma positiva, e com abertura de ideias, com crianças, jovens e adultos;
- A compreensão das necessidades dos utilizadores;
- A cooperação com indivíduos e grupos dentro e fora da comunidade escolar;
- Apoio aos utilizadores na consulta e produção, em diferentes suportes;
- A orientação aos alunos para que sejam apoiados, mas se sintam autónomos;
- Iniciativas de orientação e dinamização;
- O entendimento da diversidade cultural;
- As metodologias de aprendizagem e teorias pedagógicas e educativas;
- A literacia de informação e de como usar a informação;
- Os materiais que integram a colecção da BE/CRE e das formas de lhe aceder;
- A literatura, os media e a cultura para crianças e jovens;
- A gestão e o marketing;
- As tecnologias de informação;
- A concepção e lançamento de iniciativas disciplinares e interdisciplinares.

Pelas razões anteriormente invocadas, é de extrema importância que a equipa da BE seja constituída por elementos com formação específica em Bibliotecas e também com muita motivação. Actualmente há formação nesta área emergente, segundo os novos paradigmas educacionais, pelo que, sempre que possível, os docentes que pretendam dedicar-se à BE deverão enriquecer-se em acções de formação, seminários, colóquios,

entre outro tipo de encontros de bibliotecários. A partilha do conhecimento e de boas práticas é fundamental para que os profissionais das BE's valorizem perante a comunidade educativa esse nobre espaço, conseguindo-se, dessa forma, a melhoria significativa das aprendizagens dos discentes.

Embora os assistentes operacionais que aí trabalham não façam parte da equipa da BE, devem ser técnicos especializados. Desta forma, também é necessário que tenham formação, sobretudo a nível da prestação de serviços, apoio técnico e tratamento documental. Todos estes elementos devem possuir um bom entendimento da política de serviços da BE e também ter a consciencialização de quais são os seus deveres e responsabilidades, que se encontram hoje bem definidos.

A BE é o local onde está disponível e organizado um importante acervo documental para apoio e complemento das aprendizagens ministradas na sala de aula. Deve haver uma articulação entre o professor de sala de aula e o professor bibliotecário, juntamente com a restante equipa, para que todos os recursos tecnológicos e documentais sirvam os alunos, apoiando o ensino e a aprendizagem.

Trabalhar em articulação, em cooperação com os professores da sala de aula requer bastante diálogo e tempo. Porquê?

Estamos a entrar num espaço até agora “pertença” de uma só pessoa que foi formada para trabalhar apenas com os seus alunos e não com a “interferência” de um professor da biblioteca. Mas os muros devem ceder, embora paulatinamente, pois o interesse dos discentes e a compreensão e formação dos docentes tem de ser uma realidade.

É muito importante a frequência da BE pelos professores, pois eles devem ser um exemplo de boas práticas para os seus alunos, mas infelizmente uma grande parte ainda não frequenta este espaço. Ao alhearem-se, não cooperam com o professor bibliotecário e equipa no trabalho que deve ser desenvolvido em prol dos discentes. Quando todos os professores cooperam, a missão de ajudar, de ensinar, torna-se mais fácil e mais proveitosa.

Necessária é também a percepção que os docentes dos diferentes subdepartamentos devem ter do fundo documental, do seu valor enquanto fonte de pesquisa do conhecimento. Este conhecimento vai permitir-lhes a potencialização desses documentos para a preparação das suas aulas, assim como o enriquecimento das mesmas, valorizando-as. Conhecedores da qualidade, quantidade e do formato dos documentos mais direccionados

para as suas áreas curriculares, poderão sugerir anualmente a aquisição de outros títulos que considerem pertinentes para a melhoria das aprendizagens dos discentes.

Mas a BE também deve ser vista como um espaço para o desenvolvimento de competências na procura, recolha, selecção e processamento da informação, competências no domínio das novas tecnologias de informação e comunicação, pois as bibliotecas estão a avançar a um ritmo tecnológico tão grande que a incapacidade de lidar com as novas tecnologias é uma barreira para o acesso à informação e, subseqüentemente, ao conhecimento.

Apesar de existir na escola, a BE tem de ser promovida junto de toda a comunidade escolar. Só desta forma poderá ganhar uma maior visibilidade. Importa dizer que esta visibilidade será sempre o trabalho que o professor bibliotecário e a equipa da BE desenvolverem, a dinâmica que implementarem. Quando existe uma dinâmica os outros parceiros não podem alhear-se dessa energia cinética qualificada.

A cooperação entre estes agentes é essencial para otimizar o potencial dos serviços da BE, de molde a:

- Desenvolver, instruir e avaliar a aprendizagem dos alunos ao longo do currículo;
- Desenvolver e avaliar as competências dos discentes em literacia da informação e em conhecimento da informação;
- Desenvolver planificações de actividades lectivas;
- Preparar e conduzir programas de leitura e eventos culturais;
- Integrar tecnologias de informação no currículo;
- Explicar aos encarregados de educação a importância da BE.

É fundamental a construção de serviços eficientes e eficazes, que possam auscultar a comunidade educativa de molde a sentir as suas necessidades, administrar uma verba que possibilite a gestão rigorosa do orçamento anual (muitas vezes inexistente), proceder ao tratamento técnico do fundo documental, ao abate e à avaliação do mesmo, para que a qualidade melhore de ano para ano.

A BE tem de ser um projecto de toda a comunidade educativa. Todos a devem sentir sua, com o intuito de melhor servir os discentes e demais utilizadores. Nesse sentido, deve haver um envolvimento geral na dinamização e na tomada de decisões deste espaço nuclear.

Para além dos que já foram enunciados, podemos também referir as redes locais/regionais de bibliotecas, os encarregados de educação, representados pela Associação de Pais, a Biblioteca Municipal e outras forças vivas da região, como a autarquia, grupos culturais e recreativos.

Devemos também aludir a um outro aspecto primário, a comunicação. Esta centra-se no pleno entendimento que deve haver entre as partes, sobretudo as que fazem a gestão pedagógica, técnica e financeira. A importância decorre da necessidade de não poder haver falta de sintonia, o que poderia prejudicar seriamente o interesse dos alunos e, nesse sentido, dos seus encarregados de educação, da própria escola e da comunidade em geral. A articulação/cooperação que deve existir entre a gestão do estabelecimento de ensino, o professor bibliotecário e os professores de sala de aula prende-se precisamente com a importância que os alunos nos merecem. Eles são o princípio e o fim do nosso trabalho. Possibilitando o acesso a fontes de informação e sendo agentes de boas práticas nas BE's e nas escolas estamos a formar cidadãos mais capazes para integrarem a sociedade que os aguarda como alavancas da dinamização e inovação, ou seja, do progresso.

Os aspectos de comunicação apontados remetem-nos para um estudo realizado por Paula Montgomery (1991) sobre os “estilos cognitivos”, também denominado “estilo de aprendizagem”, na forma como afectam o normal funcionamento entre o professor bibliotecário e o professor da sala de aula, a nível da forma de pensar no seu local de trabalho, as suas preferências sensoriais e a maneira como formulam e comunicam as suas ideias. O “estilo cognitivo” inclui a dependência ou independência do campo, exploração, amplitude de categorização, conceptualização de estilos, complexidade ou simplicidade cognitiva, reflexão ou impulsividade, nivelamento ou afinação, controlo constringido ou flexível e tolerância para experiências incongruentes ou irrealistas.

A dependência ou independência, para além do que as próprias palavras sugerem, estão relacionadas também com a idade, o sexo, a realização e a escolha da carreira. Neste artigo de Montgomery são mencionadas as experiências com o trabalho desenvolvido por Saracho e Dayton junto dos seus alunos, tendo-se constatado que os melhores resultados foram obtidos pelos professores independentes.

A partir do momento em que o professor bibliotecário interage com os estudantes a cooperação entre professor bibliotecário e professor de sala de aula é maior.

Concluiu-se que o “estilo cognitivo” do professor bibliotecário é significativo quando realiza um trabalho com os professores sobre as potencialidades da BE. É de salientar a importância do tempo disponibilizado colaborativamente para o planeamento das actividades. Também se concluiu que a dependência do campo faz diferença em relação à cooperação. O relacionamento entre o estilo e a realização cognitiva do estudante e do professor mostrou que o “estilo cognitivo” dos professores está relacionado positivamente com a realização do estudante ao nível do tempo de instrução directa, do planeamento, da cooperação e das estratégias de ensino. Este estudo permite apontar para a necessidade de se ajustar atitudes e comportamentos entre os diferentes intervenientes do processo de ensino e aprendizagem.

As escolas são uma pequena comunidade social. Poderão ser comparadas a um laboratório. Pretende-se dizer com isto que os seus utilizadores, professores, alunos, assistentes operacionais, entre outros, têm formas próprias de agir, de pensar, de organizar o seu trabalho. O ser humano tem padrões atitudinais e comportamentais diferentes, diversificados, o que é uma mais-valia.

Os objectivos de qualquer estabelecimento de ensino, na sua articulação com a sociedade e o poder político, são a melhoria constante dos resultados escolares dos discentes. Só desta forma a escola será útil à sociedade, formando bons cidadãos e bons profissionais.

As escolas possuem um espaço que tem de ser optimizado para os dois grandes objectivos atrás mencionados – a Biblioteca Escolar. O professor bibliotecário deverá saber lidar com todos, desde os mais dependentes aos independentes. Como vimos há factores intrínsecos que condicionam as diferentes posturas. A postura mais autónoma estará ligada ao desenvolvimento de maiores capacidades laborais, cognitivas e mesmo afectivas (auto-estima).

A prática também nos mostra que quando se trabalha em parceria os resultados são melhores. Poderíamos aplicar aqui a máxima “A união faz a força.” O interesse comum pela melhoria das aprendizagens dos alunos poderá desencadear uma maior articulação entre professor bibliotecário e o professor da sala de aula. Os discentes podem ser os agentes mobilizadores das parcerias. A sua vontade, o seu querer, a sua determinação desencadeiam a articulação entre os intervenientes atrás mencionados.

Não há regras para este, como para outros casos. Haverá uma maior inclinação para um determinado tipo de relacionamentos, mas nunca uma solução padrão. O ser humano, na sua relação profissional e social, não se rege apenas por normas, mas também por um determinado número de circunstâncias e características intrínsecas.

O conhecimento da realidade da BE advém da interação que os docentes possam ter com a equipa da BE e do seu próprio interesse em querer inteirar-se da realidade que é a biblioteca, das suas valências e a qualidade dos seus recursos, sobretudo o valor do seu fundo documental. Sem uma vontade, sem a deambulação salutar pelo espaço em causa, não será possível ter-se um conhecimento das potencialidades da BE.

As Bibliotecas Escolares melhoraram significativamente em Portugal, como noutros países. O que está na génese da valorização do espaço Biblioteca é o interesse objectivo dos discentes. É importante que a dinamização pedagógica das Bibliotecas Escolares seja uma realidade, pois só dessa forma se rentabilizará o espaço, sobretudo na pesquisa e produção. Nesse sentido, os discentes devem ser orientados nas suas tarefas, uma vez que a rentabilização do tempo gasto nas mesmas pode ser um aspecto positivo, dada a proliferação de fontes documentais, sobretudo a pesquisa na Web.

Não é possível estancarmos o avanço quantitativo e, sobretudo, qualitativo empreendido nas BE's. Elas estão dotadas de estruturas físicas, técnicas e pedagógicas, alargamento de valências, indutoras da melhoria das capacidades científicas, culturais e lúdicas dos seus utilizadores. O mobiliário está adaptado de acordo com as diferentes zonas funcionais e com as faixas etárias dos seus utilizadores. Os meios tecnológicos são hoje uma realidade marcante nas BE's. A participação no currículo mostra-se cada vez mais forte e a divulgação e dinamização cultural estão em crescendo.

As Bibliotecas Escolares que encetaram a caminhada na RBE há mais tempo terão eventualmente melhores práticas, outras estão a iniciar agora o seu percurso. O ritmo é diferente, mas a breve trecho todas as BE's estarão a desenvolver planos de acção capazes de contribuir para a melhoria dos resultados escolares dos discentes.

O ensino nas escolas já não é (apenas) o tradicional *magister dixit*, mas um ensino mais colaborativo, mais participado pelos diferentes agentes. Alunos e professores são parceiros na construção do conhecimento. Os professores não transmitem apenas o conhecimento, também ensinam e estimulam os discentes a desenvolverem mecanismos e técnicas de pesquisa, a elaborar os seus trabalhos e a questionar, inclusive, os conteúdos. Neste enfoque, a BE ganha uma dimensão muito maior e é nos alunos que deve centrar a

sua principal atenção. Estes deverão olhar para a BE e senti-la como um espaço atractivo, onde poderão, com o apoio dos profissionais que aí trabalham, complementar o esclarecimento das suas dúvidas cognitivas, pesquisando nos diferentes suportes documentais, elaborar trabalhos académicos, realizar os seus trabalhos de casa, fruir a leitura de um bom livro ou mesmo de uma revista ou de um jornal, entre outras possibilidades.

É nesta nova realidade que se destaca o papel do professor bibliotecário. Ele deve possuir o conhecimento dos diferentes saberes, para, dessa forma, poder apoiar os discentes na procura de informação associada ao currículo.

A BE mudou muito a sua forma de ser e de actuar. Há hoje diferentes espaços funcionais na BE, que se complementam e que também proporcionam o enriquecimento das componentes lúdica e cultural. Realcemos ainda a disponibilidade temporal que abrange o horário escolar dos alunos. Nos estabelecimentos onde há aulas em horário nocturno, as BE's estão abertas desde o início da manhã (oito e quinze ou oito e trinta) até às vinte e três horas, de uma forma geral, embora os horários sejam ajustados a cada realidade escolar.

Porém, a maior novidade nas BE's é a sua parceria pedagógica, incluindo o Projecto Educativo (PE). O professor bibliotecário e a sua equipa devem ter um plano de acção direccionado para as boas práticas, nomeadamente no âmbito das literacias de informação, as diferentes competências que permitem aos utilizadores a orientação, selecção e recolha de informação; no incremento da leitura; na fruição cultural.

Tudo isto só é viável com uma organização eficaz das BE's: a sua divisão em diferentes zonas funcionais, a arrumação do fundo documental segundo a CDU, o livre acesso a todas as fontes de informação, a circulação do fundo documental, a criação de um ambiente acolhedor (por vezes com música ambiente, realização de exposições, decoração temática apropriada, entre outras) que motive sobretudo os alunos e a existência de pessoas na BE que estejam predispostas a colaborar e que sejam afáveis para com os utilizadores.

Ford (2004) refere que é importante não perdermos de vista o papel da biblioteca no aproveitamento do aluno. Diz também que há quatro maneiras de criar ambientes que terão impactos positivos no desempenho dos discentes:

- A remoção de barreiras ao isolamento: o nosso trabalho nem sempre é visível aos outros e, como tal, devemos abrir as portas, comunicar com o exterior e alargar o horário

da BE, inclusive em alturas diferentes, como à noite, aos fins-de-semana e durante outros períodos ao longo do ano.

- Estabelecer um forte relacionamento entre professores de sala de aula e o professor bibliotecário: o relacionamento cordato e afectivo com os outros colegas é muito importante, assim como a marca de liderança.

- Ter uma boa política de desenvolvimento da colecção: há três elementos fundamentais para um bom desenvolvimento da colecção: ser actual, vasta e de livre acesso.

- Proporcionar um bom ambiente: as BE's devem ser atractivas para toda a comunidade escolar, sobretudo alunos e professores.

Zybert (2004) cita Bonstingl, que aponta quatro pilares da qualidade das escolas num novo paradigma de educação: a compreensão da natureza das relações entre os que transmitem/partilham a informação e os que a procuram; constante dedicação à melhoria contínua; um sistema de orientação e uma liderança forte e consistente de gestão e de todos os que se preocupam com a qualidade.

A BE deve ser também um elo de ligação com a comunidade educativa. Se e quando for possível, devemos levar os pais/encarregados de educação à BE. As reuniões dos Directores de Turma podem ser realizadas, pelo menos uma vez por ano, na biblioteca. No entanto, para que esta situação possa ser exequível, a BE deve possuir condições físicas para a consecução desta ideia. É necessário proceder-se, previamente, à calendarização das reuniões. Tudo isto exige um trabalho de planeamento muito bem elaborado, para que os utilizadores da BE não sejam prejudicados com estas reuniões e para que a sua concretização nesse espaço possa ser importante para a imagem e consciencialização que os pais/encarregados de educação devem ter da escola e, concretamente, da biblioteca.

A marcação destas reuniões para as BE's não é feita de forma inocente. Desta maneira podemos aproveitar o momento para promover a BE junto dos pais/encarregados de educação com uma dupla finalidade: em primeiro lugar, mostrar a mais-valia de que os seus educandos dispõem para o enriquecimento curricular e cultural; em segundo lugar, possibilitar aos pais/encarregados de educação o uso desse mesmo espaço, sobretudo através do empréstimo domiciliário, à semelhança do que já fazem os seus filhos ou familiares.³

³ É evidente que esta possibilidade deverá ser acordada previamente com a direcção da escola e mesmo a sua aprovação em Conselho Pedagógico.

Esta iniciativa poderá ser uma boa estratégia para arranjar parceiros para o combate às baixas taxas de leitura. Temos hoje, promovidas pelo Plano Nacional de Leitura, um conjunto de iniciativas que visam precisamente aumentar os índices de leitura dos alunos. As famílias devem ser parceiras destas iniciativas, sobretudo quando os alunos são de faixas etárias mais baixas. Actualmente há projectos como o “Já sei ler”, “Ler + em família” e o “Ler em vai e vem”, que potencializam essa articulação necessária e imprescindível. A família foi e deverá continuar a ser um pilar da educação e formação dos jovens. A família deve ser um parceiro activo da escola e, concomitantemente, da Biblioteca Escolar.

As escolas e as BE's têm de ser espaços vivos da sociedade onde se inserem. É neste sentido que devemos tentar envolver mais os pais na escola, não apenas para lhes transmitirmos comportamentos incorrectos dos seus educandos e/ou fracos desempenhos escolares, mas sobretudo para lhes mostrarmos e partilharmos o que a escola, neste caso a BE, lhes pode facultar: momentos de cultura, de recreação e, sobretudo, de aprendizagem.

Por que não abrir programadamente a BE ao sábado, sobretudo em meios mais rurais, onde as bibliotecas municipais não existem ou se encontram longe, ou estão fechadas? Estas experiências poderão ser ou não bem sucedidas. O importante é tentar fazê-las. O grau de adesão da comunidade é que dirá da sua necessidade e continuidade futuras.

A BE e a escola devem reinventar-se para que muitos jovens que não têm famílias estruturadas ou cujos progenitores, por variadíssimas razões, não podem apoiá-los nas suas aprendizagens e também no seu crescimento equilibrado a nível das atitudes e valores possam ter uma âncora firme onde procurar apoio.

Os meios tecnológicos poderão ser um parceiro muito importante e eficaz para que a corrente se mantenha e não permita o descarrilamento de seres “frágeis” em formação e crescimento.

Recordamos aqui, em jeito de síntese agregadora dos aspectos que fomos mencionando, dois documentos fundamentais na história das Bibliotecas Escolares: o Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (1999) e o documento da *American Association of School Libraries* (1998).

Segundo o Manifesto, a gestão das BE's deve permitir a concretização de elementos fundamentais, como a articulação com o curriculum escolar, para o que deve corresponder às necessidades de docentes e de alunos, potenciando o sucesso educativo. A Biblioteca Escolar deve também ser organizada e mantida de acordo com *standards* profissionais, tendo em conta, designadamente: financiamento e orçamento; condições físicas; recursos; organização; pessoal; promoção.

O documento da *American Association of School Libraries* (1998) refere a BE como um pilar de toda a aprendizagem: aprendizagem para todos, colaboração, recursos, serviços, meios técnicos, leitura e espaço lúdico.

Para que estes pressupostos se verifiquem é necessário a implementação de uma aprendizagem em permanente actualização de conhecimentos e processos, sustentada em bons recursos e serviços, formação de competências para os usar e também a consciencialização da importância das BE's nas vertentes educativa, lúdica e parceira de formação ao longo da vida.

Hoje estão muito bem definidas as funções das BE's, no entanto o caminho ainda está a começar a ser trilhado. As mentalidades não se alteram de um momento para o outro. Esta realidade é incontornável. Há escolas onde os professores ainda não interiorizaram a importância da BE. Olham-na de soslaio. Isto poder-se-á dever a várias razões, nomeadamente à dinâmica empreendida, o que mexe com práticas enraizadas de muitos docentes que não estavam habituados a trabalhar em parceria. As suas práticas nunca passaram pela biblioteca. Os professores ainda oferecem muitas resistências. A “obrigação” da BE é, precisamente, alterar hábitos e procedimentos, quando eles não correspondem aos novos conceitos das Bibliotecas Escolares com intervenção directa no currículo.

Muitas BE's já são geridas por professores com formação específica. Para além da formação, também é necessária capacidade de liderança e de colaboração com a comunidade educativa, para além, muitas vezes, de um grande espírito de missão, pois, apesar de tudo o que já foi feito, ainda há algum desconhecimento na comunidade docente da verdadeira dimensão do que são hoje as Bibliotecas Escolares.

1.1. A BE e o sucesso escolar

A sociedade evolui, tendo em vista a melhoria das condições de vida, a nível pessoal, social, profissional, político, económico, cultural, ...

No percurso de aprendizagem do ser humano, que se inicia, a nível institucional, no ensino Pré-escolar e só deve terminar com o corte do fio da vida, por Átropos, as medidas nacionais e internacionais adoptadas para a qualidade da aprendizagem têm hoje como epicentro as Bibliotecas Escolares.

Neste sentido, iremos constatar a preocupação para a dignificação deste espaço, que é a BE, a fim de haver uma melhoria qualitativa e mesmo quantitativa das aprendizagens.

Segundo Eisenberg & Miller (2002) houve um conjunto de factores que se entrecruzaram para que as BE's tivessem sofrido alterações significativas, como as novas tecnologias da informação e da comunicação, a importância do papel do coordenador, a colaboração de outros professores, a colaboração dos próprios estudantes, os serviços de informação, a informação especializada, o gestor de programas, a gestão, o pensamento e o planeamento estratégicos e a avaliação.

Temos então uma teia que, a partir dos seus vários fios, converge para um ponto, um objectivo: a melhoria das aprendizagens. Aprendizagens porque na BE se podem adquirir várias competências. As competências de saber manusear as novas ferramentas digitais, o que é fácil de assimilar pelos discentes, pois foram nados na era dos meios tecnológicos. As competências da pesquisa de informação. As competências da elaboração de trabalhos. As competências da leitura. Em suma, as competências centrais associadas à aprendizagem.

Estes autores também mencionam que não é fácil mudar percepções. Praticamente todos os professores bibliotecários, nesta fase ainda juvenil da implementação massiva das BE's em Portugal, sentem inúmeras resistências de adesão a este projecto abrangente por parte de um número ainda alargado de professores.

As Directrizes da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Escolares, emanadas em 2006, aludem no *Capítulo 3. Pessoal*, na *alínea 3.4.*, a cooperação entre professores e BE. É mencionado que a cooperação entre professores de sala de aula e o professor bibliotecário é essencial para otimizar o potencial dos serviços da BE. É de facto

necessário que haja uma dinâmica colaborativa muito maior entre professor bibliotecário e os outros professores, tendo em vista o sucesso educativo dos nossos alunos. Podemos constatar que em Portugal, como aconteceu noutros países, este processo não é fácil de assimilar.

Loertscher's (1999) aponta uma taxonomia com directrizes para o trabalho dos professores com a biblioteca/professor bibliotecário:

Nível	Taxonomia BE/Professor Bibliotecário	Taxonomia do Professor de sala de aula
1	Não há envolvimento na biblioteca: A BE é totalmente ignorada, não havendo esforço do professor bibliotecário para se envolver em qualquer sequência de ensino.	Ensino auto-suficiente: O professor não tem necessidade de recorrer à BE. Dispõe dos seus próprios materiais ou acede a eles por outras vias.
2	A infra-estrutura de informação é disponibilizada de modo discreto: Organiza os documentos e meios técnicos para que os alunos e professores acedam à informação quando necessário.	Ensino com materiais requisitados ou colecções acessíveis por via electrónica: Requisita materiais na BE, na BM, ou noutras fontes, para uso nas suas aulas.
3	Assistência de referência individual: Atende a pedidos específicos dos alunos e dos professores. É também o intermediário humano entre a tecnologia e os utilizadores.	Utiliza a equipa da BE como fonte de ideias: Confia na equipa da biblioteca para recolher sugestões de novos materiais a usar nas suas aulas.
4	Responde a interesses resultantes da interacção espontânea: Aproveita as ideias espontâneas de professores e alunos, disponibilizando materiais da BE ou da Web que permitam desenvolvê-las.	Uso da equipa e dos recursos da BE para enriquecer uma unidade de ensino: As actividades que desenvolve por recurso à BE não são consideradas essenciais mas enriquecedoras da experiência de aprendizagem.
5	Planificação incipiente: Planifica informalmente nos locais de encontro com os professores e os alunos (sala de professores, corredores, bar, ...) ou por e-mail, propondo actividades que possam já ter mostrado resultados positivos em outros contextos.	Uso dos recursos da BE como parte dos conteúdos de uma unidade de ensino: Os materiais e/ou as actividades da BE são integradas nas unidades de ensino em vez de servirem de complemento.
6	Recolha planeada de materiais e recursos: Procura disponibilizar, por antecipação, os materiais necessários ao desenvolvimento de projectos de trabalho propostos por professores ou alunos. Pode usar diversas fontes ou recorrer ao empréstimo interbibliotecas.	O professor e o professor bibliotecário experienciam a parceria no processo de ensino e aprendizagem: Os parceiros definem estratégias de ensino e experiências de aprendizagem susceptíveis de contribuir para o sucesso académico dos alunos.
7	Faz a apologia do recurso à BE: Desenvolve esforços concertados para promover a filosofia do programa da BE.	

8	Desenvolvimento dos quatro principais elementos programáticos da BE: Colaboração, literacia da leitura, aprendizagem através da tecnologia e literacia da informação são operacionalizadas na escola.	
9	Maturidade do programa da BE: A BE vai ao encontro das necessidades de cada estudante ou professor, os quais aceitam os conselhos do professor bibliotecário em cada um dos quatro elementos programáticos (mencionados no ponto 8).	A parceria entre o professor e o professor bibliotecário torna-se um elemento natural no processo de ensino e aprendizagem: Ambos planificam, executam e avaliam as experiências de aprendizagem enquanto parceiros de um mesmo processo.
10	Desenvolvimento do currículo: Com outros educadores, o professor bibliotecário contribui para a planificação e organização do que efectivamente vai ser ensinado na escola.	Desenvolvimento curricular: O professor bibliotecário é consultado quando se pensa em alterações curriculares. Fazem-se planificações antecipadas dessas mudanças e do seu impacto no programa da BE.

Quadro 1 - Taxonomia de Loertscher's (1999)

Analisando o que tem sido feito nas bibliotecas escolares, constataremos que as práticas que se verificam nas nossas escolas enquadram-se nas primeiras cinco directrizes, consoante os métodos e as práticas dos professores. O que se pretende é que se caminhe para as duas últimas, o planeamento colaborativo de instrução e de desenvolvimento curricular.

Este será o quadro ideal. Julgamos que está a encetar-se esta caminhada, contando com o trabalho articulado dos professores bibliotecários, a supervisão e apoio dos coordenadores interconcelhios e com os normativos emanados da RBE, sobretudo no que está vertido no Modelo de Auto-Avaliação da Biblioteca Escolar, na sua última versão de 12 de Novembro de 2009, sobre o qual nos debruçaremos noutra momento deste estudo.

Ross Todd (2009), na sua última passagem por Lisboa, também nos deixou algumas ideias sobre as bibliotecas e o currículo, incidindo na maneira como se deve ensinar o aluno neste ainda novo século. Nesse sentido, lançou alguns desafios, que pela sua relevância enunciamos aqui em síntese. Segundo este professor e investigador, é preciso transformar as BE de centros de informação em centros de conhecimento, em locais onde as crianças e jovens aprendem a saber mais sobre o currículo, sobre eles próprios e sobre o mundo. Diz-nos que à medida que os jovens usam mais a internet para pesquisar, frequentam menos as bibliotecas. No entanto, a informação que recolhem da internet é muito superficial. É necessário ajudá-los a transformar a informação em conhecimento.

Refere ainda que os sistemas educativos têm de compreender que as metodologias se devem basear no trabalho de investigação (questionamento constante, descoberta, pensamento crítico, reflexão e construção de verdadeiro conhecimento). Mais importante do que encontrar, é compreender. Neste novo paradigma, o professor bibliotecário deve ser um agente dinâmico da aprendizagem.

É igualmente fundamental promover práticas baseadas na recolha de evidências: devemos anotar as evidências do que existe, recolhendo dados da nossa prática e analisando o seu impacto sobre os alunos. Poder-se-á fazer este trabalho através da pesquisa em acção; níveis de desempenho; estratégias de feedback; avaliação do processo e dos resultados; comentários; inquéritos e a análise dos resultados.

A construção de equipas e parcerias é uma metodologia fulcral: o professor bibliotecário deve trabalhar com parcerias, pois a sua colaboração com os demais professores é benéfica para os alunos, uma vez que se atingem objectivos comuns: o conhecimento aprofundado do currículo, a melhoria das competências literárias, a melhor qualidade das aprendizagens e a compreensão mais aprofundada da biblioteca. O trabalho de parceria deve incluir o Director, o responsável das TIC, outros professores, coordenador das NACs, psicólogo, Associação de Pais, Biblioteca Municipal, entre outras parcerias.

A utilização de ferramentas da Web 2.0 para desenvolver o processo de pesquisa/investigação é também um aspecto a ter hoje em conta: estas ferramentas facilitam a interacção entre as comunidades, promovem a comunicação, a colaboração e a criatividade entre os utilizadores.

Conclui afirmando que é preciso reinventar as BE's: estas, em vez de serem o coração/centro da escola, devem fazer parte de toda a escola, devem fornecer as ferramentas intelectuais e sociais para que se possa promover a criatividade.

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Delors, 2003) fala-se, precisamente, na necessidade de o professor ter de estabelecer uma nova relação com quem está a aprender, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não já alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda uma vida.

Também é dito:

Apesar de, como sucede na maior parte dos casos, o professor trabalhar sozinho na sua aula, ele faz parte duma equipa cujos membros constroem, em conjunto, o que poderíamos chamar a cultura da escola. Esta, dificilmente poderá oferecer um ensino de alta qualidade se não dirigida com eficácia pelos responsáveis pela gestão, *com a cooperação activa dos professores*. (Delors, 2003: 192)

Reflectindo sobre este caminho que deve ser prosseguido, constatamos que apesar de haver hoje estruturas físicas de boa qualidade, tanto a nível de mobiliário e equipamentos como de um fundo documental, com uma qualidade e quantidade muito maiores em relação ao passado, falta ainda uma plena assunção por parte dos professores de sala de aula da importância que a BE deve assumir na aprendizagem dos discentes.

Não é fácil o professor alterar o paradigma até agora assumido: o docente com os seus alunos num espaço de sala de aula sem a interferência de outros intervenientes. Esta abertura está a ser paulatina e, em muitos casos, difícil. Apesar das resistências, o professor bibliotecário deve ser um elemento aglutinador e, como tal, deverá ter a capacidade de conseguir um objectivo comum a toda a comunidade educativa – a aprendizagem qualificada dos discentes.

A este propósito, É mencionado no *Information Power* (ALA, 1998, pp. 50-51):

Essential as librarians work with teachers to plan, conduct, and evaluate learning activities that incorporate information literacy; Critical as librarians work with teachers and administrators to build and manage collections that include all formats and support authentic, information-based learning; and Basic as librarians work with teachers, administrators, parents, and other members of the learning community to plan, design, and implement programs that provide access to the information that is required to meet students' learning goals.

O professor bibliotecário deve possuir uma visão estratégica e, nesse sentido, ser capaz de ter um pensamento estratégico e um bom planeamento. O Plano de Acção e o Plano Anual de Actividades da BE são o reflexo disso mesmo. Estes documentos não podem estar isolados da escola, eles devem estar articulados com o próprio Plano Anual de Actividades da Escola/Agrupamento, o qual, por seu turno, está em sintonia com o PE.

Não os devemos entender como metas, mas sim como percursos que conduzem a um objectivo que se pretende melhorar ano após ano – a melhoria significativa das aprendizagens e a aquisição do gosto pelo conhecimento.

Podemos ver no documento *The IFLA/UNESCO School Libraries Guidelines* (2006) que a BE deve ter como missão proporcionar informação e ideias fundamentais

para podermos ter sucesso na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento, pois é cada vez mais competitiva e exigente. Conforme também apontam Wavell & Coles (2001), a BE tem um papel preponderante em relação ao cumprimento dos objectivos curriculares. Tem também uma missão cultural, o que contribui para uma boa formação dos discentes. Além disso a BE deve desenvolver nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida, tornando-os cidadãos críticos, criativos e responsáveis.

Podemos dizer que as seis grandes funções atrás indicadas se decompõem em vários objectivos da BE, que Silva (2000) enumera:

- Apoiar a realização do Projecto Educativo e do Plano Anual de Actividades;
- Satisfazer exigências curriculares e decorrentes do sistema educativo;
- Dar resposta às solicitações impostas pelos programas;
- Colaborar com as aulas;
- Facultar documentos para as aulas;
- Elaborar e solicitar a elaboração de documentos para as aulas;
- Desenvolver actividades informativas/formativas;
- Favorecer a construção da aprendizagem e a interacção/actualização constante de saberes;
- Dotar os alunos de capacidades que lhes permitam recorrer à maior quantidade possível de informação e facilitar-lhes esse recurso;
- Criar nos alunos hábitos de frequência de bibliotecas para fins não só de fruição, como de informação e formação;
- Reunir e organizar/disponibilizar toda a documentação existente na escola para que possa ser útil em qualquer momento a toda a comunidade educativa;
- Criar um ambiente adequado para o acesso à documentação existente;
- Promover actividades de motivação e preparação para a leitura;
- Promover o enraizamento do gosto/interesse pela leitura e pela aquisição da sua competência;
- Estabelecer interacções externas à escola no âmbito da documentação e da informação;
- Promover o desenvolvimento do espírito crítico, o enraizamento de valores humanistas e a preparação para a vida.

Ainda podemos acrescentar que a BE deve:

- Proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e do lazer;
- Organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
- Trabalhar com os discentes, professores, órgãos de gestão, encarregados de educação de modo a cumprir a missão da escola;
- Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia.

A Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares alude no Princípio 7 da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança:

Cada criança tem direito a receber educação, obrigatória e gratuita, pelo menos ao nível do ensino básico. Ser-lhe-á administrada uma educação que desenvolverá a sua cultura geral e lhe permitirá, numa base de igualdade, desenvolver as suas habilidades, capacidade de decisão e uma consciência moral de responsabilidade social, tornando-o um membro útil da comunidade.

O que podemos verificar pela nossa experiência enquanto professores bibliotecários leva-nos a concluir que a utilização que os discentes fazem da BE, de um modo geral, nem sempre se coaduna com a melhor maneira de se conseguir o sucesso. É necessário repensar normas e procedimentos na BE. Os alunos têm direito à livre escolha do seu uso, nomeadamente para a sua utilização como espaço de diversão, mas a biblioteca tem de ser mais do que um local de mero entretenimento. A BE deve encontrar soluções que consigam conciliar a parte lúdica com a cultural e científica. Este trabalho terá de ser feito em articulação entre o professor bibliotecário e a sua equipa, os professores directores de turma (mesmo todos os professores que nas suas aulas devem inculcar nos discentes a importância das boas práticas na utilização dos recursos que a BE coloca ao dispor de todos, mais concretamente dos alunos) e os próprios pais/encarregados de educação.

Por sua vez, o Documento *Relatório Síntese* da RBE (1996) diz que cada biblioteca deverá ser entendida como um centro de recursos multimédia de livre acesso, destinado à

consulta e à produção em diferentes suportes, para além de se tornar num centro de iniciativas, inseridas na vida pedagógica da escola, vocacionado para as actividades culturais e para a informação, e aberto à comunidade local.

1.1.1. A BE e a cultura de escola

A maior parte das Direcções das escolas que conhecemos estão em sintonia com os princípios emanados pela RBE. Mostram abertura para a realização de obras de beneficiação das BE's (sobretudo onde as mudanças de espaço implicam a tomada de decisões difíceis); entendem a necessidade da presença do professor bibliotecário no Conselho Pedagógico; a disponibilização de professores que auxiliam na BE; facultam, ainda que não de acordo com os termos legais, verbas (sobretudo para consumíveis); disponibilizam um(a) assistente operacional a tempo inteiro; atribuem carga horária para os professores da equipa da BE, entre outras situações, como pudemos constatar nas entrevistas, suporte deste estudo.

Os professores de sala de aula fazem ainda alguma, senão muita, resistência à parceria com a BE. Prova disso é o constante adiamento que a grande maioria dos subdepartamentos têm em entregar na biblioteca *web sites* para inserir nos favoritos; a não entregar uma calendarização de actividades que poderiam ser realizadas com a ajuda/parceria da BE; a pouca frequência com que vão à biblioteca escolar para se inteirarem de materiais didácticos para poderem potencializar com os seus alunos.

Urge encontrar factores de sucesso para a colaboração entre os professores e o professor bibliotecário. De acordo com Ken Haycock (2003), traduzem-se em: ambiente de trabalho; características do pessoal; processo e estrutura organizativos; comunicação; propósito do trabalho; recursos. Apoiados neste estudo, consideramos que no caso português os factores mais marcantes serão o *ambiente de trabalho* e o *processo e estrutura organizativos*, os que condicionam o incremento da colaboração e a consequente melhoria na construção educativa.

Começamos pelo *ambiente de trabalho*, ou pelo que também é denominado *Cultura de Participação* na Escola. Este conceito relaciona-se com a participação democrática, com o gosto pelo trabalho numa determinada escola, sentimento de integração e aceitação/reconhecimento, que comunga da mesma filosofia educativa e que, pela sua

actividade na escola, contribui para que ela realize a sua missão e atinja os objectivos e as finalidades que lhe são atribuídas.

Numa escola onde se verifica este ideal, havendo uma cultura de escola, aos docentes colaborativos é-lhes depositada confiança e reconhecida competência, são vistos como líderes legítimos e profissionais competentes. Como refere João Barroso (1995), entende-se neste contexto, *cultura de participação*, o reconhecimento da participação, por todos os membros da organização e pelos seus dirigentes, como um valor essencial que deve orientar todas as práticas desenvolvidas. E, neste caso concreto, de que forma a Biblioteca Escolar pode também contribuir para o processo de ensino e de aprendizagem, caminhar no sentido de garantir o sucesso educativo de todos?

Actualmente, esta cultura de participação, a existência de um ambiente de escola, propriedade de todos os intervenientes na vida de uma escola, está facilitada pelo facto de haver na classe docente uma maior estabilidade profissional. O facto dos concursos dos professores garantirem um vínculo de 4 anos, na nossa opinião, constituiu uma das condições base.

Até agora, um grande número de professores vivia uma grande instabilidade em cada novo ano lectivo. Eram colocados sucessivamente em escolas diferentes, o que impedia esta apropriação do “Ambiente da Escola” e o desenvolvimento de práticas de cultura de participação.

Em relação às Bibliotecas Escolares, esta realidade traduzia-se objectivamente em duas situações: ou as equipas eram formadas por professores afectos à escola, para garantir a continuidade, não podendo ser renovadas, porque, ainda que houvesse um ou outro elemento novo, um ano de trabalho na escola não era suficiente para estabelecer laços e raízes; ou então, as equipas mudavam todos os anos, porque os seus elementos não pertenciam ao Quadro de Escola/Agrupamento, impedindo a construção de um trabalho de continuidade, sólido e planeado.

Actualmente, com a nova modalidade de colocação de professores, com a nomeação do professor bibliotecário por um período de quatro anos, renovável por mais quatro, as equipas, na sua estrutura base, mantêm-se e “os professores novos” têm tempo para desenvolver o projecto, podendo assumir, inclusive, uma participação mais activa.

A esta realidade está aliado normalmente o factor *processo e estrutura organizativos*, ou seja, os Órgãos de Gestão Executiva e Pedagógica, aqueles que têm poder deliberativo na vida da escola e os que possuem maior “fiscalidade” sobre os

recursos, criam um ambiente político e social favorável à colaboração dos outros agentes educativos.

Os papéis e responsabilidades de uns e de outros estão claros e suportados por linhas de orientação. Os professores da escola são vistos como parceiros, participam no processo e é convocada a sua colaboração na finalização dos processos, actividades. Todos os intervenientes no Processo Educativo estão envolvidos: professores, alunos e assistentes operacionais. O comportamento típico, observado nestes casos, é a flexibilidade e a adaptação. Há um desenvolvimento de colaboração entre todos, em ritmo apropriado e sem ultrapassar as capacidades do grupo.

A gestão participativa implica a existência de negociação entre as diferentes categorias de participantes (professores, alunos e assistentes operacionais) e entre estes e as estruturas hierárquicas existentes. Não quer isto dizer que se actue no sentido de criar consensos para tudo e com todos, pretende-se apenas a formalização de processos de negociação explícita entre pessoas que têm interesses, ideias e pontos de vista diferentes. Ainda que estes processos de negociação possam e devam ocorrer em ambientes formais, em grande parte, também ocorrem, de forma natural, em ambientes informais.

Uma gestão participativa implica uma liderança empreendedora, isto é, capaz de fazer o diagnóstico, dar o impulso inicial, criar a ruptura com a situação anterior, gerir e animar o processo de mudança e introduzir-lhe as correcções necessárias e, ao mesmo tempo, dinamizar uma participação efectiva dos actores interessados, capaz de assegurar a mobilização das suas ideias, dos seus saberes, da sua experiência, das suas soluções, garantindo a edificação de um trabalho colaborativo.

Contudo, como diz Barroso (1995), a existência de uma Cultura de Participação na escola diz respeito, sobretudo, à maneira como se efectua a interacção quotidiana da vida escolar, entre os diversos membros da organização e pelos modos como se decide, se organiza e se realiza o trabalho, desde a sala de aula à escola, no seu todo, e à sua relação com a sociedade local. Conseguir-se criar na Escola uma Cultura de Participação, depende da capacidade dos agentes educativos aprenderem, quererem e conseguirem pôr em prática diferentes modalidades de trabalho colectivo (colaborativo), das quais se destacam as equipas de trabalho e as reuniões.

Transpondo para as Bibliotecas Escolares esta situação, sabemos que, na sua maioria, todas elas se organizam e desenvolvem através de uma equipa educativa, cujos elementos se movimentam no sentido de uma cultura de participação, orientam a sua actividade na biblioteca mas também na escola em geral, colaborando e contribuindo para

que Biblioteca e Escola realizem a sua missão e atinjam os objectivos e as finalidades que lhes são atribuídas.

Hannesdóttir (1995) menciona que a integração geral da biblioteca da escola e suas fontes no currículo são muito mais recentes e desenvolveram-se a partir de dois factores principais, a mudança da metodologia de ensino baseada na investigação sobre a aprendizagem dos estudantes e um aumento na disponibilidade de informação em fontes que podem ser úteis no contexto educacional.

Uma escola com uma biblioteca com um fundo documental muito diversificado é um pré-requisito para o enriquecimento do currículo para atender às necessidades do aluno. A BE desempenha um papel essencial no sentido de ajudar os alunos a desenvolver os conceitos de formação e em ajudá-los a adquirir as habilidades para a manipulação e gestão das fontes de informação.

O papel do professor bibliotecário varia de acordo com os objectivos pedagógicos das escolas, a metodologia de ensino nacional, a situação financeira, entre outras. A BE, como elemento central do processo educativo, deve estar mencionada em todos os documentos oficiais da escola/agrupamento, nomeadamente no Projecto Educativo, no Projecto Curricular de Escola/Agrupamento e no Regulamento Interno. Para além destes documentos também deve estar contemplada noutros que delineiam o rumo que se pretende, como a Política e o Plano de Desenvolvimento da Colecção e o Plano de Acção.

Podemos afirmar que os bons exemplos serão fundamentais para a mudança de práticas e mentalidades no uso (e abuso) da BE. Mas os bons exemplos devem ser dados pelos professores. Estamos cientes que a presença na BE dos professores com uma frequência regular também contribuirá para que os alunos tirem outro proveito desse espaço.

1.2. O professor bibliotecário

Todos nós estamos preocupados por causa do novo bibliotecário. Deverá ser digno, e maduro, e sábio... Eis tudo. (Eco, 2002: p. 392)

Em 1982 o Comité Permanente da Secção de Bibliotecários Escolares da IFLA formou um Grupo de Trabalho para considerar a educação e formação do Bibliotecários Escolares.

No relatório Profissional da IFLA, nº 41, Hannesdóttir (1995) diz que é possível identificar três factores de conhecimento geral que são essenciais para que os professores bibliotecários sejam capazes de desenvolver e pôr a funcionar programas efectivos de BE, nomeadamente informação e estudos de biblioteca, gestão e ensino.

Informação e estudos de biblioteca são uma componente essencial para a selecção, organização e utilização de informação social registada, e de ideias; a gestão inclui a responsabilidade pela administração e pelas operações diárias da BE e do seu pessoal; o ensino significa a ligação com os professores nos seus papéis de educadores para desenvolverem utilizadores efectivos de informação.

Os professores bibliotecários necessitam de modificar os métodos de ensino na utilização da informação na escola, de modo a incluir destrezas que suportem as novas quantidades de informação disponíveis para cada indivíduo através de novos canais. Necessitam também de conhecimento bibliográfico, conhecimento de literatura infantil e de outros média para crianças e de familiaridade com actividades culturais oferecidas a jovens fora da escola. Eles devem manter-se actualizados com a “cultura-jovem” e serem capazes de comunicar com os jovens e mostrar interesse pelo seu mundo. Os bibliotecários escolares devem ser bons comunicadores, para poderem ser capazes de trabalhar com uma variedade de pessoas, adultos ou crianças. As bases para uma boa orientação e promoção da BE residem na confiança e na qualidade dos serviços prestados.

Os professores bibliotecários que forem profissionalmente preparados têm um papel muito importante a representar na escola, pois são responsáveis por se manter actualizados com todas as actividades educacionais da escola, por trabalhar com todos os professores e alunos, actuando como parceiros de ensino, gestores e organizadores culturais numa instituição complexa. Eles deverão ser consultados como especialistas dentro da escola e da educação.

O Manifesto da Biblioteca Escolar indica que o bibliotecário escolar possui uma habilitação que permite planear e gerir o trabalho desenvolvido na BE. Deve ser auxiliado por uma equipa adequada que lhe permite trabalhar em conjunto com toda a comunidade escolar e demais instituições, nomeadamente a Biblioteca Municipal.

É um trabalho que pode sofrer oscilações nas diferentes realidades escolares, devido a determinadas especificidades, como o orçamento, o *currículum*, as metodologias de ensino das escolas e o quadro legal e financeiro nacional. Realça áreas vitais como a gestão de recursos, a gestão de bibliotecas e de informação e ensino.

Menciona ainda que os professores bibliotecários devem possuir competências para planear e ensinar diferentes habilidades no tratamento da informação, a professores e a alunos. Por conseguinte, os professores bibliotecários devem apetrechar-se continuamente de novos conhecimentos que lhes permitam desempenhar profissionalmente o seu papel.

Por sua vez, as Directrizes da IFLA/UNESCO (2006) aludem também às capacidades e competências fundamentais da equipa da BE, nomeadamente a capacidade para comunicar de forma positiva e com abertura de ideias com crianças e adultos; de compreender as necessidades dos utilizadores; para cooperar com indivíduos e grupos dentro e fora da comunidade escolar; o conhecimento e entendimento da diversidade cultural; das metodologias de aprendizagem e de teorias pedagógicas e educativas; de competências de literacia de informação e de como usar a informação; das matérias que integram a colecção da biblioteca e das formas de lhe aceder; de literatura, dos media e da cultura para crianças; conhecimento e competências nos domínios da gestão e do marketing; e na área da tecnologia da informação.

Eisenberg & Miller (2002) referem que enquanto bibliotecários devemos garantir que os administradores, professores, pais e decisores compreendam com clareza o planeamento dos programas da BE, para que o estudante adquira uma aprendizagem mais qualificada. Indicam-nos que o professor bibliotecário tem de trabalhar as literacias da informação, cooperar com os outros professores, para poder apreender as necessidades de informação que a comunidade escolar tem. Perante essa constatação deve disponibilizar recursos que cubram as necessidades detectadas. É necessário também verificar e avaliar os resultados da aprendizagem.

Segundo estes autores, o professor bibliotecário deve trabalhar em articulação com os professores sobre a leitura. Deve saber trabalhar com a informação especializada e na gestão. Quanto à primeira demonstra liderança e conhecimentos em matéria de aquisição e avaliação de todos os tipos de informações; constrói relacionamentos colaborativos com os professores, Direcção, estudantes, entre outros; também cria estratégias de acesso, pesquisa, avaliação e informação, dentro e fora da BE.

Enquanto gestor, trabalha em articulação com toda a comunidade de aprendizagem, de forma a definir políticas e orientar todas as actividades relacionadas com a BE. Nesse sentido, necessita de competências no uso da informação e das tecnologias de informação; capacidade de proporcionar o conhecimento, visão e liderança; planeamento, execução e avaliação do programa com regularidade e em diferentes níveis.

Para Eisenberg e Miller, realçam-se deste ponto o pensamento e o planeamento estratégicos. O primeiro carece de eficácia, perspicácia, astúcia e flexibilidade, assim como de uma atitude positiva que acarreta a paixão, o entusiasmo e o optimismo.

Importa frisar que a BE pertence a toda a comunidade escolar e não apenas ao professor bibliotecário. Daí haver também necessidade de criar uma estrutura consultiva, de apoio para aconselhar sobre o vasto programa; definir as prioridades desse programa; apoiar o professor bibliotecário e equipa; solucionar problemas imediatos; colaborar na resolução de problemas e planeamento a longo prazo; estabelecer políticas.

Rubal Rubal (1979), referindo-se ao cargo do professor bibliotecário, alude que este deverá ser desempenhado por um professor da própria escola, e não por alguém simplesmente com formação em biblioteconomia mas que seja professor, e professor integrado naquela escola. A sua ligação à escola, aos professores e aos alunos, o conhecimento que tem da mesma escola e da realidade que a afecta, tudo isso será determinante para um bom desempenho das funções que lhe são exigidas (Silva, 2000).

Ainda sobre este ponto, Silva (2000) menciona que, no passado (na Circular 14/209, de 10.01.1951), era considerado preferencial para se assumir o cargo de responsável pela BE ser professor de um grupo de letras. Pela experiência que possuímos do desempenho da profissão docente, podemos constatar que já há muito que tal não se verifica. O cargo de bibliotecário tem sido desempenhado por professores oriundos dos mais diversos subdepartamentos, embora se verificasse que a maior parte seria da área de letras. O que efectivamente importa aqui afirmar e assegurar é que o professor bibliotecário seja competente, empenhado, detentor de formação especializada, possua um perfil adequado às funções que vai desempenhar.

Marzal (2003), numa publicação sobre “La Formación del Profesorado en Relación a la Biblioteca Escolar”, fala-nos sobre a evolução da formação docente, referindo-se às novas exigências que são colocadas aos professores em função das alterações trazidas pela sociedade da informação. Estas alterações, segundo Marzal, reforçam o duplo papel do

professor: mentor em ambientes tecnológicos, educação e pesquisa Web, o que exigem da sua parte uma atenção redobrada aos recursos oferecidos pelas bibliotecas escolares. Os professores do presente devem ter um espaço de formação e actualização constantes, baseado em dois pontos: BE virtual, onde há todas as informações e conhecimentos em rede, no ciberespaço, identificados e organizados para a representação e recuperação de conhecimento, esforço intelectual atingido apenas pela contribuição dos modelos teóricos da Documentação em Educação.

O professor necessita de competências tecnológicas, direccionadas para a aprendizagem, para que a formação de professores seja o principal na área do conhecimento em que o professor é especialista, a competência pedagógica e as habilidades instrumentais da informática. Neste esforço, o professor não deve ser a encarnação do conhecimento tecnológico universal, mas contar com o serviço de um documentalista perito na biblioteca virtual escolar, em duas perspectivas:

- Como formador, será necessário um sistema de informação adequado para identificar os recursos educativos, fazer associações (hiperlinks), apoiar a aprendizagem colaborativa e acompanhar a aprendizagem significativa. Noutras palavras, deve ter uma biblioteca virtual com uma organização do conhecimento na Web, para adaptar o processo de ensino interactivo e virtual e permitir a gestão pelas comunidades virtuais.

- Como formando, a biblioteca virtual será o espaço para uma actualização em literacias de informação, assim como o cenário ideal para o desenvolvimento e desempenho de formação como professor na selecção e avaliação de recursos educativos adequados para atingir os objectivos específicos através do desenvolvimento e aplicação de indicadores de acessibilidade e usabilidade.

Zybert (2002) refere que a avaliação e a medição da qualificação da instituição é fundamental no processo de criação e gestão de uma BE. Há, então, vários objectivos que o professor bibliotecário deve considerar: melhorar o desempenho da BE; satisfazer os usuários da biblioteca; cumprir a visão da biblioteca e missão – preparar a participação plena na vida e na sociedade da informação.

Mencionamos os factores de qualidade que, segundo Zybert, são cruciais para a avaliação da qualidade e para melhorar o desempenho: a diversidade de colecções; as qualificações e experiência profissional; a qualificação dos serviços de informação e a satisfação dos utentes.

1.2.1. Perfis e funções

Segundo as Directrizes da IFLA para as Bibliotecas Escolares (2006), os profissionais da biblioteca escolar têm o dever de observar padrões éticos elevados ao lidar com todos os membros da comunidade escolar. Todos os utilizadores devem ser tratados com igualdade, independentemente das suas competências ou história pessoal. Os serviços devem ser adequados de forma a corresponder às necessidades do utilizador individual. Para fortalecer o papel da BE como um contexto de aprendizagem aberto e seguro, a equipa deve sublinhar as suas funções enquanto conselheiros, mais do que como instrutores no sentido tradicional. Tal implica que, em primeiro lugar e acima de tudo, eles devam esforçar-se por adoptar o ponto de vista do utilizador mais do que deixar-se conduzir pelas suas próprias atitudes e preconceitos ao prestarem serviços na biblioteca.

Perante tudo o que foi dito a propósito do professor bibliotecário, cumpre fazer referência ao seu perfil. Que características deve possuir o profissional que coordena uma Biblioteca Escolar?

O professor bibliotecário tem de ser *dinâmico e empenhado*.

É um agente central no processo ensino/aprendizagem, pelo que deve saber manter um *bom relacionamento interpessoal*, pela diversidade de interlocutores com quem interage, nomeadamente os alunos, professores, direcção, outros agentes culturais e “políticos” com quem tem que estabelecer parcerias.

Deverá possuir também *boa capacidade de gestão* dos recursos materiais e humanos, assim como uma coordenação eficaz no plano pedagógico da BE.

À semelhança do que se preconiza para os estudantes em particular e para todas as pessoas em geral, o professor bibliotecário deverá *actualizar constantemente os seus conhecimentos* técnicos, científicos e pedagógicos, sobretudo, e para este seu desempenho, no que às BE's diz respeito.

Outro aspecto extremamente importante do seu perfil deverá ser a sua *apetência pela cultura*, quer no âmbito pessoal, quer a nível da partilha e influência que deve exercer na comunidade educativa. Ainda a este propósito, importa referir que é dever do professor bibliotecário, e como tal tem de ser um aspecto do seu perfil, a preocupação constante pela actualização sobre a literatura em geral e sobre a literatura infanto-juvenil em particular. Se é certo que a maior parte do objecto do seu trabalho é a classe discente até aos dezassete, dezoito anos, também o não é menos que, sendo a aprendizagem uma constante ao longo

da vida, o seu público-alvo também são as pessoas que estudam para completar graus de aprendizagem que não concluíram na altura devida. E neste aspecto referimos os estudantes dos cursos profissionais, dos cursos de educação e formação de adultos, dos cursos de educação e formação e também dos cursos das novas oportunidades. Hoje, ser estudante não equivale a pertencer a uma faixa etária padronizada, mas sim querer progredir a nível cognitivo e cultural.

Estes são alguns dos traços que deverão ser transversais à generalidade dos professores bibliotecários, assim como uma *predisposição para o serviço* quase permanente de apoio aos outros. Poderíamos afirmar que o professor bibliotecário é um missionário da educação e da cultura, um dos principais timoneiros dos estabelecimentos de ensino.

Segundo Ochôa e Pinto (2004),

a competência é um saber agir em situação condicionada pelos processos de transformação das condições de trabalho. A profissionalidade reflecte as competências e dá corpo a uma identidade profissional estruturada que é alicerçada nas dinâmicas da formação, na dimensão social dos contextos de trabalho e nas culturas organizacionais.

Ao professor bibliotecário cabe a gestão eficaz de todo este processo, capital para a melhoria do sucesso educativo. Como tal, ele está envolvido na programação para o desenvolvimento curricular, em colaboração com os gestores da escola/agrupamento, os administradores e os professores.

Uma das suas mais importantes funções é, efectivamente, a cooperação próxima que deve ter com os diferentes subdepartamentos a propósito da ligação ao currículo.

É necessário estar inteirado dos conteúdos programáticos dos diferentes subdepartamentos para poder gizar estratégias de parceria activa com os professores de sala de aula e com os próprios alunos que constantemente solicitam ajuda/colaboração ao professor bibliotecário ou aos professores que constituem a equipa da BE para a realização de trabalhos e outras actividades pedagógicas que os docentes solicitam.

Além destas competências do professor bibliotecário, ainda se deseja que seja uma pessoa capaz de ser criativa, que inove, que, fruto da participação em colóquios ou outros encontros sobre as BE's, de complemento de formação, de leituras de trabalhos de investigação nesta área, possa também ele aportar novidades a um espaço e a uma

actividade que está em contínua mudança, tendo, obrigatoriamente, de acompanhar o ritmo da sociedade e das inovações, sobretudo as tecnológicas.

Sendo o coordenador de uma equipa, também se aguarda que seja uma pessoa com capacidade de liderança, o que não equivale ao vocábulo “mandar”. O professor bibliotecário deve possuir conhecimentos, dar o exemplo diariamente com o seu trabalho e, nesse sentido, saber coordenar uma equipa onde todos devem exercer o seu papel, complementando-se uns aos outros para que o resultado seja um só.

Em diferentes documentos encontramos uma explicitação do que deverão ser as funções ou papéis a desempenhar pelo responsável pela Biblioteca Escolar. Um dos documentos mais importantes, na medida em que influencia orientações nacionais, é o texto emanado pela IFLA. As *Directrizes da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Escolares* (2002; 2006, tradução portuguesa) aludem, no ponto 3.6, aos Deveres do Bibliotecário Escolar, onde se elencam um conjunto alargado de funções, que vão de tarefas de gestão e de organização, a dimensões de articulação curricular e também de desenvolvimento cultural (cf. Anexo 1).

Silva (2000: 102 a 104) aponta também as principais funções do PB, remetendo para vários aspectos que temos vindo a salientar a partir de diferentes documentos. Através destas várias descrições relativas às funções do professor bibliotecário verificamos a complexidade do papel que lhe está atribuído, o que levou também Glória Bastos (2009: 318) a concluir sobre o maior grau de exigência que é hoje pedido ao trabalho do professor bibliotecário. Como veremos no nosso estudo empírico, infelizmente esta exigência e esta complexidade nem sempre são compreendidas pelos restantes professores da escola.

O trabalho do professor bibliotecário é muito específico. Tem de ter formação, independentemente de ser bibliotecário ou professor. Pode receber formação em escolas de biblioteconomia ou em centros de formação. A sua missão é diferente das duas primeiras realidades, daí que os programas de formação sejam elaborados com o objectivo de um trabalho muito peculiar.

Oldford (2001) alude que há, entretanto, muito diálogo a respeito do papel do professor bibliotecário, da necessidade para o apoio e da importância de uma aproximação ao processo da literacia da informação através do curriculum. As parcerias instrutivas entre professores da sala de aula e professores bibliotecários conduzem a um maior sucesso.

Marrom e Sheppard (1998), segundo Oldford, indicam que os professores bibliotecários são imagens do espelho dos outros professores; com todas as características, habilidades e competências dos professores da sala de aula mais o conhecimento adicional, habilidades técnicas e habilidades pessoais, interpessoais e da equipe que caracterizam a liderança no professor bibliotecário.

Os professores bibliotecários devem ensinar, reparar computadores e outros equipamentos, colaborar na organização, no desenvolvimento e na aplicação de recursos baseados em unidades, inclusão de voluntários, oferecendo oportunidades de desenvolvimento profissional, que administra o centro de recursos da biblioteca e de avaliação e desenvolvimento da colecção.

Os professores bibliotecários necessitam de trabalhar juntos para inquirir em visões diversas de tal maneira que umas visões mais profundas, comuns, podem tornar-se realidade, dialogando com outros, expondo falhas, para compartilhar a informação e as estratégias, para resolver problemas e para fornecer a sustentação a outros em momentos difíceis.

Os professores bibliotecários necessitam de analisar e definir o seu papel na melhoria da aprendizagem dos alunos em relação a todo o processo, e trabalhar em conjunto com as organizações nacionais e regionais para esclarecer o seu papel dentro do currículo emergente, tanto a nível pessoal como público. Os professores bibliotecários que trabalham sozinhos devem ser proactivos em equipas colaborativas locais.

Neste artigo de Oldford menciona-se que há um corpo da pesquisa que mostra que os professores bibliotecários têm um efeito positivo na realização do estudante (Lance, Welborn & Hamilton-Pennell, 1993; Lance, Hamilton-Pennell, Rodney, Petersen & Sitter, 1999; Lance, Hamilton-Pennell & Rodney, 2000; Lance e outros, 2000). Marrom (1997), adverte-os que os professores bibliotecários devem medir os objectivos, avaliá-los e assegura que o que ensinam aos estudantes e ao desenvolvimento profissional afecta positivamente os resultados de aprendizagem dos estudantes.

Branch e Oberg (2001) indicam os dois principais desafios do professor bibliotecário: a liderança na organização escolar e a alfabetização da informação. (Pon, 2005)

Um professor bibliotecário que combina a formação de professores, práticas de ensino e formação na área de bibliotecas, seria uma pessoa ligada ao desenvolvimento do currículo e dos membros da comunidade escolar, imerso nos interesses da instituição.

Esta competência de trabalho em equipa é reforçada no documento Information Power (1998) quando se afirma que:

Enquanto professor, o bibliotecário colabora com os alunos e outros membros da comunidade de aprendizagem para analisar a aprendizagem e as necessidades de informação, para localizar e utilizar os recursos que atendam a essas necessidades, e para compreender e comunicar as informações para fornecer recursos.

Podemos fazer uma sistematização sobre as funções do professor bibliotecário, de acordo com vários documentos já referidos.

Regula atitudes e comportamentos	O professor bibliotecário deve proceder à elaboração de um Regulamento Interno que preveja as normas de funcionamento da BE.
Distribui tarefas	No início de cada ano lectivo deve distribuir o serviço pela equipa de professores que com ele colaboram e dos professores auxiliares. O Plano Anual de Actividades deve ter a atribuição de responsabilidade de acção aos diferentes elementos da equipa. Os diferentes serviços da BE também devem ser explicados e atribuídos.
Ajuda a definir objectivos parciais e globais	Ao distribuir o serviço para o ano lectivo e a médio e longo prazo, através do Plano de Acção, que é para um quadriénio, dialoga com os intervenientes no processo para que se estabeleçam objectivos/metasp.
Observa, supervisiona, ensina e corrige	É também sua função acompanhar o trabalho que os diferentes intervenientes desenvolvem. Esta função não deve ser encarada como um controlo, mas sim como uma preocupação que visa aferir a qualidade dos serviços e actividades prestados em proveito dos utentes da BE. Como é a pessoa que, em princípio, tem mais formação e/ou experiência, tem também o dever de transmitir/partilhar o conhecimento que possui. Sendo o responsável, deve ainda corrigir a actuação dos colaboradores sempre que necessário, para que os utentes da BE não sejam prejudicados.
Avalia a qualidade do desempenho	A avaliação é feita, por norma, no final do ano lectivo e visa aferir todo o processo pelos diferentes colaboradores através de um relatório. O objectivo da avaliação é sempre a melhoria do projecto e do desempenho para o ano lectivo seguinte.
Congrega valores, aponta missão	De acordo com os recursos humanos de que dispõe e do conhecimento que tem dos mesmos, deve potencializar as suas capacidades técnico-profissionais para o bem da comunidade educativa.
Utiliza retornos positivos e negativos como meio de motivação individual e colectiva	A liderança é forte quando se sabe gerir o sucesso e o insucesso. A falta pontual de sucesso também pode ser gerida positivamente. Um voto de confiança para momentos menos conseguidos catapulta muitas vezes as pessoas para bons desempenhos.

Quadro 2 - Funções do Coordenador Bibliotecário

1.2.1.1. A Formação

À semelhança de outros domínios do desenvolvimento dos povos, também no que às Bibliotecas Escolares diz respeito, o percurso entre nós iniciou-se mais tarde. Este é um percurso assumido, regrado e qualificado. Percurso que implica uma assunção, um compromisso por parte de todos os seus agentes.

Países como o Canadá, os Estados Unidos da América, Austrália, Reino Unido, França, entre outros, são exemplos a seguir dado o investimento financeiro, mas sobretudo académico que se operou. A investigação sobre as problemáticas das Bibliotecas Escolares, nomeadamente no que se refere à formação de quem as dirige, os professores bibliotecários, tem tido a atenção de muitos estudiosos.

Sigrun Hannesdóttir em 1995 mencionava que, durante muito tempo, o papel do professor bibliotecário não foi pacífico. Segundo a autora em causa, as diferenças estão relacionadas com os papéis do professor bibliotecário na escola e as metas e os objectivos que deve cumprir.

As diferenças são também uma reflexão sobre o sistema educativo em cada país, a preparação dos professores para trabalharem na escola, assim como a preparação dos próprios professores bibliotecários. A terminologia também varia de país para país: “Bibliotecário Escolar”, “Professor Bibliotecário”, “Bibliotecário Documentalista”, e muitos outros.

Em que consistem as diferenças?

Os bibliotecários escolares são professores especializados. Desta forma, a formação dos professores é necessária, com ou sem experiência da sala de aula. A ênfase é colocada no papel da BE no planeamento cooperativo e do ensino, onde o professor bibliotecário tem um papel activo na sala de aula.

Diz Hannesdóttir que os bibliotecários escolares são definidos como bibliotecários especializados. A formação básica é a de um especialista de informação. O principal papel é proporcionar toda a informação para a sala de aula. A ênfase está no fornecimento de informações abrangentes para toda a escola e do papel de instrução na aquisição de competências de informação.

O Bibliotecário Escolar é enquadrado numa profissão separada. A preparação profissional é separada do bibliotecário e do ensino, mas podem ser compatíveis nas bibliotecas escolares. Os programas educacionais são criados e desenvolvidos na

perspectiva de um papel separado, o qual é distintamente diferente do papel dos professores bibliotecários.

A este propósito importa referir que a nossa legislação sobre a carreira do professor bibliotecário é omissa no que concerne às garantias de equiparação à classe docente, concretamente no modelo de avaliação, ainda vigente, que implicava a avaliação no cumprimento do serviço lectivo, isto no caso de o professor bibliotecário desempenhar essa função em exclusividade, o que causa bastante insegurança nestes profissionais em termos de progressão na carreira.

Apesar das variações existentes, as primeiras orientações gerais descritas nas três componentes essenciais para o desenvolvimento e funcionamento das bibliotecas escolares necessitam de programas eficazes, ou seja, estudos de informação, gestão e educação. Os estudos de informação são uma componente essencial para a selecção, organização e utilização da sociedade da informação. A gestão envolve a responsabilidade pela administração e a gestão diária da BE e dos recursos humanos. A educação é a ligação com os professores em sala de aula nas suas funções de instrução.

Já em 1995, Hannesdóttir reconhecia que a existência de diferentes sistemas de formação para os profissionais que trabalham nas bibliotecas escolares cria uma espécie de névoa, tornando a orientação difícil.

Hannesdóttir distingue várias pistas para identificar estes problemas: enquanto educador especializado, o professor bibliotecário deve, em princípio, possuir experiência de leccionação. Nessa sua formação foi realçado o papel do centro de recursos no ensino para projectos em parceria, onde o professor bibliotecário desempenha uma missão activa nas aprendizagens.

Como bibliotecário especializado, a sua formação principal é ser um profissional de informação. Cabe-lhe colocar à disposição dos discentes as forças e a informação necessárias às aprendizagens. Destaca-se o desenvolvimento de colecções importantes, cabendo-lhe simplesmente a formação dos utilizadores.

Segundo a Associação para o Professor Bibliotecário do Canadá (ATLC) e a Associação Canadiana da Biblioteca Escolar (CSLA) (1997), o professor bibliotecário qualificado tem um impacto positivo na cultura da escola e na realização do estudante.

Vejamos o que mencionam estas associações canadianas sobre o conceito de **professor bibliotecário:**

Um professor profissional com um mínimo de dois anos da experiência bem sucedida da sala de aula e de qualificações adicionais da selecção, de gerência e de utilização de recursos de aprendizagem que gere a biblioteca da escola e trabalha com outros professores para projectar e executar programas instrutivos do currículo.

Especificam quais são as **Competências profissionais**:

Conhecimento e habilidade do professor bibliotecário nas áreas de colaboração e liderança, curriculum e instrução, planeamento e ensino cooperativo do programa, recursos da informação, acesso de informação, tecnologia, gerência e pesquisa, e a habilidade, sabendo-as aplicar como uma base para prover a biblioteca e os serviços de informação.

E as **Competências pessoais**:

Possuidor de competências, atitudes e valores que permitem ao professor bibliotecário trabalhar eficientemente e eficazmente, para ser bom comunicador, para se focalizar na aprendizagem, continuando durante toda a sua carreira, demonstrando a natureza qualificada das suas contribuições e prosperando no mundo novo da instrução.

A Biblioteca Nacional do Canadá (2001), num estudo elaborado sobre “Escolas Primárias e Secundárias: Papel, Desafios e Estado dos Recursos Financeiros nas Escolas e Bibliotecas Escolares do Canadá”, refere que os professores bibliotecários são pedagogos perfeitamente qualificados que frequentaram, além disso, cursos de especialização que lhes permitem trabalhar como bibliotecários. A sua função básica consiste em integrar a tecnologia da informação nos programas de estudos e para colaborar com os professores na elaboração de unidades de investigação.

No mesmo relatório, o papel do professor bibliotecário comporta agora três funções:

Elaboração de programas de estudos e liderança;

Gestão da informação;

Colaboração para planificar os programas e ensinar as matérias previstas.

As bibliotecas escolares, em colaboração com os estabelecimentos de ensino e demais parceiros, são essenciais ao progresso dos conhecimentos e também, a um nível mais fundamental, às literacias. Hoje, enquanto os pais e chefias reclamam a melhoria dos resultados escolares dos alunos e exigem que as escolas preparem as crianças a viver à era da informação, as bibliotecas escolares estão a tornar-se mediatecas aptas a ajudar o aluno na sua aprendizagem.

Em Berlim, num workshop sobre a formação dos bibliotecários escolares –Morizio & Henri (2003) informam-nos que há realidades diferentes, nomeadamente nalguns dos países com mais experiência na área das BE's.

No Reino Unido, as principais funções do professor bibliotecário são:

- A gestão da BE, do seu orçamento, dos recursos humanos, dos seus fundos documentais tangíveis e intangíveis;
- A colocação e a operacionalização de um documento político que coloca a BE em sinergia com os objectivos definidos pelo plano da reforma da educação;
- A ligação com todos os departamentos da escola, e com toda a comunidade escolar envolvida para garantir um acesso apropriado aos recursos pedagógicos;
- Assistência aos alunos e aos professores para uma boa utilização das fontes, e sugestões pedagógicas alternativas;
- A participação no projecto do estabelecimento e a implementação de formação para a procura (investigação em) da informação;
- Ajuda ao desenvolvimento das competências de leitura.

Quanto à formação e competências, o professor bibliotecário deve ter:

- Capacidade de gerir e difundir a informação em diferentes suportes;
- Conhecimento do sistema educativo em vigor;
- Qualidades de comunicação;
- Conhecimento da literatura;
- Capacidades de desenvolvimento de projectos para encorajar e operacionalizar as diferentes vertentes da política do centro de recursos;
- Capacidades de gestão financeira, respeitantes ao orçamento da BE;
- Conhecimento, compreensão e habilidades das TIC;
- Capacidades de gestão de conflitos;
- Capacidade de assistir a aulas.

Nos Estados Unidos, numerosos relatórios vieram confirmar a presença de uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre, por um lado, a dimensão da biblioteca escolar e o número de especialistas que há e, por outro lado, as notas dos alunos nos testes e nos exames.

Os papéis e responsabilidades do gestor pela comunicação da BE são:

- Como professor, colabora com os alunos e com os outros membros da comunidade educativa para analisar as necessidades de informação associadas à aprendizagem, para localizar e utilizar (fazer uso) as fontes que respondem a estas necessidades, e para interpretar e comunicar a informação fornecida por estas fontes. Como professor envolvido com os alunos é informado da investigação em curso sobre o ensino e a aprendizagem, e sabe aplicar conhecimentos a uma diversidade de situações: especialmente aquelas que exigem o acesso dos estudantes, a avaliação e o uso de informação de várias fontes, para aprender, pensar, construir conhecimentos novos e transferi-los. Por vezes, o coordenador do projecto integrante da equipa educativa, o responsável dos média e da BE actualiza os seus conhecimentos e as suas competências pessoais, para trabalhar de maneira efectiva com os professores, a administração e outras pessoas – tanto para lhes transmitir o seu conhecimento específico do domínio da informação, e das suas mudanças, como para lhes dar oportunidades para desenvolver competências informativas, incluindo o uso das tecnologias de informação.

- Ainda como professor, articula com os professores das disciplinas (sala de aula), e outros agentes, ajuda a estabelecer laços entre as necessidades em informação dos alunos, os programas curriculares, os objectivos pedagógicos, e uma larga gama de recursos documentais impressos ou não, tangíveis ou digitais. Trabalhando com toda a comunidade educativa, desempenha um papel fulcral no que diz respeito aos projectos, práticas e objectivos que conduzirão o aluno a desenvolver capacidades comunicacionais e informativas. Convencido da necessidade de colaboração, trabalha com os professores individualmente, em áreas específicas da definição e avaliação das actividades pedagógicas que permitem o desenvolvimento de competências associadas à informação e à comunicação, em conexão com as expectativas disciplinares.

- Como profissional de informação, fornece orientação e conhecimentos sobre a avaliação das fontes documentais nos diferentes suportes, oferecendo uma perspectiva importante sobre a especificidade do domínio da informação em parceria com os professores, a administração, os alunos e outros membros da comunidade; e definindo para os alunos e para os demais estratégias para localizar, capturar, e avaliar a informação, dentro e fora do centro de recursos. Trabalhando num ambiente que foi profundamente modificado pelas tecnologias, controla as fontes electrónicas mais sofisticadas e tem também uma atenção especial com a natureza, a qualidade e o uso ético da informação disponível, em qualquer tipo de suporte usado.

- Como gestor de projecto, trabalha em colaboração com os membros da comunidade educativa para definir a política documental e para impulsionar e coordenar as actividades subsequentes. Convencido da importância de uma utilização certa da informação e das tecnologias da informação para o desenvolvimento pessoal dos alunos, e a sua futura inserção social e profissional, é um acérrimo defensor da formação na pesquisa da informação e contribui com os seus conhecimentos, a sua concepção e as suas capacidades de coordenação, tem uma execução eficaz e criativa, que inscreve as acções no séc. XXI. Operacional em matéria de gestão de equipa, de orçamentos, equipamentos e dispositivos, planifica, implementa, e avalia a política documental para garantir a qualidade, como um todo, assim como nas actividades diárias.

Segundo Nimon (2003), a Austrália desenvolveu um programa muito ambicioso desde os inícios da década de sessenta, tendo-se implementado bibliotecas em todas as escolas do ensino público. Posteriormente (década de oitenta), houve um declínio, em resultado da transferência das escolas para as autoridades locais.

Isto provocou a diminuição de professores bibliotecários; a contratação de bibliotecários em vez de professores bibliotecários e de pessoas sem conhecimentos em biblioteconomia; os professores bibliotecários voltaram a ser simplesmente professores; a profissão ficou envelhecida e houve ainda um acréscimo de trabalho, sobretudo no que diz respeito à manutenção dos equipamentos e ao seu uso pelos alunos.

Os professores bibliotecários na Austrália são os guias, orientadores, no seio da comunidade educativa. O essencial da sua actuação centra-se:

- Nos alunos e nas aprendizagens;
- Nos professores e no ensino;

- Nas aulas de apoio;
- Em facilitar o acesso à informação;
- No desenvolvimento de um centro de recursos;
- Em apoiar e implementar os objectivos da comunidade educativa, fazendo eco e desenvolvendo os serviços de informação e da biblioteca, que contribuem para o desenvolvimento de uma atitude de aprendizagem ao longo da vida.

As bibliotecas em França foram sempre uma grande preocupação dos decisores daquele país. O cargo de coordenador era desempenhado por bibliotecários documentalistas, isto até finais da década de oitenta.

Mais recentemente, surgiu a figura do professor bibliotecário, dada a importância da vertente pedagógica da BE. No entanto, os professores não o vêem tanto nesse prisma, mas sim enquanto especialista em informação.

Desde a década de noventa foi criado em França o diploma CAPES em Documentação e as escolas têm, então, nas bibliotecas os professores bibliotecários que têm um período de estágio e exame antes de assumirem o cargo. Toda a gestão que fazem da BE, assim como as condições físicas da biblioteca, os meios técnicos e orçamentais estão regulamentados.

Num seminário em Toulouse, França, também se reflectiu sobre a génese do professor bibliotecário (Liquète, 2003).

Colocava-se a questão se o professor bibliotecário é um professor diferente dos outros. Concluiu-se que sim, pois ele tem: uma referência espaço-temporal específica; equiparação do espaço a um desempenho relacionado com o do professor bibliotecário; um recurso educativo sobre os métodos mais do que sobre os conteúdos; a transversalidade da informação; a relação com a tecnologia... o risco do excesso da tecnologia.

Sobre os principais papéis para a profissão do professor bibliotecário, realçou-se a necessidade de:

- Formar para e divulgar a ciência e a cultura da informação;
- Desenvolver projectos como parte de uma dinâmica de formação à informação e à documentação;
- Definir o professor bibliotecário como um actor privilegiado da política documental da escola;

- Animar a comunicação da informação dentro da escola, incluindo a integração das tecnologias da informação e da comunicação;
- Sugerir procedimentos, recursos e serviços documentais para os alunos e professores da escola.

Há uma coerência geral nestes casos observados, mas numa análise mais minuciosa, contudo são diferentes. Ela está visível na dimensão histórica, na dimensão filosófica, e também nas concepções das estruturas escolares diferentes e na sua dimensão.

Na Austrália, Canadá e Hong Kong, as escolas públicas têm um titular da biblioteca escolar que é obrigatoriamente um professor qualificado. Na Inglaterra, o professor bibliotecário é, a maior parte das vezes, um professor diplomado.

Em França o professor bibliotecário é recrutado e formado de acordo com os mesmos princípios e conteúdos que os professores das disciplinas, tendo uma especialização no domínio da informação.

Em conclusão poder-se-á afirmar que o principal é querer assegurar o mais possível a informação, colocando-a à disposição do maior número possível de agentes, cidadãos, alunos. Este princípio universal e humanista é ainda muito maltratado, incluindo nas sociedades mais desenvolvidas. Limitações técnicas, económicas, intelectuais, culturais tornam a informação inacessível para muitos, sobretudo para aqueles que são oprimidos. Importa facultar a cada um os meios de se apropriarem da informação, de sair de determinados constrangimentos, conceber a complexidade para expressar a sua própria opinião.

1.2.2. Dificuldades e desafios

As Bibliotecas Escolares estão a “começar a chegar” às escolas, ou seja, o seu novo *modus operandi* ainda não foi totalmente assimilado, sobretudo, pela classe docente. Nesse sentido, é necessário que haja, por parte do coordenador e da sua equipa, um conjunto de atitudes e procedimentos, que mudem a forma como os professores olham para a BE, apesar de, na maioria dos casos, já ter havido formação.

As mudanças não se operam com celeridade. Os hábitos da prática docente também não. A BE foi encarada, quando foi, como um parente pobre das escolas. Hoje é, deve ser,

o centro do novo paradigma das aprendizagens. Temos de ser pacientes, mas determinados nesta nossa “batalha” pela dignificação do papel da BE.

A imagem não se altera apenas com a formação que, muito pontualmente, é ministrada, em duas ou três horas, aos professores. A maior “arma” para a mudança de mentalidades em relação à BE está também, e sobretudo, na sua dinâmica. É o trabalho que a equipa desenvolve, as actividades que empreende, sobretudo a nível da sua componente pedagógica, que alicerçará a sua importância. Bush (2001) refere a este propósito que devemos ter *menos conversa e mais acção*.

A divulgação passa, também, pela publicitação da BE: guiões de utilização da BE, formação de utilizadores, formação de monitores, utilização da página Web, blog para a divulgação das iniciativas, para além de outros meios e procedimentos.

Para sabermos qual o caminho a percorrer é necessário definir, *a priori*, a missão e objectivos da BE. O que se pretende fazer e a quem se destina. Impõe-se, de seguida, a sua divulgação a todos os potenciais interessados.

O Marketing visa responder à necessidade dos utentes da BE que tanto podem ser os alunos, como os professores, os funcionários, os encarregados de educação, antigos alunos ou entidades da comunidade local – é o denominado marketing de relacionamento (Besant, & Sharp, 2000).

Christian Grönroos, citado por Besant e Sharp, aborda o conceito da seguinte maneira:

Marketing é estabelecer, manter e melhorar (...) os relacionamentos com os clientes e outros parceiros (...) para que os objectivos das partes sejam atendidos. Este é conseguido através de uma troca mútua e o cumprimento de promessas.

Segundo Bush (2001), este marketing visa apenas promover as nossas actividades, os nossos projectos, o que o distingue do tradicional que se destina a promover, sobretudo, bens materiais.

A BE deve ter, então, uma política de marketing. Esta divulgação deve iniciar-se no Conselho Pedagógico.

Como se faz essa divulgação?

Dando a conhecer as iniciativas que se desenvolvem através da divulgação em comunicações internas, com a cooperação da Direcção, com a afixação de cartazes que divulguem os projectos da BE.

O que se divulga?

As actividades pedagógicas e lúdicas que a BE promove, normalmente em parceria com outros agentes do estabelecimento de ensino, locais, regionais ou nacionais. São disso exemplo as comemorações de efemérides associadas às BE's; concursos dinamizados pela BE ou em parceria com diferentes subdepartamentos; concursos locais em parceria com a BM e associações culturais e recreativas; regionais quando as BE's estiverem inseridas em redes interconcelhias; e nacionais, nomeadamente o Concurso Nacional de Leitura e outros eventos.

As BE's, assim como a generalidade de serviços nas diferentes instituições públicas e privadas, têm-se vindo a adaptar à revolução tecnológica iniciada há mais ou menos vinte anos.

É indicado pela RBE que deve haver a equivalência de três documentos em suporte de papel (monografias) para um em suporte informático. Ou seja, a BE actual já deve comportar 25% de documentos digitalizados.

Estes indicadores são o espelho da mudança que se pretende para que a BE seja mais funcional e útil não só no seu espaço físico, mas que esteja também acessível nas salas de aula e em qualquer lugar onde os seus utilizadores o pretendam, através dos serviços online.

A vertente pedagógica associada ao currículo também está a ganhar uma nova dinâmica, não só pela inserção das bibliotecas na RBE, como também pela formação que está a ser “exigida”/assumida aos/pelos professores bibliotecários e restantes elementos da equipa, e ainda aos assistentes operacionais que aí trabalham.

A mudança ganhou maior visibilidade com a introdução massiva das novas tecnologias (Plano Tecnológico da Educação) que potencializam a utilização dos recursos documentais da BE.

A política da RBE em relação à melhoria dos espaços (físico, mobiliário e equipamentos) e apetrechamento digno do fundo documental criou uma grande dinâmica. Para implementar uma prática pedagógica surgiram as literacias de informação, a articulação ao currículo, o PNL.

As BE's são, na grande maioria das escolas, o pólo aglutinador da informação.

Associando a formação dos profissionais que trabalham nas BE's, a melhoria significativa dos espaços, equipamentos, fundo documental, colaboração institucional, boas práticas, articulação com o currículo e colaboração com os professores, poderemos prever

uma melhoria significativa do enriquecimento científico, técnico e cultural dos discentes, logo a formação de cidadãos com mais e melhores competências.

O que será a Era da Informação? Podemos associar a este, um outro conceito muito em voga, o Plano Tecnológico da Educação (PTE). Este compromisso assumido em 2000, com abrangência de dez anos (e estamos já em 2010), na cidade de Lisboa (Estratégia de Lisboa), tem o objectivo de tornar a União Europeia na economia mais dinâmica e competitiva do mundo.

É fundamental dar primazia à transmissão/partilha do conhecimento/informação no maior número de fontes e de suportes possível, destacando-se os novos meios tecnológicos. No entanto, Kuhlthau (2001) diz que a maior mudança ocorrida é a passagem da escassez para a abundância de recursos tecnológicos.

A tecnologia é a grande revolução operada desde o final do século passado e o início deste. Consideremos que poderíamos focar aqui o novo conceito de analfabetismo que hoje é mais abrangente, incorporando na sua concepção o desconhecimento da utilização das novas ferramentas digitais e tecnológicas.

O livro científico e técnico é hoje considerado um recurso limitado, com uma restrição temporal, o que é uma condicionante. Quantos livros ficam desactualizados? Os meios digitais/tecnológicos permitem uma actualização constante. O conhecimento nunca está desactualizado. A informação, para além de ser quase que ilimitada, está sempre em constante actualização.

Kuhlthau (2001) alude a que a escola prepara os discentes para o mundo do trabalho, para a cidadania e para a vida quotidiana. Nesse sentido temos que ensiná-los a utilizar os meios tecnológicos. Menciona que, actualmente, poucas serão as profissões que não necessitam das novas tecnologias, fulcrais para a nossa participação democrática na sociedade. Todos os dias temos de aceder à informação. Urge então saber fazê-lo com eficácia. A enormíssima quantidade de informação a que podemos ter acesso constantemente exige de todos mais competências para podermos gerir eficazmente este processo, assim como o tempo a disponibilizar.

Esta aprendizagem tem de ser constante, ao longo da vida, pois as mudanças operadas nos meios tecnológicos são permanentes, o que se pode constatar em Delors (2003).

A aprendizagem baseada na investigação mostra que é muito importante a colaboração entre professores, onde se inclui o planeamento de pesquisas, ensino e avaliação da aprendizagem dos alunos.

O professor bibliotecário desempenha um papel extremamente importante na criação de uma aprendizagem baseada na pesquisa que prepara os alunos para trabalhar, para se tornarem cidadãos activos na “Era da Informação”. É necessário colocar em prática programas de pesquisa com os alunos da escola.

Os alunos procuram quase que em exclusivo os PC’s para acederem à internet pelas mais diversas razões, nomeadamente a pesquisa, para elaborarem trabalhos. O livro está a tornar-se no parente pobre da BE.

Caminhamos para a Biblioteca Escolar Digital (BED), no entanto, a um ritmo diferente de outros países.

O livro ainda não é um “dinossauro”, apesar de estar a perder espaço para os novos meios tecnológicos e respectivos softwares que evoluem a um ritmo impressionante. Temos de continuar a dinamizá-lo nas BE’s (PNL, CNL, entre outros a nível local), embora tenhamos de dar também muita relevância às tecnologias da informação e comunicação, pois temos de cativar os nativos digitais.

A internet apresenta inúmeros perigos e algumas desvantagens, sobretudo quando os discentes não estão alertados. Dá-nos informação em doses industriais que não são fáceis de escrutinar.

As escolas estão actualmente a trabalhar com a plataforma Moodle. Há a disponibilização de documentos, fichas de trabalho, marcação de trabalhos de casa, informações úteis, entre outras funcionalidades. Permite a partilha entre professores e entre estes e os alunos.

Loertscher (2003) menciona que a intranet, internet privada/interna, pode ser útil às escolas, permitindo que a segurança dos discentes seja possível e a perda de tempo seja minimizada, pois o acervo documental não é ilimitado como na internet, deixando-nos a impressão de pequenez perante um universo de informação ciclópico.

Os filtros são muito importantes, pois as crianças/jovens estão a “construir-se”.

A criação de redes de bibliotecas permite a disponibilização do catálogo online. Os potenciais utilizadores podem entrar no sítio da rede e aceder a um conjunto diversificado de serviços.

É necessário dar mais passos para que a potencialização da tecnologia permita a comodidade, no bom sentido do termo, através das suas ferramentas e tecnologias *pull* (É a tecnologia que permite ao utilizador solicitar informações a um determinado serviço.) e *push* (É um sistema de distribuição de conteúdo da internet, saindo a informação de um servidor para um cliente. A forma mais conhecida de *push* são as newsletters.). Tempo e espaço são conceitos mutáveis com a BED. (Loertscher, 2003).

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Delors, 2003) é mencionado que as novas tecnologias fizeram entrar a humanidade na era da comunicação universal. Refere-se também que a interactividade permitirá não só emitir e receber informações, mas também dialogar, discutir e transmitir informações e conhecimentos, sem limite de distância ou de tempo e permitir ao aluno pôr questões, procurar ele mesmo informações ou aprofundar certos aspectos de assuntos tratados na aula.

Pormenores (?) como o acesso, o tempo de utilização, o espaço de trabalho, a dependência dos motores de pesquisa, entre outros serão de fácil resolução. Mas só quando as práticas se generalizarem, como aconteceu com a incrementação dos PC's.

E o livro? Será insubstituível. Reinventar-se-á! Terá os seus momentos difíceis, mas haverá sempre os seus intrépidos defensores. O prazer de ler, manuseando o livro, virando as páginas, sentindo a textura das folhas e podendo, eventualmente, fazer aí anotações, só é possível com o livro tangível.

A tecnologia veio para revolucionar todos os sectores da sociedade, bens, serviços, cultura, etc., mas não extinguirá o livro como o conhecemos. O *e-book* está a renascer e a sua comercialização a arrancar em força em vários países.

Donna Shannon (2002) menciona que os professores bibliotecários nos últimos 5 anos tiveram de dedicar mais atenção aos meios tecnológicos, a Web, produção vídeo, literacias de informação, currículo, avaliação.

A evolução é constante. Muda-se mais rapidamente num ano ou dois do que acontecia no passado em décadas. Neste sentido, também o sistema educativo tende a mudar. Inicialmente coabitando com padrões estabelecidos, mas caminhando para uma revolução tecnológica que não fazemos ideia onde poderá chegar. Novidades de hoje eram realidades impensáveis há pouco tempo.

Passámos do livro único do Antigo Regime para a democratização dos manuais escolares. Presentemente os manuais escolares da maioria das editoras já são acompanhados pelos manuais virtuais. A escola virtual também é outra realidade, ainda com mais vantagens. Estas ferramentas digitais estão ao dispor não só dos professores, mas também dos estudantes.

É muito importante, mediante esta realidade, que os professores bibliotecários estejam cientes do grande papel que têm de desempenhar dentro dos moldes de uma escola moderna, logo dinâmica, onde os saberes não são apenas retirados de uma fonte preestabelecida, mas sim de um centro de informação. As aprendizagens não são transmitidas unidireccionalmente, mas resultado de um trabalho mais dinâmico, mais autónomo e mais prático. Este professor bibliotecário tem de ser um moderador entre toda a escola. Tem de articular com os diferentes subdepartamentos a dimensão pedagógica, informá-los sobre o manancial quase que ilimitado a que podem recorrer para que as aulas sejam momentos vivos, activos, de troca de saberes e competências. Tem também de ser um amigo sempre disposto a prestar auxílio aos estudantes que o solicitam.

Laverty (2000) refere que os estudantes devem estar preparados para se reeducarem a fim de poderem prosperar num mundo em constantes mudanças, onde o conjunto de escolhas de informação é cada vez maior e as tecnologias de acesso a essa informação são mais complexas. Alude ainda que os professores têm a possibilidade de promover uma cultura de aprendizagem, ensinando os alunos a lidar e prosperar na era da informação.

Acresce ainda o pioneirismo, que nem sempre é fácil de assimilar. O professor bibliotecário deve estar bem informado sobre as novidades a nível técnico, científico, pedagógico e cultural. Este trabalho de busca, de experimentação ou testagem não pode ser feito singularmente. A equipa tem nesta realidade uma importância muito grande. Tem de trabalhar com empenho e coordenação entre todos os seus membros, pois o tempo é sempre pouco quando nos debruçamos sobre novidades que implicam morosidade na descoberta e destreza das suas aprendizagens.

O conhecimento e os meios técnicos surgem com tanta celeridade que é muito importante a coesão da equipa. Mais uma vez é necessário salientar a vantagem que existe na heterogeneidade da sua constituição.

Este trabalho implica várias fases, entre as quais o levantamento dos meios técnicos e documentais, perscrutação das necessidades e aquisição ou disponibilização dos diferentes instrumentos deste processo que visa uma maior e melhor eficácia no combate

ao insucesso escolar, através de uma maior flexibilidade das aprendizagens, autonomia dos educandos e consequente melhoria dos saberes e das competências.

A escola prepara para a vida activa, para a formação, nas suas diferentes acepções, de cidadãos de pleno direito. Tudo isto só poderá passar da teoria à prática na medida em que a escola possa acompanhar com eficácia o mundo em constante evolução.

Segundo Lowe (2001), Gary Hartzell, professor da instrução na universidade de Nebraska, refere-se aos professores bibliotecários como os profissionais “invisíveis” (1997). Discute que em muitas escolas, os professores bibliotecários devem ser participantes nas decisões que afectam a tecnologia, o curriculum, e os recursos ao nível da escola.

Na opinião desta investigadora, os professores bibliotecários devem fazer um trabalho melhor, articular os seus papéis, preparar os estudantes para a informação, pois esta será a tecnologia do futuro.

Princípios:

Um: As bibliotecas da escola não têm nenhum limite. A “biblioteca” não é um lugar fechado, a biblioteca está em toda a parte.

Dois: Os profissionais da biblioteca e da informação devem ser flexíveis. Estes papéis incluem quatro categorias básicas: professor, sócio-instrutivo, especialista da informação e administrador do programa (1998).

Três: os estudantes devem ser usuários eficazes das ideias e da informação. Todos os membros da comunidade da escola necessitam de compreender que o professor bibliotecário está muito qualificado, e está capacitado para fornecer a instrução essencial das literacias da informação.

Quatro: A informação está em toda a parte. Os recursos da informação existem dentro e fora da biblioteca. Os estudantes necessitam de dominar as habilidades das literacias da informação que usarão na vida diária. A ideia que a informação está em toda a parte e é uma premissa básica das literacias da informação (Spitzer, Eisenberg & Lowe, 1998).

Lowe (2001) aponta algumas etapas para que os professores bibliotecários possam criar um futuro prometedor:

- Aprender e absorver: ler e aprender sobre a literacia e partilhar a informação desse conhecimento com outros colegas;

- Começar envolvido: estar envolvido activamente na informação e no programa da tecnologia. Outros professores, administradores e pais devem consciencializar-se da importância dos esforços dos meios da biblioteca para ajudar os estudantes a aprender habilidades essenciais;

- Ser um líder: ter um papel activo na tomada de decisão e no planeamento. Envolvimento com o grupo TIC da escola, e participar nas reuniões com uma visão/opinião própria, do que deve constar na política da tecnologia da escola.

Estes esforços não são opcionais. Como educadores, é nossa responsabilidade equipar os nossos estudantes com as habilidades e a compreensão que lhes será necessária. Claramente, esta tarefa requererá os programas de alta qualidade da tecnologia da biblioteca e de informação para que se possam colmatar as necessidades dos estudantes nas escolas ou em ambientes de aprendizagem electrónicos ou virtuais.

Segundo Doug Johnson (2002) os professores bibliotecários têm de responder a sete desafios para optimizarmos a BE/CRE:

- Objectivos da BE em concordância com toda a escola;
 - Avaliação dos serviços da BE;
 - Apoiar as competências tecnológicas;
 - Apoiar o ensino profissional;
 - Possuir/captar para a BE os elementos capazes (melhores) de desenvolver um trabalho meritório;
 - Manter os valores fundamentais da BE;
 - Partilha do saber e das dificuldades com outros professores bibliotecários.
- Colaboração em rede.

Para Belisle (2005), o professor bibliotecário tem estado na vanguarda da mudança, tendo crescido para dar resposta à era da informação.

Yet, in the major efforts at educational reform and restructuring the school's learning resource center and the role of the teacher-librarians appear to be overlooked. (Keegan, p.10)

É necessário que os professores bibliotecários se tornem verdadeiros líderes. Belisle (2005) refere Jean Brown, da Memorial University, que julga que isso se deve à falta de cooperação entre os professores bibliotecários e os professores de sala de aula, ligados ao currículo. É imperioso que o seu trabalho, o dos professores bibliotecários, ultrapasse o espaço da BE, para que a sua acção cause impacto junto da comunidade escolar. Foca também Fullen, (p. 246) que menciona que a liderança não é apenas para alguns, mas sim para todos.

Os professores bibliotecários têm de ser dinâmicos, para serem efectivamente agentes de mudança. Só desta forma serão ouvidos e apelativos. Há, no entanto, quem ainda olhe para eles como guardiões de livros numa sala de estudo. Cabe, portanto, ao professor bibliotecário a alteração desta ideia, articulando com os professores da sala de aula, a Direcção e a comunidade escolar.

Alude ainda a Todd Wittaker que acredita que há apenas três tipos de professores numa escola: super-estrelas, cumpridores e medíocres. (Wittaker, p. 356)

Olhando para a nossa realidade e perspectivando o que pretendemos, temos que apostar no desenvolvimento pessoal... Quando se fala sobre a melhoria da escola, estamos falando sobre a melhoria das pessoas. Essa é a única maneira de melhorar as escolas. (Dufour, p. 4)

Nada muda numa organização a menos que as pessoas mudem. (Riley, p. 2)

Por último menciona Feiler que enumera algumas acções essenciais para que o professor bibliotecário possa assumir a responsabilidade em promover a liderança docente: definição do papel, da interacção na sala de aula na interacção com outros professores, o foco na aprendizagem dos alunos.

Os insucessos verificados noutros países são um factor que nos poderá alertar para o prosseguimento de uma política bem gizada em 1996.

Antonio Viñao (2003) e Rhona Oldford (2001) encontram dois aspectos muito importantes para o impedimento de uma funcionalidade esmerada das Bibliotecas Escolares: as mudanças políticas e os cortes orçamentais. Estes dois pontos estão associados.

Nos dois países havia princípios sólidos sobre a verdadeira política a implementar para uma gestão eficaz da BE. Em Espanha ocupava o *centro* do edifício educacional. Seria o eixo que proporcionaria aos estudantes uma aprendizagem alicerçada, assim como prestaria um serviço de grande utilidade e qualidade à comunidade. Poderemos perguntar

por que razão princípios tão nobres são abalados, visto serem fulcrais para o desenvolvimento educacional e cultural de uma região e de um país. É importante que todas as partes estejam em sintonia: o estado, os professores e a família.

A BE é o centro nevrálgico do processo ensino/aprendizagem. Nesse sentido aponta-se, e bem, para a necessidade de formação específica de professores bibliotecários. Actualmente não podemos viver, nesta era da tecnologia, da exigência, da qualidade e importância da aprendizagem científica e cultural, com voluntarismo e com a autoformação. No Canadá foi uma boa prática, posta em causa pelas políticas que originaram concomitantemente reduções orçamentais.

As medidas sugeridas passam por uma escola/BE mais aberta, com projectos a longo prazo, boas práticas, apoio oficial, financeiro e intervenção da sociedade, nomeadamente dos pais/família.

É importante realçar também que o professor bibliotecário tem de ter apoios. Não pode ser visto como um elemento à parte, um intruso, um inconveniente que até sugere alterações nos métodos e práticas de ensino. Necessita de trabalhar em equipa, pois só dessa forma a BE será dinamizada eficazmente. Uma pessoa só, por mais hábil e competente que seja, não pode mover montanhas. Também deve debater, partilhar experiências e saberes com outros professores bibliotecários. Deve interagir com todos os professores da escola/agrupamento, pois a BE tem de ser parte integrante do Plano Anual de Actividades, do Projecto Educativo e do Projecto Curricular de Agrupamento.

Estes problemas detectados nestes dois países, como noutros, também o foram no início do Lançamento da Rede (1996) e continuam a ser observados por muitos de nós ao longo do nosso percurso no trabalho desenvolvido nas BE's. Ainda hoje nos deparamos com a incompreensão/resistência de alguns colegas:

ningún profesor puede transmitir a los alumnos actitudes positivas y estrategias en el uso de los centros de recursos si al mismo tiempo no es usuario personal y profesional de ellos; si no conoce, por propia experiencia, las posibilidades que ofrece. Y otra particular: si los centros de recursos han de integrarse, mediante proyectos concretos, en la programación del currículo del centro docente, todos los profesores tendrán que saber de qué modo afecta ello a su tarea y como diseñar, llevar a la práctica y evaluar tales proyectos. (Viñao, 2003)

Mas, como é referido, chegou uma nova ordem, a da potencialização da oferta informativa, a nível científico, tecnológico e cultural.

Os professores bibliotecários, e não só, têm de “reivindicar” condições para poderem desenvolver um trabalho que prime pelo sucesso dos nossos alunos. Nesse sentido, devemos insistir na formação, sendo as escolas modelos para os discentes e para a própria sociedade.

2. A RBE e o professor bibliotecário

No Relatório Síntese de lançamento das Bibliotecas Escolares há a consciência de colocar a BE no centro da organização pedagógica das escolas com capacidade para ser um marco de referência nas actividades culturais e a principal fonte de informação, onde a comunidade educativa vai *beber*.

Nos objectivos enunciados verificamos uma preponderância de dinâmicas associadas à procura da informação, a sua gestão a nível da qualidade, tempo, pertinência, análise crítica e cultural.

Com o início deste percurso em 1996, com a criação da Rede de Bibliotecas Escolares, a mudança está a operacionalizar-se por todo o país. Após a edificação das estruturas físicas e conseqüente apetrechamento documental e técnico, está a ser dado o passo seguinte.

Juntando a qualidade do espaço à formação técnico-científica dos professores e assistentes operacionais, assim como ao gosto e à força de vontade dos profissionais que aí desenvolvem o seu trabalho, tantas vezes árduo, esperamos apetrechar os nossos discentes de mais e melhores conhecimentos e competências.

A avaliação é feita anualmente pelo acompanhamento dos coordenadores interconcelhios, pelos relatórios e, sobretudo, pelo resultado das boas práticas e, concomitantemente, pela utilização e fruição que diariamente os nossos alunos fazem da BE.

Ainda há pouco tempo eram destacados para as bibliotecas das escolas deste país os professores em pré-aposentação. Como “recompensa” pelo seu longo percurso profissional e também pelo conseqüente desgaste, de forma a minimizar os prejuízos físicos e psicológicos, os Conselhos Executivos, actuais Direcções, colocavam alguns destes

professores na biblioteca, local onde poderiam passar tranquilamente as poucas horas diárias de serviço.

Isto acontecia porque as bibliotecas eram pouco frequentadas, ainda menos usadas para os seus verdadeiros fins, se é que podemos dizer que elas tinham fins. Para além do empréstimo de dicionários para as salas de aula ou do empréstimo domiciliário a alguns alunos que teimavam em ser diferentes, e também da utilização da biblioteca como sala de aulas, nada se fazia nesses espaços silenciosos em demasia e pouco assumidos.

Actualmente, a realidade portuguesa aponta para que o “gestor” da Biblioteca Escolar seja um professor qualificado para a função, realidade consignada nos documentos *Lançar a Rede e Relatório Síntese*. Aliás, estes documentos são quase iguais e, neste ponto, ***Recursos Humanos e Formação: o papel do professor bibliotecário***, dizem exactamente o mesmo.

As vantagens são várias: sendo um professor, melhor poderá sentir e analisar a realidade escolar e, conseqüentemente, as necessidades dos discentes, assim como dos restantes elementos da comunidade educativa; o relacionamento pessoal com os seus pares é mais profícuo; está mais inteirado dos programas curriculares; interage melhor em equipa, pois são todos professores, na maior parte das vezes com um longo tempo de serviço comum; terá um melhor desempenho na coordenação pedagógica; perspectiva mais eficazmente a biblioteca e as suas funções pedagógicas no contexto do Projecto Educativo da escola, assim como no âmbito curricular e fará uma melhor articulação da sua actividade com os órgãos de gestão da escola.

Desvantagens, poderemos apontar uma: não tendo formação de raiz em biblioteconomia, necessitará de um período de tempo para a formação nesta área concreta. Isto acarreta morosidade e ritmos diferentes nas inúmeras escolas do país até haver professores bibliotecários com formação especializada. Quanto ao mais, nas competências da gestão dos recursos materiais, técnicos e humanos da BE não fica diminuído em relação a um técnico exterior à escola.

Como vem referido nos documentos *Lançar a Rede e Relatório Síntese* um professor bibliotecário (e equipa) deve possuir *competências no domínio da animação pedagógica, da gestão de projectos, da gestão da informação e das ciências documentais*.

Sobre a realidade que se vai vivendo nas bibliotecas escolares portuguesas, dispomos já de alguns estudos, nomeadamente dissertações de mestrado. Ao longo deste trabalho, muitas têm sido as alusões a Silva (2000), sobretudo no que concerne à

dinamização das BE's, pelo que não faremos neste ponto uma explanação concreta do seu trabalho neste âmbito. No entanto, regista-se o seu estudo laborioso na área das bibliotecas, particularmente as Bibliotecas Escolares.

Damos em seguida conta de alguns estudos realizados nesta área, salientando os seus contributos para um maior conhecimento sobre o perfil do professor bibliotecário, tema central deste nosso estudo.

Angelina Pereira (2007) refere que o Programa da RBE foi a decisão mais acertada no plano de revitalização das BE's, e que a sua manutenção continua a justificar-se plenamente. O tempo decorrido desde a sua criação evidencia as mudanças qualitativas.

Tendo em conta que o seu estudo ocorreu em 2007, apontava, na altura, uma série de alterações legislativas para o crescimento sustentado das BE's: perfil, formação e competências do seu responsável e fixação de uma nomenclatura inequívoca para designar esse responsável; estipulação do seu horário com dispensa total da componente lectiva; criação de uma carreira de técnico BAD para o pessoal auxiliar não docente; definição da equipa, suas funções e horários; regras de dotação orçamental; instrumentos e processos de avaliação. Toda esta clarificação viria contribuir para que cada órgão/estrutura da escola encarasse o papel da biblioteca de outra forma, considerando o professor bibliotecário um parceiro a ser ouvido em várias estruturas, criando condições mais favoráveis, pois validadas institucionalmente, para desenvolver um trabalho colaborativo com os outros professores.

Como podemos constatar, a maior parte destas necessidades, indispensáveis ao bom funcionamento de uma BE, já foram regulamentadas. Houve, pois, uma consciencialização de vários agentes a nível nacional, desde os professores que trabalhavam na BE, órgãos directivos, Direcções Regionais, Rede Nacional de Bibliotecas Escolas e o próprio Ministério da Educação para a necessidade de regular as Bibliotecas Escolares.

Apesar de tudo, também nos é dado a conhecer que nesta realidade em concreto, assim como na maior parte das escolas do país, há determinadas contingências que ainda não foi possível colmatar, pelo menos de uma forma oficial: a existência de um orçamento, o tratamento documental e formação dos elementos da equipa.

Quanto aos aspectos positivos detectados neste estudo, sobressaem: a ampliação das zonas funcionais e algum enriquecimento do fundo documental.

Helena Carvalho (2007) questionava qual era o impacto que as BE's exercem nas práticas pedagógicas da escola/tecido pedagógico da escola. E a forma como essa relação potenciava as aprendizagens dos alunos, considerando o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a ser.

No seu trabalho dá-nos conta que das sete dimensões das BE's: os programas das BE's para as literacias e para a promoção da leitura, os profissionais da BE, o espaço, as parcerias, o apoio financeiro e a visão estratégica da escola.

Constatou que há falta de articulação com o Projecto Educativo e o Projecto Curricular; ausência de uma estratégia colaborativa que condiciona o uso dos próprios recursos de informação disponibilizados pelas BE's, empobrecendo experiências de aprendizagem em que a prática da literacia de informação está presente e diminuindo as possibilidades de aprendizagem de saberes sociais num espaço plural; inconsistência no trabalho com os alunos no âmbito da formação do utilizador e da literacia de informação, havendo um desaproveitamento de um espaço digno que não é aproveitado, potenciado.

No que concerne à constituição da equipa da BE, partilha connosco alguma precariedade na constituição das equipas educativas das BE's, dos critérios da sua nomeação e de uma formação em BE's pouco consistente. Mesmo assim, refere que na realidade estudada os professores têm conseguido superar alguns problemas, baseando-se nas suas valências multifuncionais e na experiência pessoal. Porém, a pouca formação em biblioteconomia provoca o desequilíbrio na assunção e distribuição das funções desempenhadas, assim como no desenvolvimento da literacia de informação, nas dimensões pedagógicas, participando na construção da visão da escola enquanto organização e perspectivando a BE nesse quadro.

Como aspectos positivos, realça a presença de técnicos auxiliares (assistentes operacionais) a tempo inteiro, com funções diferenciadas e formação na área.

O acesso aos recursos de informação em colaboração com a sala de aula ainda está muito longe do desejável. A ausência de colaboração distribui-se em responsabilidades partilhadas. Não havendo empréstimo de documentos/recursos para a sala de aula, porque motivo os alunos vão usá-los se não se deparam com boas práticas?

Esta questão deve fazer-nos pensar no quão importante é o exemplo que os professores devem dar aos alunos, sobretudo na procura do conhecimento, da regularidade com que mostramos necessidade de nos cultivarmos científica e culturalmente.

Helena Carvalho (2007) menciona que tem havido uma preocupação em adquirir fundo documental, mas ainda não se verifica a proporcionalidade desejada, ou seja, um terço de documentos em formato não-livro.

A nível de tratamento documental, a maior problemática relaciona-se com a indexação. Segundo a autora, isto denota a ausência de conhecimentos profissionais e a falta de parcerias com a Biblioteca Municipal. Diz-nos que a dimensão das parcerias está longe de responder ao desejável. A visão centrada na escola tornou-se impeditiva de uma visão partilhada e integrada das suas funções sociais, não criando colaboração entre as BE's e as respectivas comunidades, nomeadamente as Bibliotecas Municipais, pais ou outras escolas.

Refere que se perdem, desta maneira, oportunidades de rentabilização de recursos, de visões partilhadas, de abertura ao outro, dando-se incumprimento a uma das finalidades da BE – tornar-se o centro da colaboração, ao nível da escola e da comunidade.

Outro aspecto também menos positivo é a ausência de um orçamento para a BE, o que impede a planificação da renovação dos recursos de informação das escolas. Também revela uma visão estratégica redutora que não propicia a articulação necessária entre as aquisições e o uso de novas metodologias, a adequação dos recursos às novas formas de aprender, considerados os diferentes estilos de aprendizagens e as inteligências múltiplas.

A integração na RBE permitiu que estas bibliotecas fossem reconhecidas como um “núcleo pedagógico da escola”, sendo unidades orgânicas da escola e instrumentos de desenvolvimento do currículo escolar. Infelizmente, notou-se a pouca consciência por parte dos órgãos de decisão que os coordenadores das BE's necessitam de formação específica em biblioteconomia, ficando o seu perfil esvaziado de competências técnicas, requisito fundamental.

Realça a presença do professor bibliotecário no Conselho Pedagógico, o que é uma boa constatação, assim como reuniões com a direcção, com as estruturas curriculares e de orientação pedagógica das escolas. No entanto, os professores da BE foram incapazes de aproveitar esta situação, resultado da sua falta de formação em bibliotecas escolares.

Conclui, dizendo que as BE's, enquanto perspectivadas ao nível do espaço definido pelas suas paredes, a sua acção desenvolve-se de acordo com os princípios descritos no programa da RBE, mas enquanto perspectivadas transversalmente no trabalho em colaboração com a sala de aula, a escola e a comunidade, ficaram muito aquém do que se devia esperar.

Menciona que se pretendemos “mudanças efectivas, quer das estruturas existentes, quer dos comportamentos dos professores e dos alunos” (Veiga, 1997: 29), temos também que encontrar forma de mudar as estruturas organizacionais e estratégicas das BE’s. Pretendemos que a acção pedagógica do coordenador da BE (professor bibliotecário) provoque a turbulência necessária na escola para criar a visão estratégica da BE como espaço de pluralidade, dentro e fora das suas paredes.

Isabel Nina (2008) alude à existência de uma sociedade em rede e a massificação das tecnologias de informação, as quais são um permanente desafio.

Para ela, e de acordo com o seu trabalho, a cultura da leitura está nas mãos de duas importantes instituições, a escola e a família.

Perante os projectos de leitura (6) em análise, diz-nos que pôde constatar que o aumento do interesse da leitura e a melhoria dos resultados escolares estão na mira dos seus responsáveis, continuando o insucesso escolar ainda a ser um dos principais factores a desencadear os planos de acção; a promoção da leitura é um dos objectivos primordiais da biblioteca escolar, sendo o grande pólo dinamizador e mediador da leitura na escola; a divulgação e a sensibilização das práticas impulsionadoras são feitas essencialmente a nível interno; os projectos carecem de meios financeiros para a sua sustentação, daí que recorram a apoios; a Biblioteca Municipal e os professores de determinadas áreas curriculares são importantes parceiros da BE; a situação actual de leitura é de crise mitigada, desempenhando a escola um importante papel na formação do leitor.

Constataram que o hábito e o prazer de ler podem e devem ser fomentados pela Biblioteca Escolar. Cativar, partilhar, envolver e comprometer são, em suma, os pilares fundamentais para a cultura do prazer de ler.

Para Isabel Mendinhos (2009), poucas BE’s desenvolvem um trabalho que denota uma preocupação sistemática com a problemática da literacia da informação, apesar de consideradas as recomendações internacionais. Ainda não se verifica um trabalho colaborativo entre a BE e os professores, na área da planificação, concretização e avaliação de actividades em comum.

Constatou que, à semelhança do que ocorre em muitas escolas/bibliotecas do país, os professores bibliotecários necessitam de formação. Dada a importância da literacia da informação, é urgente encetar acções decididas que levem a um aumento significativo da

quantidade e qualidade do trabalho realizado pelas Bibliotecas Escolares, no que se refere à sua capacidade de se articular e de colaborar com as estruturas pedagógicas das escolas.

Seria importante que a nível nacional se estabelecessem competências *standard* em literacia da informação, a serem desenvolvidas em cada ciclo. Esta definição, a par com a formação de professores (das equipas das bibliotecas escolares e curriculares), da generalização da exclusividade de funções a todos os professores bibliotecários e da constituição de equipas docentes coesas, com formação e tempo suficiente para exercerem as suas funções, constituiriam os eixos, em torno dos quais se poderia construir uma prática colaborativa entre a BE e o currículo, com reflexos decisivos no enfoque metodológico do ensino, centrado no aluno e nas suas necessidades presentes e futuras.

Isabel Mendinhos refere que se isto não acontecer, as escolas terão meios físicos e técnicos, mas com BE's e professores que, do ponto de vista pedagógico, são incapazes de tirar o máximo proveito dos recursos, de forma a orientar os alunos na construção e desenvolvimento de capacidades que lhes permitirão muito mais do que o simples acesso à informação. Imersos no paradigma digital, na sociedade do conhecimento, em que este é o principal valor, as BE's e as suas equipas, os professores e os alunos deverão assumir novos papéis.

Ana Mateus (2009) na sua investigação sobre as Bibliotecas Escolares, aprofundou a problemática da leitura, e constatou que há falta de reconhecimento do trabalho desenvolvido pela BE.

Os professores fazem uma grande resistência ao trabalho colaborativo com a BE. Verifica-se a pouca valorização do trabalho de investigação em educação, com o intuito de melhorar as práticas ou avaliar projectos inovadores. Também partilha connosco as dificuldades em envolver as famílias nas actividades da escola e da BE, nomeadamente no que se reporta à leitura. A família e a escola não têm apoiado a leitura recreativa. Há muitas dificuldades na leitura autónoma.

Alerta-nos para a necessidade de se motivar os alunos com a leitura recreativa, complementada com actividades lúdicas desenvolvidas pelas BE's, para que se possam enraizar hábitos de leitura. O maior problema na resistência à leitura não são os jovens, mas sim uma mentalidade que reina nas escolas e quer resistir a todo o custo à mudança.

Teresa Castanheira Silva (2009) questiona se a BE poderá marcar a diferença, se poderá constituir-se como um núcleo de implementação das inovações e se a equipa e o seu coordenador (professor bibliotecário) se encontram em condições de liderar a implementação da mudança. Do estudo realizado, ressaltou a necessidade de se saber lidar com a cultura de escola. A aliança entre a BE e os grupos disciplinares deve ser uma prática a implementar. Constatou que os professores ligados às novas tecnologias são os mais receptivos às inovações. Coordenam o Plano Tecnológico da Educação e fornecem informação interna de qualidade aos docentes no sentido de os preparar para a sua utilização: técnica e pedagógica. São aliados privilegiados na planificação de futuras actividades.

Constatamos, então, após a auscultação a várias realidades verificadas neste país, que o professor bibliotecário deverá ser uma pessoa e um profissional com muitas qualidades. Pessoa cordata, amável, assertiva, dialogante, empreendedora, colaborativa. Um professor multifacetado, pois deverá possuir conhecimentos e competências profissionais em áreas muito diferentes.

Tendo em conta este leque alargado de competências é importante pensar-se na verdadeira dimensão do trabalho destes professores para que se concentrem neste serviço de tanta responsabilidade e, desta forma, possa haver resultados na comunidade educativa e também na própria sociedade, pois as escolas formam estudantes e cidadãos.

O professor bibliotecário tem de ser um elemento agregador nos estabelecimentos de ensino. Ele faz a ponte entre a Direcção da escola, os professores, os alunos, os funcionários, os pais e outros agentes culturais da comunidade e mesmo da região.

Acresce dizer que o professor bibliotecário trabalha em parceria e para as escolas do agrupamento e o resultado do seu trabalho e restantes elementos da equipa deve também ser apoiado pelos órgãos de decisão das escolas/agrupamentos.

2.1. Da criação da RBE à institucionalização do professor bibliotecário

O conceito de biblioteca foi-se alterando ao longo tempo, desde local de animação ou colecção de livros, até actividade da turma (biblioteca de turma), desde mediateca até

centro multifuncional de acesso à informação. Nas últimas décadas, os espaços onde se promovem iniciativas neste domínio têm sido designados por uma multiplicidade de termos, tanto nas escolas, como em documentos oficiais: Bibliotecas, Mediatecas, Centros de Documentação e Informação (CDI), Centros de Recursos Educativos (CRE), Centros de Informação Multimédia, etc.

Cada um destes termos deveria ser empregue para corresponder a um conceito e uma realidade determinada. Verifica-se, no entanto, que isto não acontece e que a escolha da designação tem sido com frequência um pouco arbitrária. Esta diversidade reflecte, por um lado, a falta de intervenção e de apoio oficial, mas por outro, reflecte também o dinamismo e a autonomia das equipas pedagógicas que têm conseguido encontrar recursos e criar diferentes tipos de soluções para responder às necessidades que enfrentam. (Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares, 1996)

Hoje já não há praticamente nenhuma escola Básica e Secundária que não tenha a sua Biblioteca Escolar inserida na RBE. Actualmente o investimento está a operar-se sobretudo a nível das Escolas Básicas do 1º Ciclo e mais concretamente nos Centros Escolares. Os alunos do ensino Pré-escolar e do 1º Ciclo poderão, desta forma, adquirir hábitos de leitura e outras competências com a utilização frequente destas bibliotecas, onde também lhes é permitido fazer requisições domiciliárias. O trajecto iniciado em 1996 tem sido constante e galvanizante.

Como já aludimos anteriormente, a aposta em Bibliotecas Escolares com condições físicas, técnicas, humanas e também pedagógicas havia-se iniciado há várias décadas noutros países. Os estudos internacionais evidenciavam um enorme acréscimo nas aprendizagens dos alunos com a inclusão destas bibliotecas nas escolas. O passo seguinte tinha sido dado com a formação dos profissionais que trabalham nas bibliotecas, tanto os técnicos, como os professores. Esse percurso foi sendo percorrido, embora com diferenças de país para país, sobretudo a nível do conceito do gestor da biblioteca no que concerne à sua formação e ao seu desempenho.

Em Portugal, a segunda metade da década de noventa, marca o início de um trajecto que tem sido muito honroso. Embora as alterações governativas tenham acontecido, a política para as Bibliotecas Escolares nunca mudou de rumo. O que se tem verificado com

grande agrado é precisamente a melhoria constante que ocorre a nível das instalações, qualidade e quantidade do fundo documental, inclusão significativa dos meios tecnológicos, da disponibilidade de haver recursos humanos, tanto a nível de assistentes operacionais como de professores.

Aqui se colocou desde o início a principal questão: de que poderão servir esses espaços tão bem equipados se não há competências profissionais específicas das pessoas que aí trabalham?

Sentindo a necessidade deste passo qualitativo, sobretudo no que concerne à vertente educativa, e estando também atentas às necessidades das comunidades educativas, as universidades por um lado e os Centros de Formação por outro, criaram programas curriculares para ministrarem formação, embora em moldes diferentes, a professores e assistentes operacionais.

Os Centros de Formação começaram a disponibilizar acções de formação creditadas na área das Bibliotecas Escolares, ainda na primeira metade desta década. As universidades criaram cursos para apetrechar dignamente os professores para o seu trabalho multifacetado e exigente.

Havia ainda um outro passo a ser dado e de não menor importância, a regulamentação de tudo o que se reporta às Bibliotecas Escolares, nomeadamente a carga horária dos professores de acordo com a tipologia das escolas, assim como indicações sobre as competências para o cargo.

Tendo uma perspectiva diacrónica, constatamos que, ainda num período anterior à criação da Rede de Bibliotecas Escolares, uma das primeiras regulamentações que mencionam a BE, foi a Lei 46/86 de 14 de Outubro de 1986 que no Capítulo V, artigo 41º - Recursos educativos -, ponto 2, alínea b) indica “As bibliotecas e mediatecas escolares”.

Após a criação da RBE e consequente regulamentação, saiu em 1999 o Despacho Conjunto nº 198/99 (cf. Anexo 2) que aludia aos perfis de formação na formação especializada de professores. Na sua secção H – Área de formação especializada em comunicação educacional e gestão da informação – mencionava os objectivos, competências a desenvolver: de análise crítica; de intervenção; de formação, de supervisão e de avaliação; e de consultoria.

No ano de 2002 também se legislou sobre a equipa responsável pela Biblioteca Escolar e o coordenador da biblioteca, para o qual era atribuído à escola um crédito horário específico, estamos a falar do Despacho Interno Conjunto nº 3/2002 de 15 de Março. Em

2005, a Lei 49/2005 de 30 de Agosto mencionava no Capítulo V, artigo 44º, ponto 2, alínea b) “*As bibliotecas e mediatecas escolares*” como recursos educativos, à semelhança do que acontecera com a Lei 46/86.

Surgiu em 2007 o Despacho nº 17860/2007 de 13 de Agosto que se reportava à constituição da equipa da BE e aos requisitos para a poderem integrar, aos créditos horários, às funções do coordenador da biblioteca (cf. Anexo 3). O Decreto/Lei 75/2008 de 22 de Abril, no artigo 46º, ponto 4 menciona “Os serviços técnico-pedagógicos podem compreender as áreas de apoio sócio-educativo, orientação vocacional e biblioteca”.

Em 2008, o Despacho 19117/2008 de 17 de Julho, no artigo 9º estipula a organização e gestão da BE, o crédito horário e os requisitos para a integração de professores na equipa. O Despacho 700/2009 de 19 de Janeiro, no artigo 19º, ponto 4, alude à constituição da equipa do Plano Tecnológico da Educação, e na alínea c) refere “O Coordenador da biblioteca escolar”.

Por sua vez, o Decreto/Lei 124/2009 de 21 de Maio, no Anexo ao artigo 9º - Áreas de eventual intervenção do professor voluntário, menciona: “Ajuda ao funcionamento das bibliotecas escolares/centros de recursos educativos através de projectos de leitura recreativa, ajuda à pesquisa bibliográfica ou electrónica, elaboração de trabalhos”.

Este Decreto/Lei tem um enquadramento diferente dos demais documentos aqui mencionados, pois visa fazer um enquadramento “... às intervenções de voluntariado no âmbito das escolas e, com particular ênfase, naquelas em que muitos professores aposentados manifestam a sua disponibilidade para prestar a sua colaboração em variadas actividades”. Uma dessas possíveis actividades é a “ajuda ao funcionamento das bibliotecas escolares e centros de recursos educativos”.

A 14 de Julho de 2009 saiu a tão almejada Portaria 756/2009, a qual revoga, no artigo 17º, o Despacho Interno Conjunto nº 3 – I/SEAE/SEE/2002. Este documento, embora ainda não contemple na plenitude as ambições dos professores que trabalham na BE ou o pretendem fazer, é um grande passo para a afirmação e assunção do cargo de professor bibliotecário. Estipula os termos para a designação de professor bibliotecário, o conteúdo funcional (as suas competências) e a constituição da equipa da BE. (cf. Anexo 4).

Em 31 de Julho de 2009 foi emitido o Despacho 17670/2009 que tem por principal finalidade regulamentar sobre os coordenadores interconcelhios. Menciona logo de início: “A biblioteca escolar assume-se, no novo modelo organizacional das escolas, como uma

estrutura inovadora, capaz de acompanhar as mudanças nas práticas educativas, necessárias para proporcionar o acesso à informação e ao conhecimento e ao seu uso”.

Para complementar todo este processo, também surgiu o novo Modelo de Auto-Avaliação da Biblioteca Escolar em 12 de Novembro de 2009 que contempla os quatro domínios a avaliar (Apoio ao Desenvolvimento Curricular; Leitura e Literacia; Projectos, Parcerias e Actividades Livres e de abertura à comunidade e, ainda, Gestão da Biblioteca Escolar), orientações, instrumentos e o relatório.

2.2. O professor bibliotecário e a avaliação da BE

Há um aspecto muito importante em todo este processo, a Avaliação. Só avaliando anualmente todo o trabalho desenvolvido se poderá prosseguir no bom caminho. A avaliação pode ser feita de diferentes formas, através de inquéritos à comunidade educativa, ou sobretudo a discentes e docentes; através de relatórios que escarpelizem o que se fez e a forma como decorreram as actividades ao longo do ano lectivo.

A avaliação deve servir essencialmente para evidenciar os aspectos menos conseguidos, para, desta forma, se ter a consciência de que é necessário alterar procedimentos para o bem principal que é servir com qualidade os utentes da BE, melhorando os seus resultados escolares.

Muitas vezes há a percepção de que tudo está a decorrer segundo o planeado e não nos apercebemos que os receptores do nosso trabalho têm, ou poderão ter, uma visão diferente. Nem sempre se conseguem os resultados esperados nas diferentes actividades/projectos que ocorrem ao longo do ano lectivo numa BE.

Inquirindo os utilizadores, teremos a verdadeira consciência de como se procedeu, e do que será, eventualmente, necessário modificar/aperfeiçoar para se conseguirem melhores resultados, assim como uma maior eficácia nos objectivos da BE.

Tendo como referência o Modelo de Auto-avaliação da Biblioteca Escolar (RBE, 2009) e a relevância que é dada às evidências, pois é através delas que se opera a avaliação, Tood (2003) cita Wilson que refere que o respeito da comunidade docente pelo professor bibliotecário advém do trabalho que ele possa desenvolver na articulação com os outros professores no apoio ao currículo.

O que é a prática baseada em evidências e como pode beneficiar o professor bibliotecário?

Se a aprendizagem dos alunos é o nosso principal objectivo, a prática baseada em evidências não será a aferição do nosso valor, mas sim a demonstração da importância do nosso contributo na aprendizagem. E, desta forma, a avaliação será muito melhor.

O Information Power (ALA Editions, 1998) indica estratégias de alfabetização que o professor bibliotecário deve ter em consideração enquanto formador:

- Estratégia de simples lista de verificação: verificar nos alunos os níveis de competências de literacia de informação, as habilidades técnicas, os conhecimentos e atitudes antes e depois da formação na/da biblioteca.

- Estratégia de rubrica: avaliar os alunos com base num conjunto de critérios que definem claramente o impacto das suas aulas.

- Estratégia de conferência: planear as actividades onde os alunos podem reflectir sobre o seu trabalho, as suas habilidades e os benefícios de formação da biblioteca.

- Estratégias de jornal: documento de formação e resultado dessa mesma formação.

- Estratégias de portfólio: recolher amostras do trabalho dos alunos ao longo de um período de tempo e associá-lo aos objectivos do currículo e aos requisitos de literacias de informação da escola.

Todd (2002) dá-nos conta que o manifesto da IFLA/UNESCO (2000) identifica três crenças fundamentais que estão no cerne da criação e funcionamento de bibliotecas nas escolas.

Em primeiro lugar, a prestação de informação é vista como “Fundamental para o funcionamento com sucesso na sociedade de hoje que é cada vez mais informação baseada no conhecimento” (IFLA, 2000).

Em segundo lugar, um aspecto integrante desta disposição é o reconhecimento de que a prestação de informações e benefícios pessoais e sociais não acontecem por acaso, a intervenção profissional é necessária porque “prepara alunos ao longo da vida, para aprenderem competências e desenvolverem a imaginação, permitindo-lhes viver como cidadãos responsáveis” (idem).

Em terceiro lugar, esse papel mostra que quando os bibliotecários escolares e professores trabalham em conjunto, os alunos atingem maiores níveis de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e de tecnologia da informação e comunicação.

O professor bibliotecário deve ser activo e colaborar com o currículo e os objectivos de aprendizagem da escola, formar e intervir de uma forma geral.

Segundo Todd (2002), os professores bibliotecários precisam de ser claros sobre o que realmente é a força motivadora dos seus papéis de formadores nas escolas. Há pelos menos duas maneiras de olhar para este problema: fazer e ser. O motivo fundamental para o papel de formador do professor bibliotecário tem de ir além de permitir aos estudantes capacidades de manipulação de informações.

No entanto, o desenvolvimento de um aluno alfabetizado a nível da informação é essencial para se tornar e ser.

Levanta-se a questão: o que pretendemos dos alunos com a aprendizagem das competências de literacia da informação?

O objectivo não é formar estudantes de literacia da informação, mas sim o desenvolvimento de um conhecedor, aquele que é capaz de interagir efectivamente com um mundo de informação rica e complexa e que é capaz de desenvolver novas compreensões, percepções e ideias.

O objectivo presente neste modelo de avaliação é criar uma dinâmica de trabalho que complementa todo o investimento feito a nível da criação de estruturas físicas, da dotação de equipamentos tecnológicos, de fundos documentais e de recursos humanos. É chegado o momento de esses mesmos recursos humanos, professores e assistentes operacionais, evidenciarem nas BE's e nas próprias escolas/agrupamentos os conhecimentos técnico-científicos tão importantes para a complementarização e valorização das aprendizagens dos discentes.

Avaliar é um imperativo de qualidade.

2.2.1. O novo modelo de avaliação

O ser humano sempre se mostrou interessado pela análise a toda e qualquer realidade envolvente. Somos observadores por natureza. A avaliação é um conceito cada

vez mais pertinente e actual. A complexidade do mundo contemporâneo, com o encurtamento significativo das distâncias, consequência directa dos meios de comunicação viários e informacionais, requer procedimentos de controlo de qualidade e de quantidade sobre o desempenho profissional ou, simplesmente, do exercício de um conjunto muito vasto de actividades.

Sendo o mundo uma aldeia global onde todos podemos interagir nos mais diversos quadrantes da actividade social, económica, cultural e política, a exigência é uma consequência natural desta realidade. Quando avaliamos um produto ou um serviço, estamos a consciencializar-nos sobre o que fizemos. Muitas vezes, só a análise retrospectiva pode detectar falhas no processo em causa.

Durante muitos anos a cultura de avaliação foi colocada à margem do desempenho profissional das mais diversas actividades laborais. A desresponsabilização grassou num mundo ainda fechado em pequenas realidades locais ou regionais.

A avaliação tem como principal objectivo a melhoria constante do cumprimento das actividades planificadas. Requer, pois, uma análise cuidadosa e capaz aos serviços ou recursos em causa. O processo da avaliação implica a tomada de decisões sobre os objectos em análise.

A qualidade deve ser inerente à evolução do próprio ser humano, o que tem resultado numa melhoria comprovada ao longo da nossa história enquanto seres racionais. É muito importante que a avaliação se reja por parâmetros objectivos e de grande rigor, de forma a ser justa e imparcial e a não causar, na sua ausência, quaisquer tipos de danos, tanto materiais como psicológicos.

A avaliação deve ser o elemento chave de todo o trabalho desenvolvido pela BE na sua ligação à comunidade educativa. A avaliação, centrada nas evidências, é o processo regulador inerente à gestão e à procura de uma melhoria contínua. O processo da avaliação vai mostrar os aspectos positivos e negativos da BE, desencadeando uma análise que levará a mudanças concretas nas práticas menos conseguidas e o reforço dos objectivos conseguidos.

Na actualidade, já não se põe a questão quanto à necessidade destes profissionais terem de se munir de instrumentos de avaliação do desempenho e da qualidade dos serviços e recursos. O resultado dessas monitorizações é obter elementos essenciais para fundamentar decisões e melhorar continuamente os serviços prestados. (Melo & Sampaio, 2003)

Avaliando, obtemos o diagnóstico que nos possibilita melhorar os pontos mais débeis da gestão técnica e pedagógica da BE. Avaliando, conseguimos aperfeiçoar a ligação sócio-afectiva aos utilizadores, sobretudo os alunos, caminhando ao encontro das suas necessidades e das suas preocupações. Avaliando, estamos também a permitir que haja condições de igualdade no acesso e tratamento da informação de todos os discentes. Avaliando, estamos a valorizar um espaço que é útil e imprescindível para a formação de pessoas que integram uma sociedade exigente e competitiva.

A BE deve aferir as modificações positivas que o seu funcionamento tem nas atitudes, valores e conhecimento dos utilizadores.

O principal conceito do Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares está relacionado com a noção de valor – “a experiência e benefícios que se retira das coisas”. Segundo Cram (1999), as bibliotecas não têm um valor inerente, mas sim o que lhes é atribuído, subjectivamente, pelo benefício real ou potencial. O *valor* é um conceito psicológico. Pode ser intrínseco ou extrínseco, mas é sempre subjectivo. O seu valor não está associado directamente ao impacto sobre uma actividade ou indivíduo.

Então qual é a diferença entre valor e impacto?

Pode, no entanto, haver uma relação sequencial entre o impacto e o valor da biblioteca. Cram menciona que o impacto pode ser sinónimo de resultados, mas há uma pequena diferença: impacto de uma actividade é o efeito que tem sobre outras actividades, destinatários ou beneficiários dessa actividade. Por sua vez, os resultados são os benefícios obtidos.

O valor pode ser medido por um quadro conceptual. O quadro tem quatro componentes: a biblioteca, o contexto espacial em que opera, os interessados e o processo de acompanhamento e avaliação.

A Biblioteca Escolar não pode ser vista apenas como um prestador de serviços, mas com intervenção na área social e/ou bem-estar económico, ou seja, a BE é um prestador de benefícios. A satisfação dos utentes é considerada muitas vezes como um indicador de resultados.

O valor é claramente um julgamento, mas o acto de julgar implica uma definição do que é bom ou desejável e do que é mau ou indesejável. Não há a certeza do que é bom ou mau. Tudo pode ser relativo, embora nos seja, por vezes, difícil aferir, dada a subjectividade de cada pessoa, de cada utilizador da biblioteca. Portanto, não temos meios

para assegurar a consistência em tais julgamentos, nem é fácil de agregar diversos indicadores.

O valor é um conceito difícil de explicar, daí que seja difícil de medir. É baseado sobretudo na crença e no pensamento. O valor é atribuído e relacionado com a percepção do benefício real ou potencial.

A finalidade de medir o valor de uma biblioteca não é principalmente para ver se a biblioteca está a fazer melhor ou pior que as outras, mas se ela está fazendo bem.

As BE's enfrentam a difícil tarefa não só de identificar os bens sociais e organizacionais para que a biblioteca contribui, mas de demonstrar os ganhos ou o aumento nos bens que podem ser directamente atribuídos à biblioteca.

2.2.2. Principais linhas de actuação

Este modelo pretende avaliar a qualidade e eficácia da BE, através de uma utilização flexível de acordo com a realidade de cada escola e de cada biblioteca. Para isso, a sua aplicação deve ser exequível e facilmente integrável nas práticas da equipa.

Ressalvamos como aspectos mais positivos:

- O papel preponderante que a BE, quando constituída por uma equipa competente e dinâmica, possui na “vida” da escola. A sua ligação com todos, Direcção, departamentos, subdepartamentos, alunos, assistentes operacionais, encarregados de educação e comunidade local, é fundamental para uma política de parceria e de envolvimento que beneficia sobretudo os discentes, tanto no enriquecimento das suas aprendizagens, como na sua envolvimento social e cultural.

- A integração do professor bibliotecário na equipa do Plano Tecnológico da Educação.

- A importância da BE no contexto das diferentes aprendizagens.

- A integração da BE nas estratégias e nos programas de leitura a nível de escola. Realce para a importância do Plano Nacional de Leitura na dinâmica operada nas escolas. Também se pode fazer uma ressalva positiva ao Concurso Nacional de Leitura, embora este não contemple o 1º e 2º Ciclos.

- Embora já se faça em muitas comunidades, o incentivo à partilha do fundo documental é importante que esteja contemplado neste documento e seja objecto de avaliação, pois as bibliotecas devem trabalhar em articulação tanto a nível de projectos, como na partilha de recursos.

- A dinamização de actividades livres, de carácter lúdico e cultural.

- É também muito importante que a BE se abra à comunidade: *A BE constitui um espaço de acolhimento de Pais/EE's.*

- A sua flexibilidade de horário, sobretudo no período nocturno, possibilitando que os alunos tenham o apoio da BE.

- Documentos estruturantes da BE, como o Plano de Acção, a Política de Desenvolvimento da Colecção, o Plano Anual de Actividades e mesmo o Manual de Procedimentos e o Regulamento Interno. Muitas BE's, algumas delas integradas na RBE há vários anos, não têm alguns deles, daí que seja importante a alusão a estes documentos.

Notamos, porém, que, apesar de todas as vantagens que este documento possui, a sua aplicabilidade não se apresenta fácil. O trabalho a desenvolver pelo professor bibliotecário e pelos restantes membros da sua equipa é vastíssimo e plurifacetado. Esta situação requer efectivamente muito tempo.

Há também uma série de condicionalismos, ou aspectos que carecem de uma atenção maior, com que nos deparamos ao analisar este documento:

- Ao nível das *Acções para melhoria/Exemplos*, é mencionado que a comunicação entre a BE e os docentes deve ser melhorada. Sobre este ponto, comum a diferentes *Indicadores*, constata-se, como já mencionámos, que ainda há muita resistência dos professores à alteração desejada de colaboração. As práticas de um determinado paradigma educacional levam o seu tempo a alterar-se. Nem sempre os agentes da educação aceitam facilmente uma alteração de procedimentos e de parcerias, embora sejam profícuas à aprendizagem dos discentes. As resistências ao *modus operandi* são muitas.

- Não é fácil constituir-se uma equipa escolhida por elementos de áreas disciplinares diferentes, o que é uma mais-valia para o trabalho a realizar. Qual a razão? Na maior parte das escolas do país, os professores que fizeram formação específica na área das BE's pertencem ao Departamento de Línguas, o que dificulta o cumprimento de determinadas competências da BE. Quando há professores com alguma formação e

experiência em bibliotecas, não é fácil, nem compreensível, “convidar” outros que à partida teriam um perfil melhor, mas a quem falta formação e, muitas vezes, vontade.

- É também focado no documento a utilização da BE pelos docentes para actividades de ensino e apoio aos alunos. Torna-se difícil quando o espaço não é muito grande. Podemos referir que a grande maioria das BE's que se constroem ou se alteram não possuem um espaço coadunado com o cálculo do número de alunos. Apesar dos normativos indicarem uma determinada área proporcional ao número de alunos, as DRE's e/ou a própria RBE aprovam projectos que ficam aquém do desejável. Também sabemos que há contingências financeiras, mas no futuro torna-se impossível uma rentabilização do espaço condigna com os interesses das comunidades educativas.

Este problema é mais acentuado quando as escolas não possuem outro tipo de estruturas para esse efeito, como sejam salas de TIC, auditório, salas de apoio, salas para as NEE (Necessidades Educativas Especiais) e demais situações.

- Se elencarmos todo o tipo de documentos que a equipa da BE deve produzir ao longo do ano lectivo como materiais didácticos, páginas de internet, *webquests*, guiões de pesquisa, orientadores de leitura, maletas pedagógicas, dossiês temáticos, fichas de trabalho e outros materiais formativos e de apoio às diferentes actividades, para além de outros que ao longo deste Modelo de Auto-avaliação são sugeridos e se atendermos à constituição da mesma, sabendo também que os restantes elementos da equipa, para além do professor bibliotecário, têm uma carga horária reduzida na BE, a missão é enorme e difícil de se concretizar, sobretudo em qualidade. Ainda se sugere que “a BE desenvolve actividades e projectos em comum com outras escolas, agrupamentos e BE's”.

- A dotação de fundos estipulados legalmente para as BE's, mas não vinculativos às Direcções. A percentagem de BE's que podem gerir uma verba atribuída anualmente pelas direcções das escolas é reduzida, o que inviabiliza uma série de projectos, como o enriquecimento da colecção de acordo com o interesse dos docentes e dos alunos.

- Há ainda falta de informação e formação, tanto para alunos como para professores, de leitura em diferentes tipos de ambientes digitais. É necessária formação para a aquisição de competências críticas e operacionais necessárias.

- Embora o princípio seja bom, algumas actividades relacionadas com a leitura e emanadas do PNL, como o Concurso Nacional de Leitura, muitas vezes não são desenvolvidas, ou em muitos casos nunca foram desenvolvidas, porque dependem da articulação com outros docentes, para além da BE, como o subdepartamento 300 – Língua Portuguesa do 3º Ciclo.

- Também não é fácil “Solicitar o envolvimento e colaboração dos pais e da comunidade na organização e financiamento dos eventos”. A maior parte dos pais tem um horário laboral incompatível com a escola. O financiamento é, na actual conjuntura, um problema muito delicado.

- Quando se sugere que a BE tenha um horário extra-lectivo, também não é fácil de materializar. Nos meios rurais e em muitos urbanos, os discentes estão dependentes de um circuito de transportes único que não lhes permite permanecer na escola para além do tempo lectivo, pois vivem longe ou mesmo muito longe do estabelecimento de ensino.

- Há um entrave que se coloca à realização de acções de formação para Encarregados de Educação – a articulação das mesmas com o horário de cada um e a distância da maior parte deles à escola/BE.

- Uma dificuldade que se coloca à abertura da BE aos sábados, isto nas escolas onde não há aulas nesse dia, é a sua dependência da “carolice” dos professores e dos assistentes operacionais que têm direito à sua vida pessoal. A gestão dos recursos humanos não é muito fácil de resolver: professores e assistentes operacionais.

Parte II – Estudo Comparativo sobre o perfil dos Professores Bibliotecários da RBB

1. Contexto da investigação

Foi criada em 2008 uma rede interconcelhia de bibliotecas, denominada Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso. A heterogeneidade das diferentes bibliotecas que a integram é em si mesmo um desafio que nos levou a tentar encontrar um caminho comum, apesar das idiossincrasias de cada uma. Neste sentido, considerámos que seria importante que esta recém-criada parceria de bibliotecas fosse objecto de análise/estudo, através, nesta situação concreta, do perfil dos seus professores bibliotecários para que o caminhar futuro se possa iluminar com um conhecimento mais amplo da situação presente. Com este propósito, estabelecemos um conjunto de objectivos para a vertente empírica do nosso estudo, procurando perspectivar um conjunto de elementos que considerámos particularmente significativos nesta fase da “construção” da RBB.

As questões investigadas foram:

- Como se caracteriza a relação entre a BE e as estruturas da escola (Conselho Executivo/Direcção e estruturas de gestão pedagógica)?
- Quais são as formas de articulação curricular da Biblioteca Escolar com outras estruturas de gestão pedagógica?
- Como perspectiva o Professor Bibliotecário o seu perfil e funções?
- Como é que a forma como o Professor Bibliotecário perspectiva o seu perfil e funções pode influenciar os processos de articulação BE *versus* Escola?

Com estas questões pretendeu-se atingir os seguintes objectivos de investigação:

- Comparar práticas de actuação de professores bibliotecários de escolas pertencentes à mesma rede interconcelhia (RBB);
- Detectar as lacunas/constrangimentos que eventualmente possam existir;
- Valorizar os pontos fortes e partilhá-los;

– Apontar possibilidades de acção, baseadas na identificação de oportunidades e a partir de boas práticas e do perfil do professor bibliotecário, que possibilite a melhoria substantiva da gestão técnica, pedagógica, cultural e social das Bibliotecas Escolares, assente nas competências do seu gestor.

1.1. Contexto populacional das Escolas em estudo

A área geográfica em estudo envolve escolas pertencentes a 5 concelhos que cobrem uma superfície de 1.618,2 Km² e uma população com 67.288 habitantes (Censos de 2001).

Concelhos	Área	População	Média de Habitantes por Km2
Cabeceiras de Basto	241,8 km ²	18033	74,6
Celorico de Basto	181,1 km ²	20516	113,3
Mondim de Basto	172,1 km ²	8541	49,6
Montalegre	805,8 km ²	12792	15,9
Ribeira de Pena	217,4 km ²	7406	34,1
Total (2001)	1.618,2 km ²	67288	57,5

Quadro 3 - Indicadores geográficos da RBB

Estamos perante uma área geográfica grande, mas com um número populacional relativamente baixo.

A ilustração que apresentamos de seguida apresenta os concelhos que integram a RBB, os quais estão delimitados por uma linha branca e as localidades onde há escolas com BE, integradas neste estudo, estão assinaladas com um ponto verde.

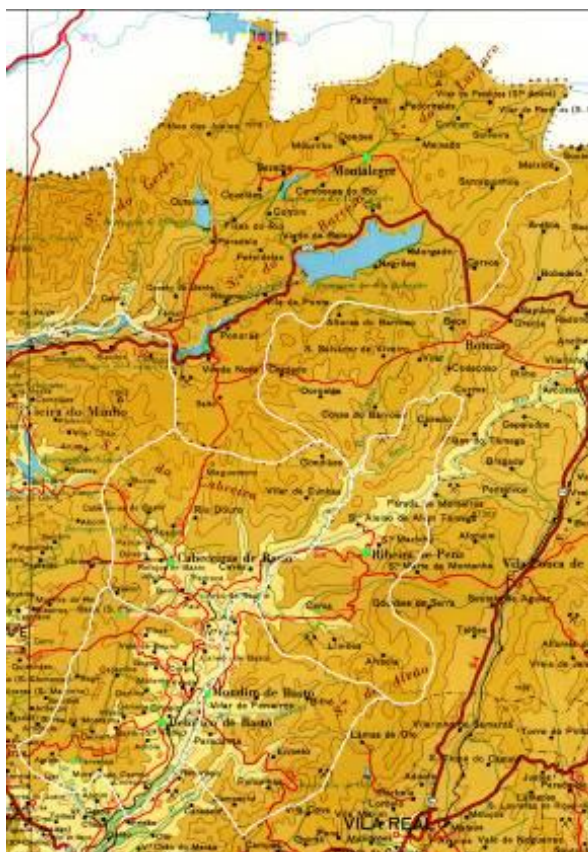


Ilustração 1 - Mapa dos cinco concelhos que integram a RBB

A nível de área geográfica o concelho maior é Montalegre, que tem mais área do que os outros quatro concelhos juntos. Em termos populacionais, o maior é o de Celorico de Basto, o que se vai repercutir em três agrupamentos escolares e uma escola que não constitui agrupamento.

As escolas sede de agrupamento são mencionadas no quadro número 4. Estão aqui agrupadas por ordem alfabética dos concelhos.

Concelho	Agrupamento	08/09	09/10	Média	Oscilação
Cabeceiras de Basto	Arco de Baúlhe	1050	900	975	- 150
	Cabeceiras de Basto	1620	1611	1615,5	- 9
Celorico de Basto	Celorico de Basto	1275	1376	1325,5	+ 101
	Fermil – Molaes	258	232	245	- 26
	Gandarela - S. Clemente	678	645	661,5	- 33
	Mota – Fervença	782	735	758,5	- 47
Mondim de Basto	Mondim de Basto	1387	1376	1381,5	- 11
Montalegre	Baixo Barroso - Venda Nova	430	436	433	+ 6

	Montalegre	919	839	879	- 80
Ribeira de Pena	Cerva	384	372	378	- 12
	Ribeira de Pena	572	542	557	- 30
Total		9355	9064	9209,5	- 291
Total Média		850,5	824	837,2	- 26,5

Quadro 4 - Contexto estudantil da RBB

O quadro evidencia uma realidade – a redução, nalguns casos significativa, do número de alunos na generalidade dos agrupamentos. À excepção de dois, todos viram o seu número de alunos reduzido de um ano para o outro. O ano lectivo de 2008/2009 corresponde ao momento em que a recolha de dados se realizou; no ano lectivo de 2009/2010 fez-se a análise e tratamento dos dados a seguir apresentados.

Associando este quadro ao anterior, o nº 3, deparamo-nos com um decréscimo da população estudantil numa região relativamente grande, mas cuja população é proporcionalmente reduzida. Esta realidade é abrangente à maior parte dos concelhos do interior do nosso país.

O Agrupamento de escolas de Cabeceiras de Basto é o maior, contrapondo com a escola de Fermil. Há, no entanto, uma observação que se impõe fazer, esta escola é a única que não constitui agrupamento, pois é uma Escola Profissional Agrícola, apenas com alunos a partir do 10º ano.

Estabelecendo um termo de comparação entre os quadros três e quatro, podemos constatar que há uma correlação directa entre o número de habitantes por concelho e o de estudantes. Celorico de Basto possui mais população e tem também um maior número de alunos, distribuídos por três agrupamentos e uma escola profissional. A Escola Profissional Agrícola de Fermil recebe alunos dos concelhos de Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Mondim de Basto e Ribeira de Pena.

Deve também ser referido que os diferentes agrupamentos têm algumas diferenças, o que se repercute no número de alunos.

No concelho de Cabeceiras de Basto, os dois agrupamentos não possuem o ensino secundário, uma vez que há um colégio particular – Externato de S. Miguel de Refojos – que tem apenas o ensino secundário e que absorve uma parcela dos alunos que frequentam esse nível de ensino. É, portanto, o único concelho, dos cinco em estudo, que não tem

ensino secundário público. Caso houvesse, a população estudantil seria maior, pois este ano lectivo há 441 alunos neste colégio.

O colégio de S. Miguel de Refojos não foi objecto de estudo por dois motivos: a sua biblioteca ainda não se encontra na RBE e o professor que a coordenava, embora com uma carga horária apenas simbólica, não se mostrou disponível para colaborar neste projecto.

Mencionamos, ainda, que os agrupamentos da Gandarela e Mota, ambos pertencentes ao concelho de Celorico de Basto e o de Cerva, ao concelho de Ribeira de Pena, também não possuem ensino secundário. Os alunos destes agrupamentos continuam os seus estudos nas escolas da sede de concelho, Celorico de Basto e Ribeira de Pena, respectivamente. Por último, dos dez agrupamentos em análise, há cinco que não possuem ensino secundário e cinco que o têm. A escola não agrupada apenas contempla o ensino secundário.

2. Enquadramento metodológico

Os métodos e técnicas de investigação escolhidos são comuns a várias ciências, sobretudo as sociais. São ciências indutivas que nos conduzem a conclusões a partir dos factos.

Todo o trabalho desenvolvido – a pesquisa, observação, análise e sistematização dos factos – deve ter em linha de conta o princípio da objectividade (as coisas nem sempre são o que parecem), da inteligibilidade (a realidade é inteligível/perceptível) e da racionalidade (compreensão das relações existentes entre os factos).

Este trabalho é um estudo de caso com uma vertente comparativa e assenta sobretudo numa recolha de dados através de um questionário por entrevista (Carmo e Ferreira, 1998).

Para a realização deste trabalho seguiu-se uma abordagem multimodal (quantitativa e qualitativa), pois ambas se complementam, a primeira tem uma finalidade mensurável e a segunda é rica nos pormenores descritivos permitindo-nos interpretar os dados recolhidos de forma a compreendermos a realidade em análise.

Este tipo de orientação na investigação tem por finalidade a compreensão dos fenómenos ou características de uma dada população sem a preocupação de investigação. “Os processos utilizados (...) visam descrever para compreender, na expectativa de que esta operação possa produzir efeitos positivos.” (Santiago, 2004: 27) A nível dos traços metodológicos, na recolha de dados, tanto se pode optar pela estratégia quantitativa como qualitativa. Na segunda, a entrevista e a observação são os mais valorizados.

Bogdan e Biklen (1994) mencionam que os dados qualitativos são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, mas, por seu lado também obrigam a um tratamento estatístico complexo. A palavra é mais preponderante que o número. Ainda segundo estes autores, os investigadores tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos.

Yin (2004) também refere que o método de estudo de caso é aconselhável quando a pesquisa aborda questões descritivas ou explicativas e visa a compreensão das respectivas realidades. As semelhanças e diferenças aferidas são fundamentais para a compreensão de cada caso em particular, condicionado pela formação específica e pelas motivações pessoais de cada um dos objectos em análise, a caracterização do meio e do tipo de utilizadores que frequentam a BE.

O estudo de caso adoptado pode ser considerado *estudo de caso comparativo* ou *estudo de caso colectivo*. Ambas as modalidades podem ser adoptadas para a finalidade do trabalho a que nos propomos. No entanto, julgamos que a terminologia, embora seja sensivelmente diferente, aborda a mesma questão, dependendo dos autores.

No *estudo de caso comparativo*, o investigador estuda dois ou mais casos que posteriormente compara e contrasta (Bogdan e Biklen, 1994: 97). Quanto ao *estudo de caso colectivo*, há o estudo de vários casos que posteriormente também são comparados com o intuito de se conseguir um conhecimento aprofundado de um fenómeno ou de uma situação real. Estamos perante um estudo intensivo de vários casos (Stake, 1995).

Schneider e Schmitt (1998) referem que havendo a impossibilidade de aplicar o método experimental às ciências sociais, segundo alguns autores, a comparação é vista como um requisito fundamental em termos de objectividade científica. Aparece como inerente a qualquer pesquisa no campo das ciências sociais.

Estes autores mencionam que para Marc Bloch a aplicação do método comparativo nas ciências sociais e humanas consiste na busca de semelhanças e diferenças que

apresentam duas séries de natureza análoga tomadas de meios sociais distintos. Neste caso são sociedades sincrónicas, vizinhas no espaço e que possuem um ou mais pontos de origem em comum.

Este método comparativo implica vários passos: a selecção de duas ou mais séries de fenómenos que sejam efectivamente comparáveis; a definição dos elementos a serem comparados; e a sua generalização.

2.1. Instrumentos de investigação

2.1.1. Apresentação das entrevistas

Entendemos que a entrevista seria a melhor forma de obter os dados para a investigação em causa. A maneira mais directa e fidedigna de compreender o papel das BE's e o perfil e desempenho dos seus coordenadores seria ter uma conversa intencional com o objectivo de obter as informações pretendidas (Morgan, 1988), citado por Bogdan e Biklen (1994).

Estes dois autores referem que na investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas como a estratégia dominante para a recolha de dados, ou em conjunto com a observação participante, a análise documental ou outras técnicas. No nosso trabalho a entrevista foi a estratégia dominante. Nesse sentido, foi solicitada autorização a todos os entrevistados para se usar o gravador, o que foi concedido.

Devemos também mencionar que os entrevistados eram já pessoas conhecidas antes de se ter iniciado este trabalho, resultado de estarmos presentes na constituição da RBB e da participação nalgumas reuniões. Com alguns dos entrevistados a familiaridade, resultado da função de coordenadores de BE's, era maior.

Decorrente do exposto, o ambiente, aquando da realização das entrevistas, foi muito salutar, permitindo que as mesmas tivessem decorrido muito bem. Optámos por realizar entrevistas estruturadas, uma vez que pretendíamos fazer as mesmas perguntas a cada entrevistado. As perguntas estavam claramente definidas, optando-se por questões predominantemente de resposta aberta, as quais requerem explicações.

Segundo o que mencionam Bogdan e Biklen (1994), foram tidos em consideração alguns procedimentos: colocar os entrevistados à vontade; permitir-lhes que se

expressassem livremente sobre os seus pontos de vista, mostrar muita atenção, ouvindo cuidadosamente; ter alguma flexibilidade; não abusar da confiança; não interromper o entrevistado; compreender os pontos de vista do entrevistado; não alimentar as respostas e ser paciente.

Conforme a padronização de Ghiglione e Matalon (1997), optámos por entrevistas de aprofundamento, as quais se caracterizam por abordarem temas do domínio/conhecimento do entrevistador, mas que carecem de uma explicação maior num ou em vários aspectos.

As entrevistas realizaram-se nos dias 11, 12, 13, 15, 18, 19, 20, 22, 26 e 27 de Maio e 2 de Junho de 2009.

Importa referir que os professores coordenadores que concederam as entrevistas no ano lectivo de 2008/2009 se mantêm na biblioteca, excepto dois, por motivos diferentes e sem relevância.

A entrevista foi organizada em quatro grupos, de forma a procurar uma articulação com os objectivos que nos propusemos alcançar para o estudo empírico:

Grupo A – Caracterização do entrevistado;

Grupo B – Articulação curricular da Biblioteca Escolar com outras estruturas de gestão pedagógica;

Grupo C – Articulação curricular da Biblioteca Escolar;

Grupo D – Funções e perfil do Professor Bibliotecário.

2.1.2. Técnica de análise de conteúdo

Concluídas as entrevistas, registadas em áudio, foi feita a sua transcrição fidedigna para texto e subsequente análise de dados, constituindo-se, desta forma, o *corpus* da pesquisa.

Foi também nossa preocupação assegurar a fiabilidade das entrevistas. Fez-se através da *validade interna*, assegurando que os dados transcritos espelhavam as respostas dos entrevistados, conseguindo-se desta forma o *valor da verdade*.

Para Yin (2004) as provas do estudo devem ser apresentadas com clareza suficiente para permitir ao potencial leitor uma interpretação imparcial, sem qualquer tipo de dúvidas.

Na análise de dados de natureza qualitativa foi usada a análise de conteúdo e nos dados de natureza quantitativa foi feito algum tratamento estatístico.

Santiago (2004) menciona que a análise de conteúdo é uma técnica para analisar a narrativa, conteúdos expressos pelos indivíduos quando descrevem as suas experiências. Refere que é um método laborioso, permitindo uma análise formal dos significados pessoais, de uma maneira que poucas técnicas oferecem e também facilita a possibilidade de se lidar com uma larga quantidade de informação.

Para Bardin (2003: 42), a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

“A análise de conteúdo é a expressão genérica utilizada para designar um conjunto de técnicas possíveis para tratamento de informação previamente recolhida.” (Ávila de Lima, 2006: 107) Segundo a tipologia de dados sugerida por Van der Maren (1995), citado por Lima, adoptámos os *dados suscitados* pelo entrevistador, onde se incluem os protocolos de entrevistas mais ou menos formais, ou simplesmente informais, como no nosso caso, e as entrevistas.

Bardin (1988), citado por Ávila de Lima, refere os princípios para a constituição do *corpus* documental: o princípio da *exaustividade*, da *representatividade*, da *homogeneidade* e da *persistência*. No nosso trabalho seguimos o princípio da *exaustividade* (todo o material recolhido é analisado) e da *homogeneidade* (os documentos retidos devem ser homogéneos, referir-se ao mesmo caso).

Ghiglione e Matalon dizem que o investigador, perante o *corpus* documental, deve colocar várias questões: Quem diz?; O quê?; A quem?; Como? e Porquê?

Atendendo a que a entrevista foi a nossa estratégia dominante, as questões que devem ser colocadas são apenas O quê? e Como? (Yin, 1994).

Importa referir também um ponto muito importante, os valores ou princípios éticos de todo este processo.

A divulgação dos dados e da análise dos mesmos é feita mediante a utilização de um código aleatório que não permite a identificação das respostas com o seu autor, nem a

identificação das escolas/agrupamentos, assim como das respectivas BE's, o que permite a sua confidencialidade.

Ávila de Lima (2006), citando Sieber (1992) e Small (2002), menciona princípios éticos fundamentais e normas científicas que devem nortear uma investigação. Os princípios básicos são o *respeito pelas pessoas*, a *beneficência* e a *justiça*. No nosso trabalho considerámos o *respeito pelas pessoas*, nomeadamente no que se reporta ao seu direito de escolha.

As normas de conduta científica (Sieber, 1992), citado por Lima (2006), são as seguintes:

desenho de investigação válido, competência do investigador, identificação das consequências, selecção dos participantes, consentimento informado adequado e compensação pelos danos.

Tivemos em consideração o *desenho de investigação válido*, na medida em que incorporámos teorias e métodos relevantes e tomámos em consideração os resultados de estudos anteriores. A *competência do investigador*, pois implementámos os procedimentos de pesquisa de uma forma válida. De certa forma também houve alguma preocupação quanto à *identificação das consequências*, porque respeitámos a privacidade dos participantes, assegurando a confidencialidade da informação partilhada. Os riscos de participação apenas se poderiam reportar ao conteúdo das declarações que, eventualmente, pudessem questionar o trabalho desenvolvido nas BE's e/ou escolas, assim como das respectivas Direcções.

Acatámos o princípio da *selecção dos participantes*, uma vez que entrevistámos todos os coordenadores das BE's em estudo, as únicas pessoas que poderiam responder às questões por nós formuladas.

O princípio do *consentimento informado adequado* foi respeitado, como já aludimos anteriormente, pois obtivemos previamente o consentimento informado e voluntário de todos os participantes. A solicitação foi feita por e-mail, onde se explanavam os objectivos da colaboração e da entrevista. As respostas de colaboração também foram dadas por e-mail.

3. Apresentação e análise dos dados

Neste capítulo seguimos os elementos estruturantes da entrevista, apresentando os dados recolhidos e procedendo à sua interpretação. Em Anexo 6 apresentamos a matriz do questionário.

Grupo A – Caracterização do entrevistado

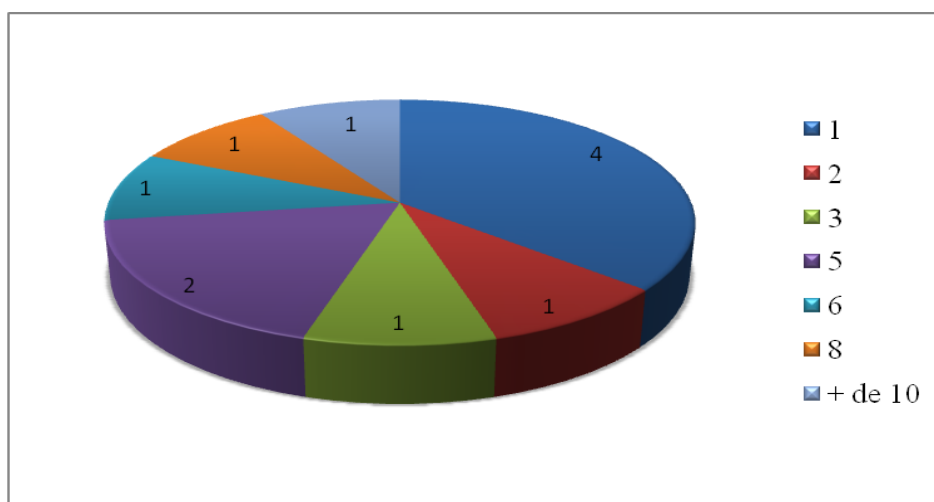


Gráfico 1 - Tempo de experiência como Coordenador da BE/Professor Bibliotecário

(Q. 1)

Constata-se que esta RBB tem, a nível de experiência no cargo de professor bibliotecário, uma grande diversidade de situações. À semelhança do que aconteceu com a entrada na RBE das diferentes BE's, que ocorreu em períodos temporais diferentes, os seus Coordenadores também possuem um tempo de serviço nesta função diferenciado. É de realçar que quatro professores bibliotecários apenas estiveram a coordenar a BE no último ano lectivo. Os restantes sete têm praticamente uma experiência sequencial. Destes podemos destacar os que se mantêm em funções há 5, 6 e 8 anos, pois é um período de tempo que lhes permitiu eventualmente consolidar algumas práticas, assim como um conhecimento mais pormenorizado do funcionamento das BE's. Apenas um possui uma experiência muito grande, adquirida muito tempo antes de a sua BE entrar na RBE.

Sobressai deste quadro a pouca experiência na função de professor bibliotecário que a maior parte dos professores bibliotecários desta rede interconcelhia (RBB) possuem.

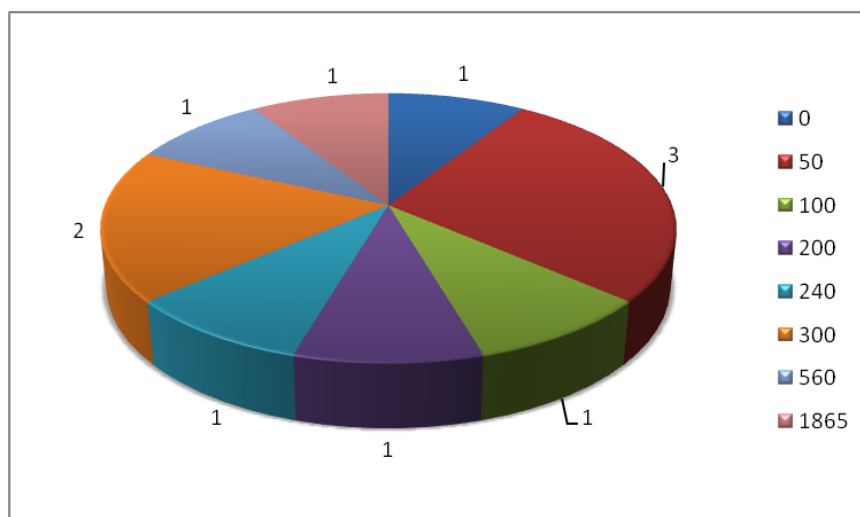


Gráfico 2 - Formação na área das Bibliotecas Escolares (em horas) (Q. 2)

Quanto à formação na área das BE's, apenas um professor bibliotecário não possui qualquer formação. Nos restantes, e à semelhança da questão anterior, também aqui há uma diferença de tempo de formação bastante significativo. Três professores apenas possuem 50 horas de formação. Quanto aos restantes, o número de horas é muito variável. Assinala-se que seis docentes já têm 200 ou mais horas de formação, havendo duas situações em que esse número é mais elevado ainda: 560 e 1865 horas.

Se fizermos uma estimativa, há uma média de 310 horas de formação por professor bibliotecário, o que já é considerável. Embora o conhecimento não possa ser dividido estatisticamente, a partilha da experiência e a do saber é uma realidade entre os elementos desta RBB, à semelhança do que acontece na generalidade do país.

Não há, no entanto, uma relação directa entre o tempo de experiência enquanto coordenador da biblioteca e o número de horas de formação nesta área. Apesar disso, os cinco professores bibliotecários que são há mais tempo coordenadores da BE têm mais formação de per si que os restantes seis. A situação mais deficitária é a de um coordenador que tendo três anos de experiência não possui ainda qualquer formação na área das BE's. A maior parte da formação foi em gestão, literacias e bibliotecas escolares.

Este é um ponto muito importante, como já focámos na Parte I, condição essencial em muitos países para se ser professor bibliotecário. Também Hannesdóttir (1995) foca este aspecto tão importante, assim como Rubal Rubal (1979), citado por Silva (2000) e também Marzal (2003) em “La Formación del Profesorado en Relación a la Biblioteca Escolar”.

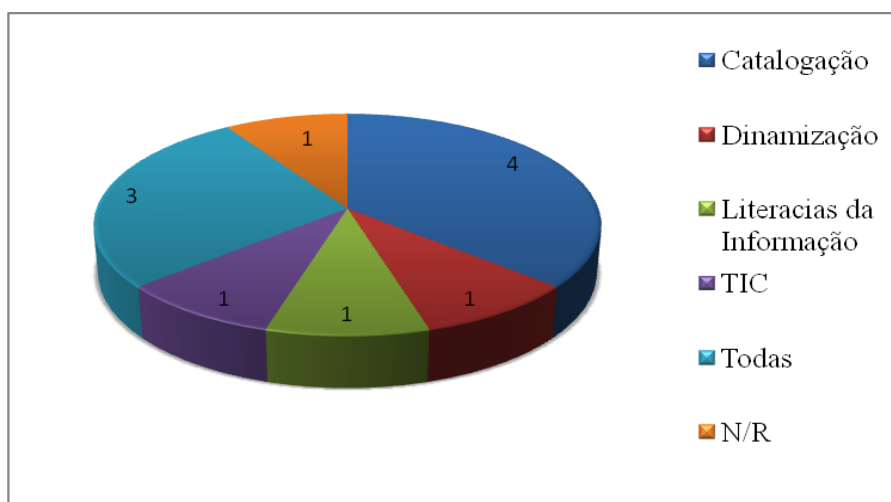


Gráfico 3 - Área onde há mais necessidade de formação (Q. 3)

Relativamente à questão 3, a maior parte dos professores bibliotecários consideram que têm carências na Catalogação do acervo documental, pois há uma necessidade/obrigatoriedade de disponibilizar o catálogo online. Os programas de catalogação foram recentemente adquiridos, ou ainda nem sequer o foram, pelo que a insegurança de iniciarem ou de ultimarem esta tarefa os deixa muito apreensivos.

Também se deve realçar a pouca experiência atrás afluída na primeira questão, uma vez que aproximadamente 25% refere que as suas necessidades de formação se reportam a todas as áreas da BE.

Grupo B – Articulação curricular da Biblioteca Escolar com outras estruturas de gestão pedagógica

Relativamente a reuniões e encontros com a Direcção da Escola, todos os Coordenadores da BE responderam que reúnem informalmente com o Director da Escola/Agrupamento. Fazem-no sempre que têm necessidade e por razões várias.

As relações de cordialidade e de proximidade permitem este tipo de relacionamento menos formal, o que tem muitas vantagens. Sempre que as necessidades e os problemas surgem, o Director do Estabelecimento de Ensino prontifica-se a colaborar activamente, ajudando a resolver as questões em causa.

A formalidade não é relevante para a resolução dos problemas e, nesse sentido, devemos congratular-nos pela sintonia que estes Directores têm com a BE e nomeadamente com o seu Coordenador. Mais importante que a forma é a eficácia.

Conclui-se que, como já foi mencionado no ponto 1.1. da Parte II – Contexto populacional das escolas em estudo –, sendo as escolas/agrupamentos relativamente pequenos, há uma grande familiaridade entre os diferentes agentes.

Os diálogos estabelecidos com o órgão de gestão visam resolver inúmeras situações, sistematizadas no quadro seguinte, a partir dos dados recolhidos nas entrevistas.

Assuntos	Menção	Assuntos	Menção
Apresentação de relatórios	1	Financeiros	11
Aquisição de consumíveis	4	Funcionamento da BE	2
Aquisição de fundo documental	5	Gestão corrente	2
Aquisição de mobiliário	1	Gestão pedagógica	1
Assuntos variados	3	Informações sobre intervenções no CP	1
Delinear estratégias	1	Realização de actividades	4
Elaboração de candidaturas	1	Recursos humanos	3
Elaboração do PAA	1	Resolução de problemas disciplinares	1
Elaboração do Regulamento da BE	1	Transmissão de informações	1

Quadro 5 - Assuntos tratados com o Director/Conselho Executivo

Há, neste grupo de estudo, diferenças de autonomia, o que se pôde constatar na necessidade demonstrada de reunir com a Direcção para os mais diversos assuntos, muitos deles que poderiam, com toda a naturalidade, ser solucionados pelos próprios professores bibliotecários.

Verifica-se, portanto, uma grande dependência hierárquica (o que não deve ser entendido como uma contradição em relação ao mencionado no ponto 1 deste grupo), que tem como principal aspecto positivo a cooperação, ainda que de forma informal. O contacto directo é muito facilitado. Esta realidade poderá estar directamente associada às características das pessoas (directores e professores), provavelmente relacionadas com um estereótipo regional, a disponibilidade e simplicidade, sobretudo dos processos.

Quanto aos assuntos mencionados, destacam-se os que se enquadram na componente financeira, o que denota a falta de um orçamento atribuído (e gerido) à BE. O maior número de referências encontra-se nos aspectos financeiros, directos e indirectos, equivalente a 48% das respostas, num universo de 18 assuntos diferentes.

São vários os documentos internacionais e outros estudos que mencionam a importância dos recursos financeiros das bibliotecas, como podemos constatar no Relatório Síntese da RBE (1996), no Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (2002) e Morizio & Henri (2003), em Berlim. A falta de uma certa autonomia poderá dificultar, porventura, a resolução atempada de certas situações.

Relativamente à participação no Conselho Pedagógico (Q. 3, Q. 4 e Q. 5) todos os professores bibliotecários têm assento neste órgão. Há aqui respeito e compreensão pelos normativos institucionais. Decorrente do exposto no item 1 deste grupo, a boa relação existente nestas escolas facilitou a inclusão dos professores bibliotecários no Conselho Pedagógico.

Com o *Decreto/Lei 124/2009 de 21 de Maio*, que menciona também a reestruturação dos elementos do Conselho Pedagógico, esta sintonia com a Direcção escolar foi importante para que o professor bibliotecário mantivesse o seu assento neste órgão.

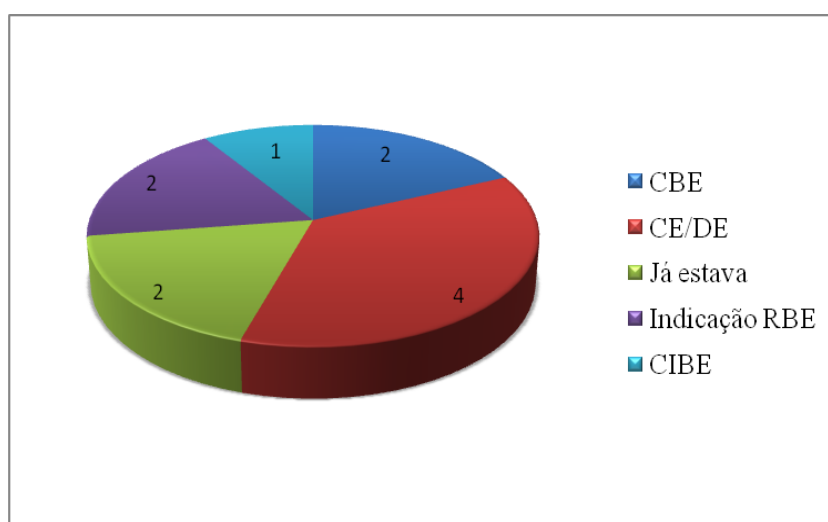


Gráfico 4 - Apoio para integração no Conselho Pedagógico (Q. 4)

De uma forma ou de outra, a integração dos Coordenadores da BE no Conselho Pedagógico foi pacífica. Directa ou indirectamente, os órgãos de gestão da escola

indicaram e/ou aceitaram essa inclusão, como fazendo parte do desenvolvimento da BE. Por indicação do CBE, do Director, da RBE, do Coordenador Interconcelhio, houve um entendimento pleno do espírito das BE's e da sua verdadeira missão. Aliás, quem indicou em maior número foram os Directores.

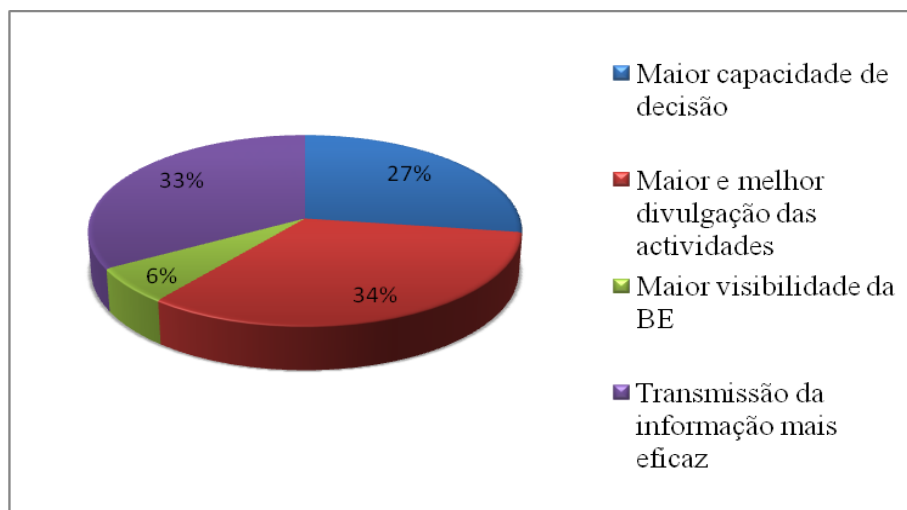


Gráfico 5 - Vantagens da representatividade da BE no Conselho Pedagógico (Q. 5)

Há unanimidade quanto à importância da presença do professor bibliotecário no Conselho Pedagógico.

A sua presença activa permite uma maior visibilidade da BE na Escola/Agrupamento, segundo a opinião de 2 elementos. Todos os CBE realçam que a sua presença neste órgão pedagógico permite uma maior e melhor divulgação dos serviços e actividades da BE. Também possibilita uma transmissão de informações mais eficaz, a troca de opiniões entre o Coordenador e os restantes elementos do CP, a articulação com os diferentes intervenientes no processo ensino/aprendizagem, nomeadamente a Associação de Pais, o Coordenador do PTE, os diferentes Departamentos Curriculares.

É ainda realçada a importância que este órgão possui ao nível das decisões e onde a BE deve ter um papel primordial na consecução dos seus objectivos e na mudança, ainda que paulatina, das mentalidades, sobretudo em determinados subdepartamentos.

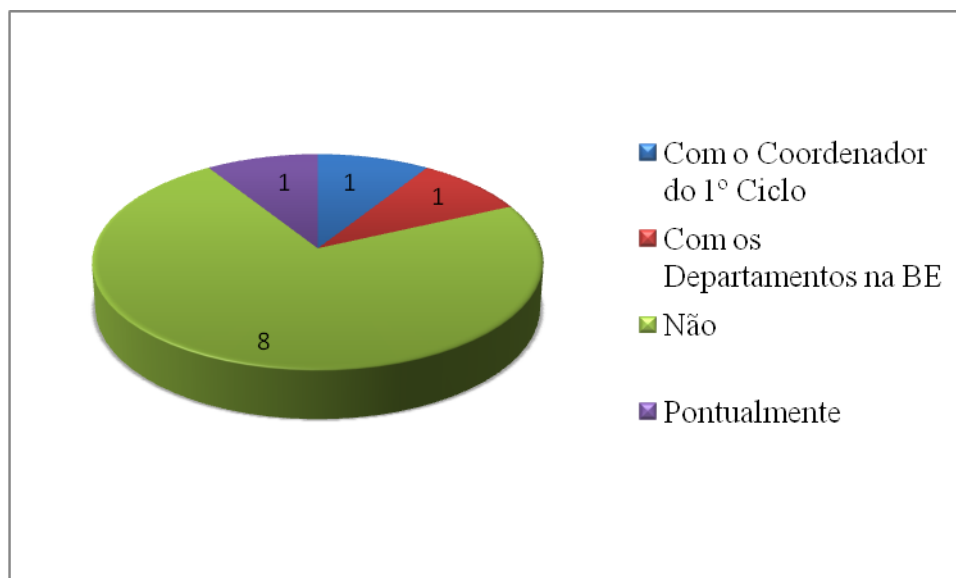


Gráfico 6 - Participação de forma regular noutras estruturas de gestão pedagógica (Q. 7)

Em relação à participação noutro tipo de reuniões, quando existe (o que no caso presente é de facto residual, como podemos ver no gráfico 6), o contacto é feito, preferencialmente, com os colegas do próprio Departamento Curricular, neste caso concreto com o Departamento de Línguas, uma vez que a maior parte dos professores bibliotecários, objecto deste estudo (7), são deste departamento.

O facto de não haver estes contactos resulta precisamente do que se viu noutras questões deste estudo, ou seja, a pouca experiência da maior parte destes professores, a sua falta de formação que lhes deve dar uma significativa consistência no trabalho articulado com as estruturas pedagógicas mencionadas.

Eisenberg & Miller (2002) realçam este tipo de contactos como fundamentais para o sucesso das BE's, na medida em que devemos garantir que os administradores e professores têm de compreender com clareza o planeamento dos programas da BE, apesar de não ser fácil mudar percepções.

Questionados sobre as vantagens dessa participação, as três respostas afirmativas invocam benefícios na articulação de um projecto de leitura e na funcionalidade das actividades (duas respostas).

Embora não sejam respostas muito consistentes, denotam alguma preocupação e conhecimento sobre aspectos inerentes às funções do professor bibliotecário.

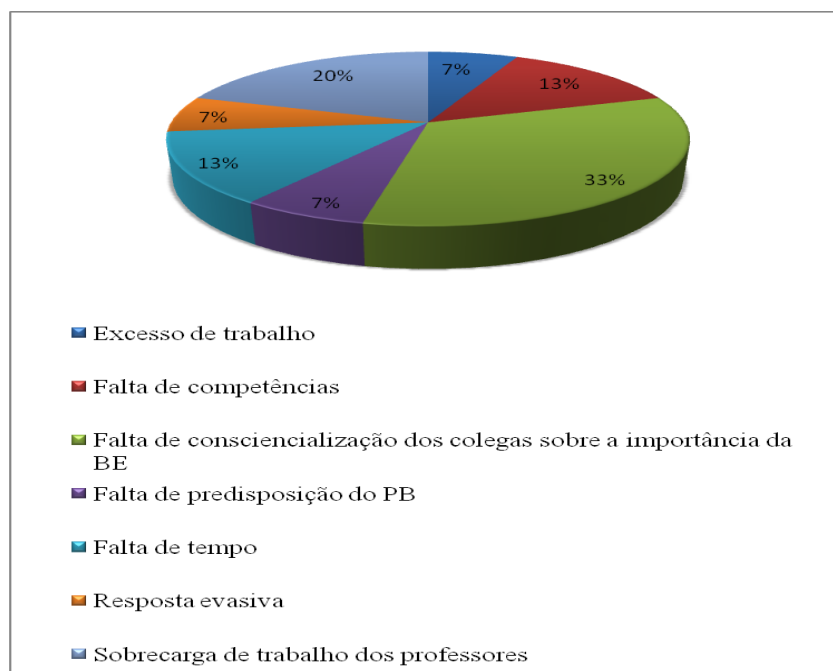


Gráfico 7 - Motivos da não participação em estruturas pedagógicas (Q. 9)

Relativamente à pertinência dessa participação, as respostas são, como se espera, afirmativas, pois há, apesar da pouca experiência, a consciência que a participação nas reuniões dos Departamentos Curriculares, dos Conselhos de Turma e mesmo dos Directores de Turma são muito importantes.

As BE's têm a importância que praticamente todos lhe atribuem, sobretudo pessoas que lidam mais de perto com esta estrutura educativa, directa ou indirectamente.

As justificações para a não participação são muito variadas. Procurámos sistematizar no gráfico 7 as várias razões que os nossos entrevistados apresentaram. Podemos sintetizá-las na parca experiência da maior parte dos professores bibliotecários, o que se evidencia na falta de competências que é mencionada. Como procurámos evidenciar na nossa contextualização teórica, de facto as exigências do trabalho na BE requerem que o professor que a coordene tenha competências específicas para essa função, de modo a que possa também ter uma actuação mais proactiva. Se na verdade é apontada a desvalorização de muitos colegas sobre a importância da BE numa escola "actual" e dinâmica (aspecto mais referido), talvez essa situação possa em alguns casos ser ultrapassada quando o professor bibliotecário se sente mais confiante na sua função, sendo capaz de tomar a iniciativa. A sobrecarga de trabalho dos professores também é um factor indicado por três entrevistados.

Podemos concluir a este propósito que a divulgação da verdadeira missão da BE deverá ser mais difundida, publicitada, para que, paulatinamente, a biblioteca se imponha pelo mérito, fruto dos resultados que ocorrerão, uma vez que o trabalho do professor bibliotecário será feito, a crer na intencionalidade dos vários coordenadores. Confirmando esta necessidade, verifica-se que os nossos respondentes têm maioritariamente a noção de que a BE é valorizada positivamente pelas estruturas pedagógicas (9 dos 11 entrevistados), embora nem sempre a prática diária reflecta esse facto.

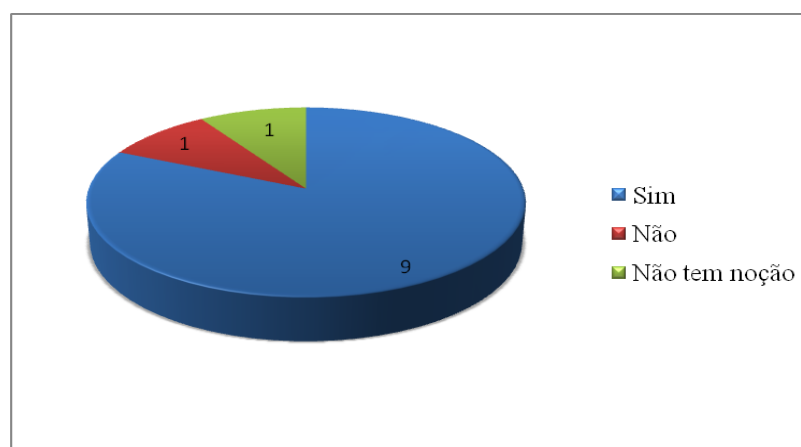


Gráfico 8 - Valorização das estruturas pedagógicas (Q. 10)

Constata-se que há noção do papel da BE, mas falta assumi-lo diariamente por parte da maioria dos agentes educativos.

As duas referências ao *Não* e ao *Não tem noção* evidenciam o que já referimos, a falta de tempo de serviço e de experiência de alguns professores bibliotecários.

No que concerne à valorização do trabalho desenvolvido na BE enquanto coordenador da mesma (Q. 11), há uma grande aproximação de resultados em 3 indicadores. A Direcção escolar é a mais referida, logo seguida dos alunos e de alguns professores. Em relação a esta última referência, salvaguardamos que muitos professores ainda não interiorizaram o que é uma escola que tem de funcionar em moldes diferentes do passado, sobretudo no que se refere às parcerias que devem ser estabelecidas. Esses professores desvalorizam a função didáctico-pedagógica da BE e do papel relevante do professor bibliotecário, nomeadamente na sua ligação ao currículo e também na missão de gestor dos recursos educativos e, concomitantemente, da informação.

Por outro lado, os professores são os mais mencionados (8) como valorizando menos o trabalho desenvolvido na BE. Esta parte da questão reforça o que foi mencionado anteriormente, a desvalorização assumida por determinados grupos de professores, sobretudo os que estão mais associados às Ciências Exactas, nomeadamente os docentes de Matemática e Físico-Química.

Pensamos que uma das estratégias que poderiam ser implementadas nas escolas, com a autorização e concordância das direcções, seria a centralização na BE de todos os recursos educativos (manuais escolares, sobretudo livros de fichas/resolução de exercícios e demais actividades, materiais manipuláveis, jogos didácticos, entre outros). É por esta razão que hoje não se denomina apenas BE, mas sim BE/CRE. Como os subdepartamentos das áreas de Ciências Exactas possuem os seus próprios espaços onde guardam os respectivos recursos educativos, não sentem a necessidade da BE, incluindo na formação dos discentes. Se os recursos educativos estiverem todos na BE/CRE, os professores destas áreas curriculares sentir-se-ão “obrigados” a familiarizar-se mais com a BE e a alterar a sua forma de pensar e de agir. As literacias de informação são transversais ao currículo e, de acordo com o currículo nacional, todas as áreas disciplinares têm, neste aspecto, responsabilidade. Daí que as literacias de informação devam ser trabalhadas em articulação com a BE.

Julgamos que será importante dar este passo. Isto não se destinará, de forma alguma, a querer exercer um controlo sobre o uso dos recursos educativos, e muito menos “fiscalizar” quem os usa ou não, mas sim a assunção de ter de gerir, por inerência das suas próprias funções, uma BE/CRE que é a fonte do conhecimento onde toda a comunidade educativa deve saciar a sede.

Todos os recursos educativos deverão ser tratados documentalmente pela BE e colocados à disposição de todos, embora a sua permanência na BE, enquanto local de arrumação, possa ser mais ou menos rigorosa.

Podemos constatar pelas respostas dadas que sobre a classe docente é dito que valoriza e não valoriza o trabalho desenvolvido pelo professor bibliotecário. Parece um paradoxo, mas, como já aludimos, não o é, pois esta dicotomia está associada aos diferentes subdepartamentos, ou seja, os de línguas, e letras em geral, valorizam mais o trabalho desenvolvido na BE e os das áreas de ciências não o fazem da mesma forma, ou simplesmente não sentem a necessidade de se inteirarem do que existe na BE.

Relativamente às repercussões da integração da escola na Rede de Bibliotecas Escolares (Q. 12), dez professores bibliotecários mencionaram que a integração da BE na RBE tem possibilitado uma maior integração/aceitação pela comunidade escolar, alunos e professores. Apenas um professor bibliotecário referiu que não houve grande diferença, pois, segundo a sua opinião e constatação da realidade *in loco*, para a comunidade escolar já era importante antes, embora estar inserida numa rede nacional lhe tenha conferido uma outra “dignidade”, nomeadamente no que se refere ao tratamento documental, à articulação com outras BE’s e à nova forma de trabalhar o currículo. Mencionou ainda que os alunos pouco notaram essa diferença, uma vez que o trabalho desenvolvido na BE, decorrente de formação adquirida antes da entrada na RBE, já era feito com bastante seriedade, fruto precisamente dos conhecimentos adquiridos e da sua aplicação.

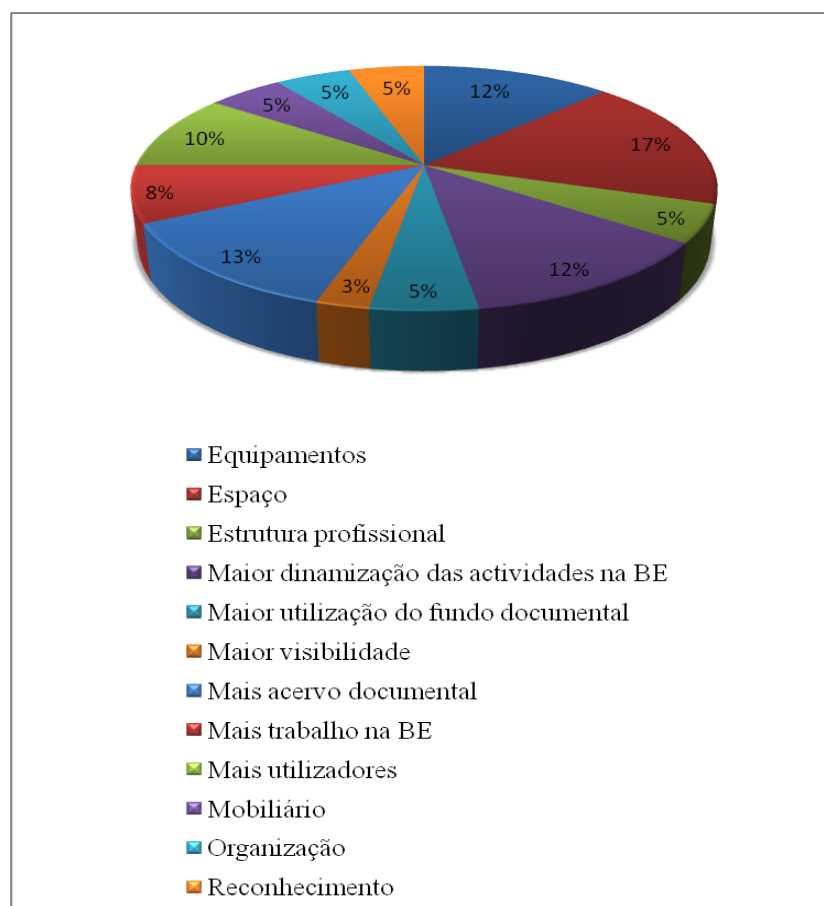


Gráfico 9 - Áreas de impacto da integração da BE na RBE (Q. 13)

Há, efectivamente, uma diferença muito significativa entre o antes e o pós RBE: a nível de espaço, mobiliário, equipamento, fundo documental, organização, recursos

humanos e, esperamos todos, a nível, sobretudo, da sua função pedagógica. Deve existir nas BE's uma preocupação formativa, cultural, pedagógica e social.

Nestas respostas há um reconhecimento de três indicadores mais físicos (espaço, acervo documental e equipamento), mas também de outros, quase no mesmo nível de relevo, relacionados com a componente pedagógica da BE, como sejam a dinamização de actividades, a maior frequência de utilizadores e o aumento de trabalho na biblioteca. No cômputo geral, temos de afirmar que a ênfase é dada aos aspectos materiais e físicos, mas começa a haver uma consciencialização do papel principal da BE, o contributo fundamental para a melhoria das aprendizagens dos discentes.

Na realidade, esse trabalho mais pedagógico nem tem sido muito solicitado nem disponibilizado, porém todos os professores bibliotecários, assim como muitos outros professores estão consciencializados que é imperioso mudar os procedimentos.

Embora nem todos os professores bibliotecários o tenham mencionado, pelo decurso das entrevistas pudemos constatar que a maior parte destes professores poderia ter feito referência à generalidade das opiniões veiculadas. E como é factual, aqui se podem comprovar as diferentes valências da BE e a melhoria que foi sentida e comprovada.

As BE's são hoje Bibliotecas amplamente frequentadas e não como o eram há pouco tempo, um depósito de livros envelhecidos e desactualizados, um espaço pouco frequentado e desinteressante. Apesar de haver professores de sala de aula que não valorizam a BE, reconhecem as alterações operadas. Muito à semelhança do que aconteceu com o advento das tecnologias, também aqui há alguns docentes reticentes quanto ao verdadeiro papel da BE, o qual contrasta com um longo passado *desvalorativo*.

Não houve nenhum professor bibliotecário entrevistado que tivesse mencionado que não houve aceitação da BE aquando da sua integração na RBE.

Grupo C – Articulação curricular da Biblioteca Escolar



Gráfico 10 - Condições de apoio ao desenvolvimento de um trabalho sustentado (Q. 1)

De acordo com as respostas obtidas, verificamos que há por parte das direcções escolares destes estabelecimentos de ensino predisposição em colaborar com o trabalho desenvolvido pelos professores bibliotecários.

Apesar da realidade das BE's ainda ser recente na maior parte destas escolas, ela foi assumida por todos como uma necessidade imperiosa para o sucesso escolar e cultural dos discentes.

Nesse sentido, podemos observar nas respostas a esta questão a total disponibilidade das direcções, as quais também cooperam, na medida das suas possibilidades, para afectar recursos financeiros e humanos, tendo como objectivo o trabalho da BE, desenvolvido com dinâmica e qualidade.

Embora os recursos humanos (assistentes operacionais, professores que fazem parte da equipa da BE, professores colaboradores) tenham mais uma menção, são, como afirmámos, agregados para as BE's pelas direcções escolares, o que é um indicador da sua cooperação com a BE.

Quanto aos recursos financeiros, não existem à descrição. Tem havido alguma disponibilidade que advém das recentes candidaturas à integração na RBE; de verbas de reforço do fundo documental que, por norma, são disponibilizados no ano seguinte; do PNL que tem, de uma forma regular, atribuído anualmente um valor para a aquisição de

livros para a promoção da leitura; e de alguns poucos valores que as direcções vão disponibilizando para os consumíveis e algum, não muito, fundo documental.

Há apenas um senão que se tem verificado com alguma frequência nestas escolas, os assistentes operacionais são várias vezes solicitados, quando necessário, a desempenhar outras funções em diferentes serviços da escola, para suprir carências pontuais. Esta realidade verifica-se em várias escolas, o que não é nada aconselhável para o desenvolvimento de um trabalho sustentado. No entanto, é um problema com que as direcções escolares têm de se debater, dada a limitação de assistentes operacionais nas escolas.

Importa referir que este quadro desnublado que as BE's estão a viver tem a montante entidades e professores que calcorream um longo caminho para que, no presente, o panorama seja mais positivo. O primeiro grande impulso à mudança foi a criação da RBE em 1996, já mencionado na Parte I. Este nado gerou uma corrente que tem crescido exponencialmente. Os professores também se foram inteirando e preocupando com esta imperiosa mudança, pelo que a necessidade que se fez sentir de formação específica na área das BE's também resultou do seu querer.

Chegados a esta fase e com as candidaturas às BE's, as vantagens que as mesmas aportavam eram muitas para todos, desde os alunos, os quais sempre estiveram no epicentro de todo o processo, aos professores, aos pais/encarregados de educação e à comunidade em geral.

Havendo condições físicas, técnicas, recursos documentais, financeiros e humanos, para além do empenho dos directores escolares e, sobretudo, dos professores que se foram imbuindo do espírito desta missão que é a BE, independentemente da área de formação curricular, as respostas a esta questão só poderiam ser tão expressivas.

Devemos, apesar de tudo, frisar também que nem todas as realidades estudadas se encontram ao mesmo nível, sobretudo no que se reporta às condições que possibilitam uma verdadeira autonomia de acção por parte dos professores bibliotecários (capacidade que o professor bibliotecário possui em gerir com liberdade e responsabilidade a gestão técnica e pedagógica da BE). Julgamos que, com o decorrer do tempo, alguns aspectos que ainda não estão plenamente burilados acabarão por se solucionar.

A referência que é feita às condições motivacionais prende-se com a criação de condições que é sentida pelos professores bibliotecários para o desempenho da sua missão.

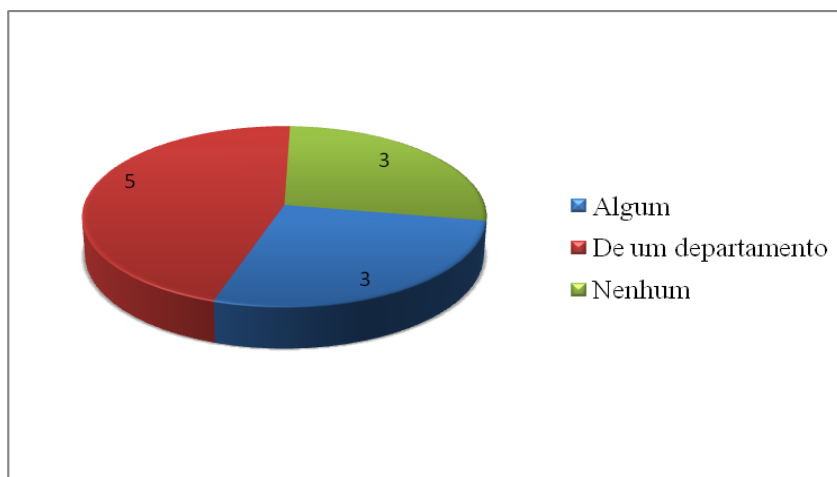


Gráfico 11 - Conhecimento sobre as orientações curriculares dos diferentes Departamentos Curriculares/subdepartamentos (Q. 2)

Como já pudemos constatar anteriormente, esta questão carece de mais tempo de todas as partes, nomeadamente dos professores bibliotecários e professores de sala de aula.

A maior parte dos professores bibliotecários indicaram que têm conhecimento apenas em relação a um departamento, o seu. No entanto, mesmo estes, pelo que se pôde constatar pelo decurso das entrevistas, possuem um conhecimento muito superficial e apenas no que se reporta à sua própria área disciplinar. Outros indicam **Nenhum** ou **Algum**.

Devemos também ter consciência que o tempo que medeia da entrada de algumas BE's na RBE até ao presente momento ainda é muito escasso, pelo que não houve ainda possibilidade para encetar este importante e árduo trabalho.

Para além desta razão, também se deve referir que a falta de um conhecimento sobre as orientações curriculares dos diferentes Departamentos é devida à falta de formação e, logo, do conhecimento da maior parte dos professores bibliotecários sobre este importante aspecto. Naturalmente que não estamos a referir a necessidade de um conhecimento aprofundado das áreas científicas dos diferentes programas escolares, mas sim dos aspectos que neles se cruzam, por exemplo, com actividades de pesquisa e com a literacia da informação, áreas-chave para o trabalho colaborativo com a BE.

Acresce dizer, sobre este ponto, que, como se constatou na primeira questão do grupo A, a sua experiência é ainda diminuta. Alguns professores são coordenadores da BE não porque tenham escolhido, mas porque foram indicados pelas Direcções das escolas. Apesar disso dedicaram-se com afinco a esta nova etapa nas suas vidas profissionais e

pretendem continuar. Foi já aludido no início da análise dos dados que nove dos onze professores coordenadores continuam.

É, no entanto, de realçar a assunção desta falha pela generalidade dos intervenientes neste processo e a vontade em se inteirarem no início do próximo ano lectivo deste conhecimento, para que a componente pedagógica da biblioteca comece a ser trabalhada nas nossas BE's.

Sublinhe-se que o Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (2002) menciona a importância de haver articulação com o currículo escolar, o mesmo já estava focado na AECT e na AASL (1998). Também nos é realçado por Silva (2000), Wavell & Coles (2001), Donna Shannon (2002), Doug Johnson (2002), Nimon (2003) e Ross Todd (2009), sendo destacados por todos estes autores o papel decisivo para o sucesso educativo dos alunos. É também uma área fortemente contemplada no novo Modelo de Auto-avaliação para as Bibliotecas Escolares.

Apesar de haver 6 respostas que mencionam a existência de articulação *com alguns professores* e 5 referirem que *não há*, ela é ainda muito incipiente.

O equilíbrio grande nestas respostas é resultado do que temos vindo a afirmar, pois ainda não possuímos BE's muito direccionadas para a aprendizagem. O caminho vai-se traçando a cada instante. Os professores bibliotecários que aludiram que fazem articulação com alguns professores, mencionaram-no num sentido mais lateral em relação à verdadeira dimensão da questão, ou seja, no apoio ao currículo. O que existe é a solicitação pontual de documentos para as salas de aula e não propriamente uma real articulação, segundo o que foi já exposto sobre a taxonomia de Loertscher's. (ver ponto 1.1. *A BE e o sucesso escolar*)

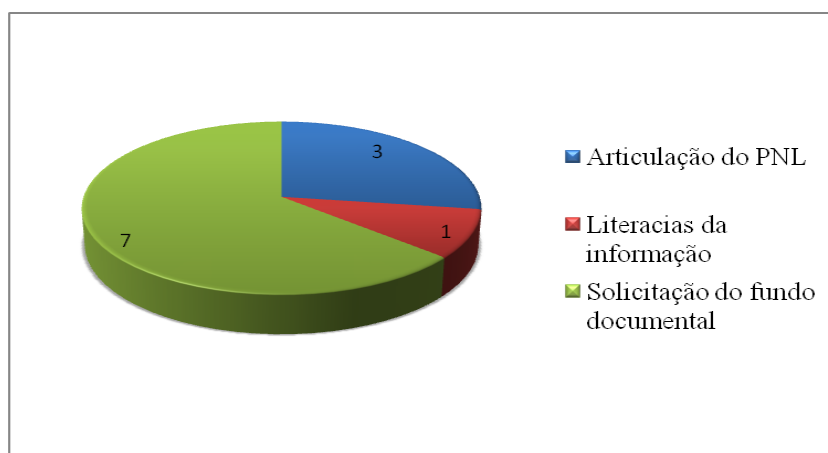


Gráfico 12 - Tipo de articulação entre a BE e os professores (Q. 4)

Muita da articulação a que alguns se referiram diz respeito a uma solicitação de documentos para apoio na sala de aula, o que é, efectivamente, uma parte menor do que se pretende.

Apraz registar a importância que o Plano Nacional de Leitura vai tendo nas escolas. O sucesso deste projecto passa, indubitavelmente, pela coordenação que os professores bibliotecários fazem com os representantes dos Jardins de Infância, 1º, 2º e, mais recentemente, 3º Ciclos.

As literacias de informação também ainda não estão a ser trabalhadas eficazmente pelos professores bibliotecários. À semelhança de outras situações já abordadas, também aqui se constata que o tempo e os conhecimentos do verdadeiro papel do professor bibliotecário ainda não foram assimilados na sua plenitude.

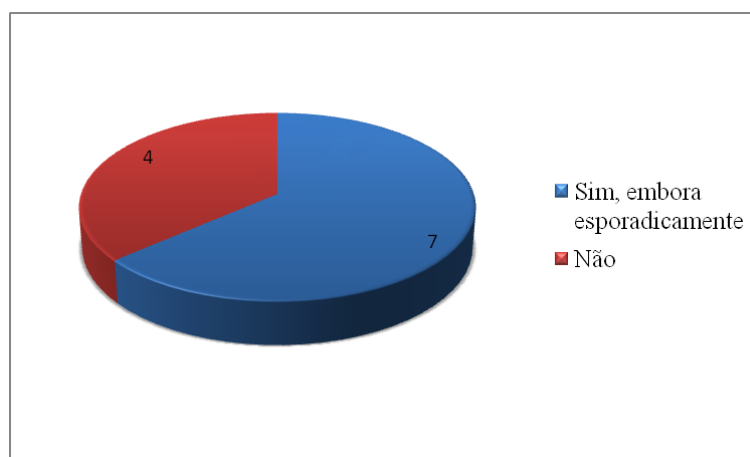


Gráfico 13 - Trabalho colaborativo (Q. 5)

As respostas obtidas evidenciam um trabalho pouco consistente, ainda muito direccionado para o empréstimo de documentos. O trabalho colaborativo não está estruturado. A maior parte dos professores bibliotecários que responderam **Sim** mencionam que é feito esporadicamente e de forma pouco consistente. A dimensão pedagógica da biblioteca ainda não está a ser trabalhada convenientemente nas BE's.

Este trabalho colaborativo, como fundamental que é, é aludido em muitos documentos, tratando-se de um dos aspectos mais contemplados em termos de orientações e de investigação nesta área. As orientações internacionais, nomeadamente de associações de grande importância, como a IASL, IFLA, AASL, vinculam bem esta dimensão fundamental do trabalho da BE. Também autores que referimos na parte I do nosso trabalho, como Marrom & Sheppard (1998), Silva (2000), Doug Johnson (2002),

Eisenberg & Miller (2002), Ken Haycock (2003), Ford (2004) e Roos Todd (2009) são unânimes na afirmação da centralidade do trabalho colaborativo para o sucesso pedagógico da BE. Também alguns trabalhos por nós mencionados, realizados em Portugal, dão conta dos benefícios que resultam da parceria/colaboração efectiva entre a BE e os professores das diferentes áreas disciplinares (ver pontos 1., 1.1. e 1.1.1.).

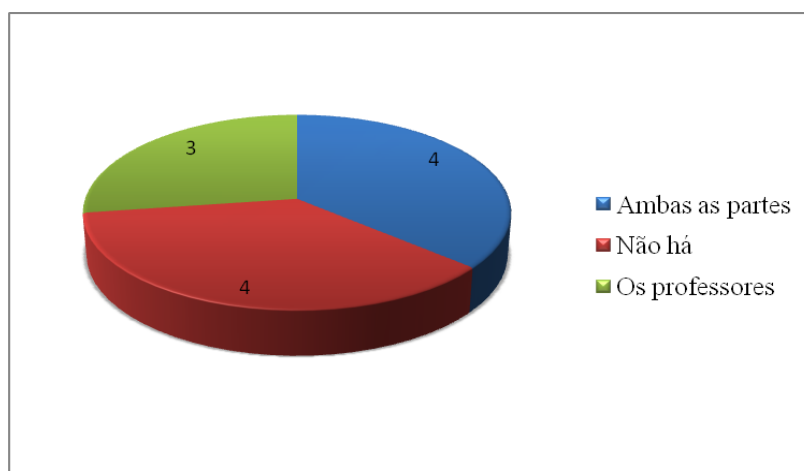


Gráfico 14 - Iniciativa da colaboração/cooperação (Q. 6)

Quando a articulação/colaboração é feita, há um predomínio da procura, ou seja, dos professores de sala de aula. Esta questão corrobora a anterior, ou seja, o professor bibliotecário ainda não dinamizou a sua actividade de forma a ser ele a evidenciar/divulgar as potencialidades da BE e as suas próprias capacidades e competências.

Aparentemente o gráfico é enganador, pois dá-nos quatro resultados para “ambas as partes” e apenas três para “os professores”. No entanto, quando se refere “ambas as partes”, com exactidão, devemos repartir 50% para cada, ou seja, 2 para coordenador da BE e 2 para professores. Juntando estes dois valores temos então cinco referências, o que indica que são mais os professores a solicitar.

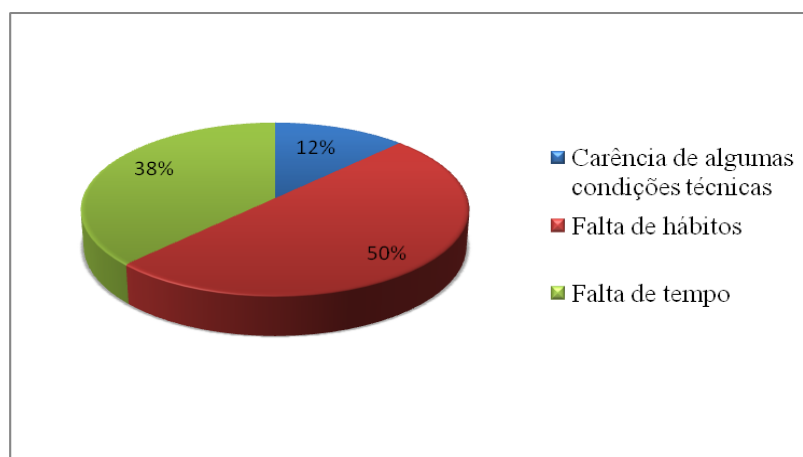


Gráfico 15 - Motivos da falta de colaboração/cooperação (Q. 7)

No grupo que estudámos, os motivos apresentados para a ausência de colaboração são, sobretudo, a falta de hábitos e a falta de tempo. Na primeira referência verificamos novamente o alheamento de alguns professores em relação à BE e, simultaneamente, ao desconhecimento ou ao desinteresse em relação a este espaço nuclear dos estabelecimentos de ensino. A falta de tempo é mais uma justificação para a falta de hábitos.

A maior parte dos professores bibliotecários – 9 – fazem, como se espera, uma avaliação dos recursos educativos para apoiar o currículo.

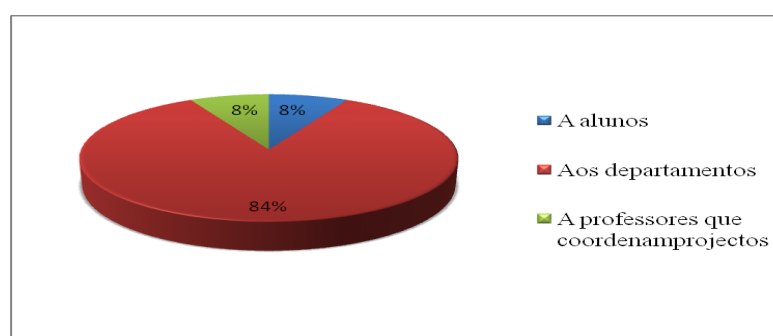


Gráfico 16 - Apoio na selecção/avaliação dos recursos educativos (Q. 9)

A avaliação dos recursos educativos para apoio ao currículo é feita de diferentes formas e também em ocasiões diferentes. Inicialmente, segundo nos pudemos inteirar no decorrer das entrevistas, fazem-no através do pedido de apoio aos diferentes Departamentos e, depois, no final de cada ano lectivo, pela utilização que esses recursos tiveram.

Uma vez que os recursos se reportam a todas as áreas disciplinares, os professores bibliotecários solicitam apoio aos Departamentos e subdepartamentos Curriculares. Também o fazem, porque, como já pudemos constatar, os professores bibliotecários não conhecem os programas curriculares dos diferentes subdepartamentos, ou então conhecem-nos muito superficialmente.

Uma forma de envolver todo o corpo docente no verdadeiro espírito da BE também passa pelo pedido de colaboração para se avaliar o fundo documental que se adquire ou pretende adquirir. Poderá haver, então, dois motivos: o desconhecimento e a estratégia, como acabámos de verificar.

A maior parte dos professores bibliotecários – 6 – ainda não tiveram tempo para estruturar as novas BE's. Os que organizam e disponibilizam a informação de acordo com as necessidades individuais ou de grupos são os que desempenham há mais anos a função e, como tal, dispõem de tempo, experiência e conhecimentos que lhes possibilitam esta forma de organizar a informação. Ora, como desenvolvemos em capítulo anterior, esta é uma dimensão importante do trabalho do professor bibliotecário, que deverá organizar e orientar a divulgação de informação em função das necessidades dos diferentes utilizadores. Autores como Osoro (1995); Morizio & Henri (2003), Nimon (2003) e Bonstingl, citado por Zybert (2004) valorizam exactamente a organização e disponibilização da informação.

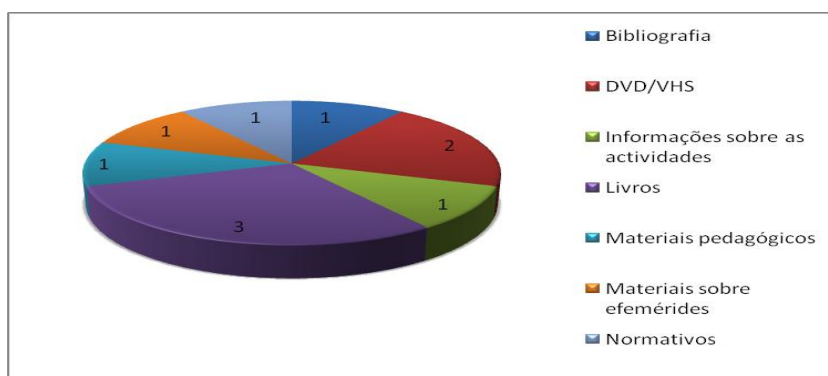


Gráfico 17 - Informação disponibilizada aos professores (Q. 11)

Do universo deste estudo, sete responderam que disponibilizam informação a professores e quatro não o fazem. Esta resposta corrobora os diferentes ritmos de trabalho e momentos em que as BE's integraram a RBE. No entanto, quando procurámos

compreender melhor o tipo de informação que era disponibilizada e como, verificámos que o entendimento desta questão divergia do que se entende habitualmente por divulgação organizada de informação. Na verdade, a maior parte dos professores bibliotecários que menciona a disponibilização de informação esclareceu depois que se limita a recorrer às estantes e a levantar o documento (livro ou DVD) para depois o entregar ao professor, o que se trata apenas do habitual apoio ao utilizador no local.

As restantes respostas aludem a outro tipo de documentos e informações que se encontram na BE. A constatação deste procedimento realça, mais uma vez, a forma incipiente como a maioria destas BE's ainda funcionam. No que se refere à divulgação organizada de informação a alunos, o quadro seguinte sistematiza as referências feitas.

Tipo de informação	Referências
Divulgação de actividades	1
Literacias	2
Sítios da internet	1
Sobre escritores	2
Sobre novidades	1
Sobre o currículo	3

Quadro 6 - Informação disponibilizada aos alunos (Q. 12)

Nesta situação em concreto – que tipo de informação – há uma diferença em relação à questão anterior. Este trabalho já é preparado pelo professor bibliotecário e/ou pela equipa e/ou por outros professores. Esta afirmação reporta-se mais à informação sobre o currículo, sobre as literacias, sobre os sítios na *internet*. Depois há ainda a alusão às novidades editoriais, nomeadamente escritores e a divulgação de actividades. De qualquer forma, pela sua pouca expressão no conjunto de entrevistados, verificamos que se trata de uma área ainda pouco explorada e a necessitar de investimento urgente pelo grupo mais alargado de professores bibliotecários.

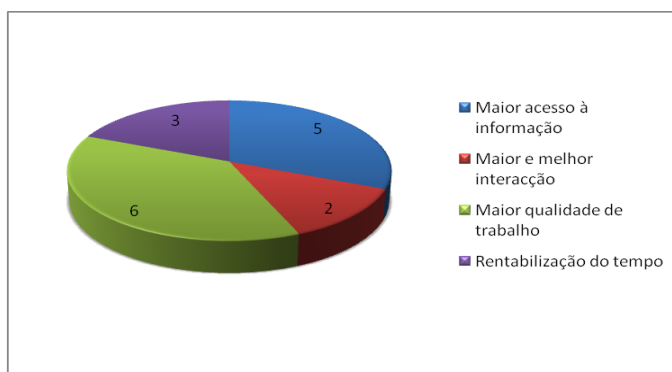


Gráfico 18 - Papel de destaque das novas tecnologias no acesso à informação e no apoio à aprendizagem (Q. 13)

Todos os professores bibliotecários consideram as novas tecnologias de extrema importância, ressaltando-se a maior qualidade de trabalho e um acesso à informação também maior.

A este propósito relembramos Eisenberg & Miller (2002) e o Relatório para a UNESCO (Delors, 2003) que realçam precisamente o valor das novas tecnologias no acesso à informação e no apoio à aprendizagem (ver ponto 1.1.).

Apesar disso, foram mencionados vários aspectos negativos na utilização das mesmas.

Segundo a opinião de todos os intervenientes neste estudo, os discentes “usam e abusam” da *internet*, inclusive para a elaboração de trabalhos. São alunos muito dependentes.

O mais difícil é a gestão correcta das novas tecnologias. A maior parte dos discentes ainda não possui o seu próprio PC. Estamos a reportar-nos ao início do terceiro trimestre do ano lectivo 2008/2009 e também à média de escolas integradas neste trabalho. Nesse sentido, encontram-se perante ferramentas tecnológicas que ainda são, para muitos, uma novidade. É fácil perceber a dificuldade que a maior parte tem em resistir à tentação de as utilizar meramente para a diversão. O uso deste equipamento deve ser, numa fase inicial, supervisionado por professores a fim de poderem ministrar os conhecimentos para uma utilização correcta e eficaz.

Nesta RBB há diferentes maneiras de pensar e agir dos professores bibliotecários na forma como gerem os PC's das BE's. Há quem não imponha qualquer tipo de restrições para a utilização dos PC's, nem a nível de tempo, nem de conteúdos. Outros permitem uma

gestão equilibrada, entre o trabalho e a diversão. E há também quem não permita a sua utilização para a componente lúdica.

Apesar de já se ter abordado esta questão da gestão na BE dos PC's, nunca houve um entendimento pleno entre os diferentes professores bibliotecários. O mais importante será que os discentes os possam utilizar de uma forma equilibrada. Quando não é possível, deverá ser o professor bibliotecário a indicar a forma mais correcta para a sua utilização, nomeadamente a indicação de tempo específico para as actividades lúdicas, inclusive a sua limitação a determinadas horas do dia; a utilização de uma conta semanal; a proibição de acesso a determinado tipo de sítios, entre outras possibilidades.

Há nesta situação, como em tantas outras, o ponto de vista pessoal de quem gere, a sua própria autonomia que não se podem alterar facilmente. Ross Todd (2009) alerta precisamente para o uso que os jovens fazem das novas tecnologias, o qual nem sempre é o mais correcto. Menciona que a informação que recolhem da internet é muito superficial, o que implica que os devemos ajudar a transformar a informação em conhecimento. Naturalmente que esta é uma área em que as escolas e a BE devem intervir de forma consciente, sendo uma das principais responsabilidades da BE o desenvolvimento de competências no âmbito da literacia da informação.

Assim, não basta enunciar os “malefícios” das novas tecnologias, como sintetizamos no gráfico seguinte, é preciso agir de forma consistente e consequente. A articulação entre o trabalho de sala de aula e a pesquisa na Biblioteca é, neste domínio, uma estratégia fundamental, que merece, como verificámos, uma intervenção mais incisiva por parte da RBB. (ver ponto 1.1.)



Gráfico 19 - Papel nocivo das novas tecnologias no acesso à informação e no apoio à aprendizagem (Q. 13)

Grupo D – Funções e perfil do Professor Bibliotecário

O grupo D do nosso questionário por entrevista pretendia, como apontámos, analisar de forma mais incisiva os aspectos relacionados com o papel do Professor Bibliotecário. Os documentos internacionais apontam basicamente para 3 funções do coordenador de Biblioteca Escolar: é um professor; é um especialista em informação; é um gestor. Seguindo esta distinção, que explanámos na parte I do nosso trabalho, pretendíamos que os responsáveis pelas bibliotecas escolares da Rede de Basto e Barroso se situassem face a estas três dimensões, reflectindo sobre a importância de cada uma delas na sua prática e visando o sucesso do trabalho na biblioteca escolar.

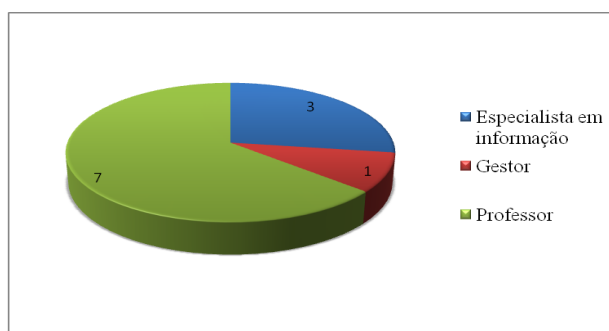


Gráfico 20 - Assunção das funções do Coordenador da BE (Q. 1)

Como seria de prever, a maior parte dos professores bibliotecários consideram a função de professor como a mais importante para o sucesso da BE. Não podemos dissociar destas respostas o pouco tempo de experiência de alguns enquanto coordenadores da biblioteca. Ainda não possuem um distanciamento, para além de serem concomitantemente professores, que lhes permita responder com uma efectiva isenção, o que é muito plausível. Além do mais, foram sempre e são professores e nunca se viram na função de meros especialistas em informação ou meros gestores.

O documento *Lançar a Rede* (Veiga *et al*, 1996) menciona precisamente que há muitas vantagens em ser um professor a desempenhar este papel, embora esta situação seja divergente noutros países.

Porquê professor?

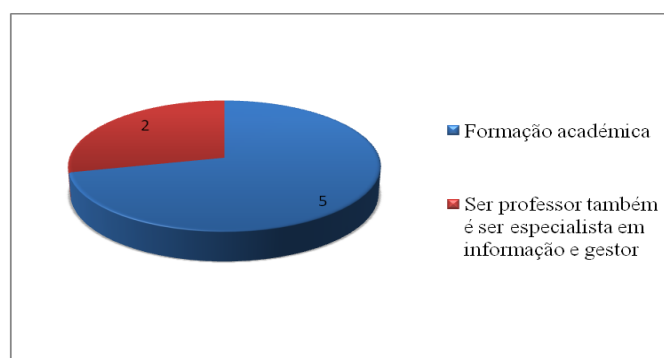


Gráfico 21 - Razões porque se sente professor (Q. 1)

Corroborando o que foi mencionado, a maioria – 5 – refere a formação académica como justificação para o seu ponto de vista. Dois referiram que o professor é em simultâneo tudo, ou seja, especialista em informação e gestor. Esta ideia advém da experiência que os professores foram adquirindo ao longo da sua actividade profissional. Com isto pretende-se dizer que os professores no desempenho da sua profissão têm de ser um pouco de tudo no apoio que dão ou têm de dar aos seus alunos.

Exemplos de professor:

Seis, num universo de sete, referiram que o professor sabe o que os alunos procuram, tem maior sensibilidade para ajudar os discentes.

Um disse que o professor tem a vantagem de encaminhar os alunos para os livros, uma vez que as tecnologias estão a ter muita influência sobre os alunos e esta nem sempre é positiva.

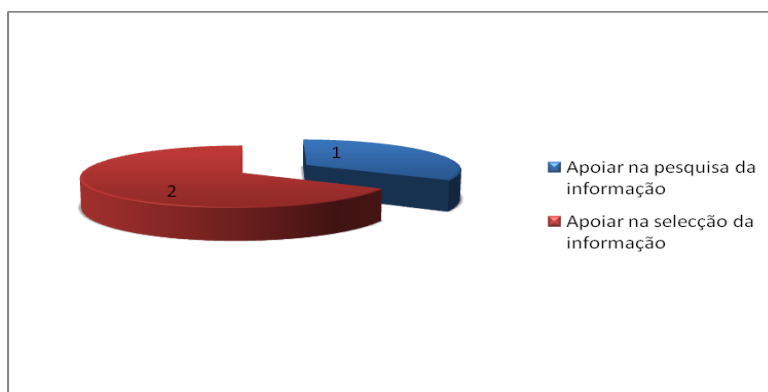
Porquê especialista em informação?

Gráfico 22 - Razões porque se sente especialista em informação (Q. 1)

Estes professores consideram que, por inerência da sua profissão, possuem capacidade para poderem apoiar os discentes na pesquisa e selecção de informação.

Exemplos de especialista em informação:

O professor sabe orientar na pesquisa da informação e entende e transmite qual é o objectivo da informação.

Porquê gestor?

Segundo a opinião deste professor, ser gestor é fazer o que faz o professor e o especialista em informação, ou seja, o gestor engendra a transmissão dos conhecimentos e forma também para a orientação na procura e selecção da informação. Ser gestor é ser mais completo, é ter uma visão abrangente e capaz sobre todos os aspectos do processo ensino/aprendizagem.

Exemplo de gestor:

O gestor, como já foi referido, ajuda em todas as vertentes.

Em conclusão, podemos afirmar que é indissociável a função de professor com a de coordenador da BE, daí o nome de Professor Bibliotecário.

Estes professores bibliotecários evidenciam essa função que é a que sempre viveram nas suas carreiras. Na BE continuam a desempenhá-la, provavelmente com mais meios e para um número de alunos muito maior que o universo das suas próprias turmas.

A formação académica é a principal justificação. O objecto e objectivo de um professor são sempre, e em primeiro lugar, os alunos. A formação académica molda o professor para saber lidar, trabalhar, com os seus discentes. O professor tem sensibilidade e conhecimento das necessidades do estudante, sabe como deve apoiá-lo nas suas pesquisas, na orientação dos seus trabalhos, como o deve incentivar.

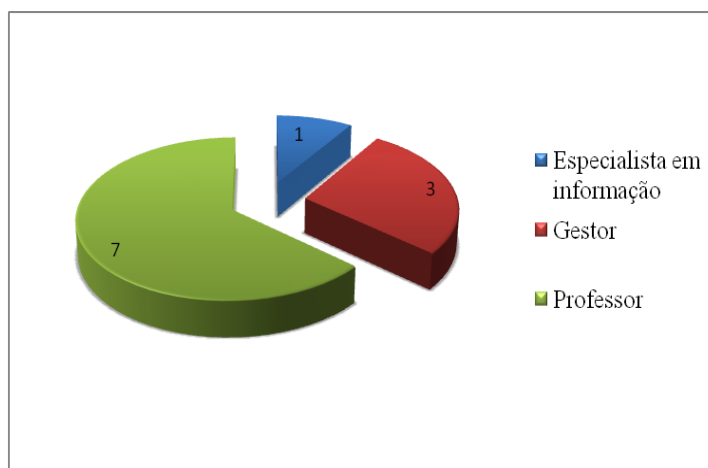


Gráfico 23 - Papel mais assumido enquanto Coordenador da BE (Q. 2)

Em relação ao papel mais assumido na BE pelos professores bibliotecários que foram objecto deste estudo e comparando com a questão anterior, há uma diferença entre especialista em informação e gestor, aqui os valores invertem-se. Há agora três, em termos absolutos, que mencionam que desempenham o papel de gestores e um o papel de especialista em informação.

Porquê professor?

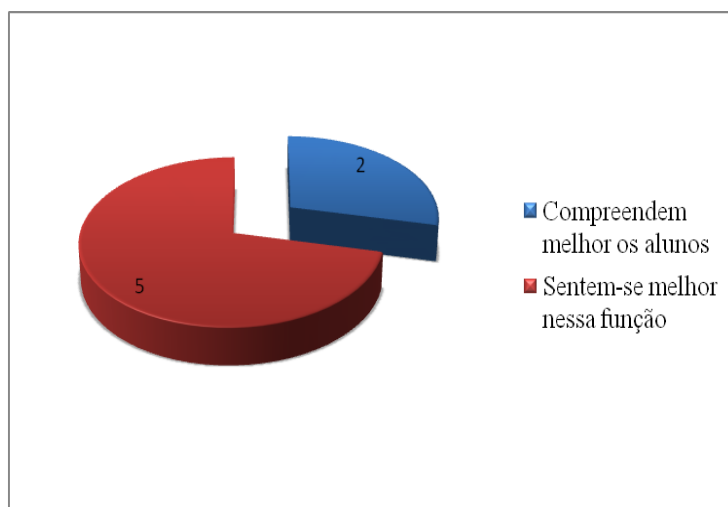


Gráfico 24 - Razões porque desempenham o papel de professores (Q. 2)

A experiência de cinco destes professores é a sustentabilidade para poderem exercer o papel de professor bibliotecário com a segurança desejável. Não podem desvalorizar o seu passado de professores. É com esse lastro que alicerçam o seu novo desempenho.

Os outros dois consideram que continuando a ser professores podem compreender e apoiar melhor os alunos.

Há, nos que indicaram Professor nas duas questões, alteração de dados. Apenas 4 mantiveram a mesma ideia.

Porquê especialista em Informação?

Este professor bibliotecário refere que, estando na biblioteca, se deve preocupar em disponibilizar a informação que os alunos necessitam.

Porquê gestor?

A justificação dada pelos professores é que estão a iniciar um processo e um percurso das Bibliotecas Escolares nos estabelecimentos de ensino, nos agrupamentos, pelo que é necessário imprimir uma dinâmica à biblioteca no seu todo. Só desempenhando o papel de gestor é possível colocar estas bibliotecas a funcionar.

É curioso mencionar que, no cruzamento das duas questões, houve 7 professores que deram uma resposta diferente, sendo que apenas 4 a mantiveram, neste caso, *Professor*. Em relação à mudança entre o que se considera mais relevante e o que de facto se assume, houve duas alterações de *Professor* para *Gestor* e uma de *Professor* para *Especialista em informação*. Também há a registar dois que indicaram a maior importância do *Especialista em informação* e dizem assumir mais o papel de *Professor*. De referir também que se verificou uma alteração de *Especialista em informação* para *Gestor* e de um que havia indicado *Gestor* para *Professor*. Todas estas alterações levam-nos a concluir que o professor bibliotecário desempenha efectivamente as três funções (Professor, Especialista em informação e Gestor), o que muda é o momento e a intensidade em que os seus diferentes papéis se verificam, levando-nos a crer que um é mais importante que outro.

Concluindo a análise a este grupo de questões, podemos dizer que há diferenças no papel enquanto Especialista em informação e Gestor, uma vez que o facto de haver

algumas bibliotecas que entraram recentemente na RBE obriga a um trabalho de organização/gestão inicial muito maior.

Quanto ao papel de professor, as justificações incidem maioritariamente na questão da formação académica, a qual, durante muito tempo, foi o principal e muitas vezes único objectivo – trabalhar dentro da área de formação específica para ministrar conhecimentos científicos e técnicos com pedagogia aos seus discentes.

Quando questionados se consideram que o seu perfil se coaduna com o de um professor bibliotecário, alguns ainda pensam que possuem poucas competências para desempenhar eficazmente o papel (3 respondentes). Têm vontade, mas falta-lhes a formação técnica e a experiência. Podemos considerar que reconhecer as suas próprias limitações é uma qualidade, pois só desta forma se pode perspectivar a melhoria e caminhar para um trabalho sério.

Na Parte I deste trabalho explanámos, a partir de várias perspectivas internacionais, não só a importância da formação específica como as áreas em que essa formação deve sobretudo incidir. No caso do grupo restrito que estudámos, quer a partir dos dados de caracterização inicial quer nesta auto-avaliação individual que foi feita pelos entrevistados, verificamos a existência de lacunas várias – resultado do pouco tempo ainda decorrido – mas evidencia-se também a consciência da necessidade de aprofundamento dos conhecimentos específicos para o exercício da função.

A percepção das limitações pessoais, sobretudo ao nível da formação, não invalida o reconhecimento de aspectos positivos no perfil pessoal para o desempenho da função. Vários documentos descrevendo o “perfil” desejável para o coordenador da biblioteca escolar destacam, para além dos conhecimentos na área, a existência de traços pessoais que são também importantes para o sucesso do trabalho pedagógico inerente à biblioteca escolar. Recordamos, a título de exemplo, as *Competencies for Teacher-librarians* definidas pela Canadian Association for School Libraries (1997) que destaca aspectos que são também reconhecidos pelos nossos entrevistados como mais-valias pessoais para o cargo que desempenham.

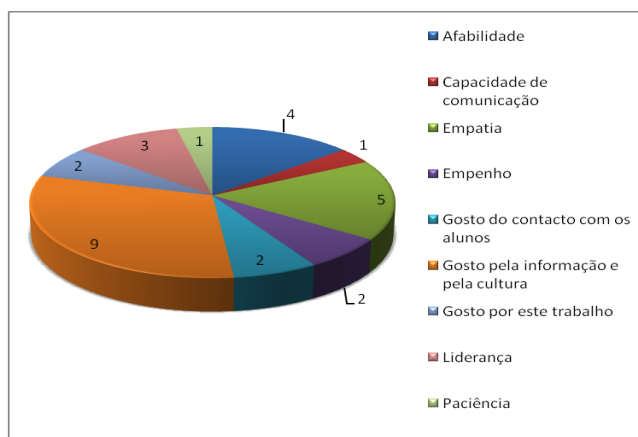


Gráfico 25 - Mais-valias pessoais para o cumprimento da missão de PB (Q. 4)

Em relação às mais-valias pessoais que julgam possuir para desempenharem a função de professor bibliotecário, alguns docentes indicaram mais do que uma característica. Algumas, embora não tenham sido mencionadas, são marcas destes professores bibliotecários.

Realçam-se as características humanistas, de relacionamento pessoal, e as que se associam ao trabalho e cultura. Tanto as primeiras como as segundas têm de ser marcas notórias e assumidas num professor bibliotecário. A sua capacidade de relacionamento com todos os intervenientes da comunidade educativa e de trabalho, que se reveste de tantas e diferenciadas competências, são fundamentais para o sucesso da BE e, principalmente, dos discentes.

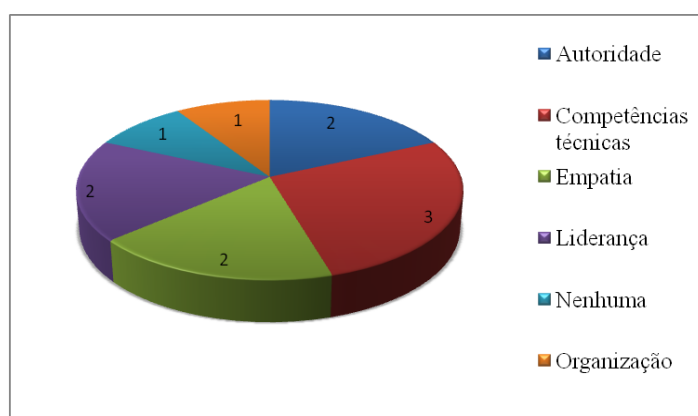


Gráfico 26 - Características pessoais a melhorar (Q. 5)

Em relação às características que julgam necessário desenvolver mais, não há, ainda, nalguns coordenadores bibliotecários, a assunção de um perfil para a liderança assumida da biblioteca e da sua articulação com os diferentes agentes educativos.

Por outro lado, duas respostas apontam para uma necessidade de mudança urgente, a empatia. Só poderemos desempenhar também eficazmente este papel se soubermos cativar alunos e mesmo professores. Como já vimos, é também necessário conquistar os professores que, iniciando a sua função docente com um outro paradigma de biblioteca, ainda não se conseguiram integrar no actual. No passado, enquanto alunos e professores, a biblioteca não terá sido importante, pois não funcionava como deveria, por inúmeras razões.

Actualmente, exigem-se algumas alterações estruturais no processo ensino/aprendizagem, onde a BE/CRE ocupa um lugar central. Esta adaptabilidade está a ser difícil e morosa, daí que seja muito importante cativar os professores, por vezes mais do que os próprios alunos.

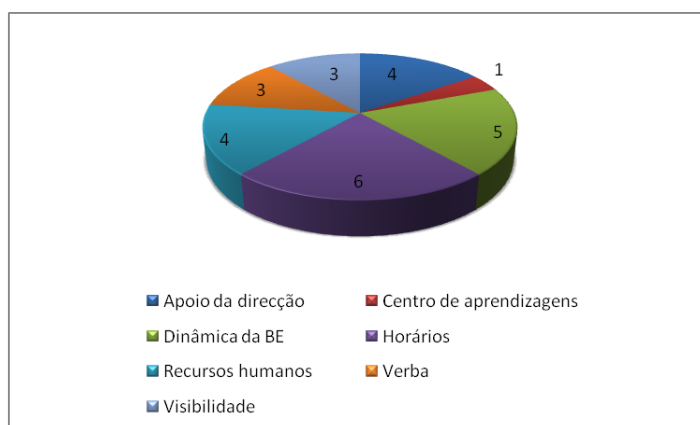


Gráfico 27 - Impacto da integração na RBE (Q. 6)

Indagada a sua percepção sobre a importância para o seu papel enquanto coordenadores da BE com a integração na RBE, há uma unanimidade nesta questão, pois de uma forma mais completa ou menos, este facto alterou muito as bibliotecas: espaço físico, mobiliário, equipamento, horários, recursos humanos, valorização da BE e do professor bibliotecário, no fundo, na dinâmica da própria biblioteca.

Se não houvesse uma RBE, que gerou esta dinâmica nacional, que é sobejamente conhecida e reconhecida, estaríamos como sempre, com espaços exíguos, disfuncionais e, nalgumas situações, fechados.

É mencionado pelos respondentes que as alterações pela entrada na RBE se verificaram em muitos aspectos, o que corrobora o que foi já mencionado, ou seja, o trabalho que se faz agora e que se tem de continuar a fazer é muito, pois nas bibliotecas pouco ou quase nada funcionava, daí tantas mudanças, tantas alterações significativas.

Muitos professores bibliotecários abordaram novamente aspectos mais gerais, embora se pretendesse que fosse feita uma reflexão sobre os impactos pessoais. No entanto, sobressaem, como respostas a esta questão, a dinâmica pedagógica/actividades e o espaço, com 5 menções. Segue-se um outro grupo que obteve 3 alusões que menciona o ambiente, a funcionalidade da BE, o horário e o interesse. Outro grupo que corresponde a duas referências aludiu o acesso livre, a equipa da BE, a maior quantidade de fundo documental e o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na BE. Por último, há um grupo com uma menção que referiu o maior número de utilizadores, o mobiliário e os recursos.

Constata-se que tudo melhorou, desde as condições físicas, técnicas e funcionais, às pedagógicas e motivacionais, ou seja, os impactos pessoais em diferentes agentes do processo ensino/aprendizagem, como a Direcção, os professores bibliotecários, os assistentes operacionais e os utilizadores, destacando-se os alunos e também os professores.

Todos os professores bibliotecários mencionaram que se sentem realizados nesta sua função, para alguns, recente. No entanto, têm consciência das dificuldades, dos problemas que se lhes colocam:

- Apesar da satisfação ainda há, e sempre haverá, muito para fazer;
- Algum cansaço pelo tempo que se dedica a mais e pelo imenso e interminável trabalho, tanto a nível pedagógico como técnico;
- A desvalorização do trabalho realizado na BE, sobretudo pelos pares;
- A necessidade de encetar sempre novos desafios.

Contudo, sentem-se animados, pois as mudanças ocorridas são boas para o desempenho do seu papel, mas sobretudo para a valorização do saber dos discentes.

Apresentamos a seguir um quadro que evidencia os aspectos que os professores bibliotecários consideram que ainda é necessário melhorar e os que já foram conseguidos.

Aspectos a melhorar	Menção	Aspectos já conseguidos	Menção
Desvalorização do papel do PB	6	Dinâmica pedagógica	6
Articulações curriculares	5	Interesse dos alunos	5
Formação de utilizadores	3	Serviços/Apoio	3
Autonomia	2	Aproximação à comunidade	3
Fundo documental	2	Apoio ao PNL	2
Horas da equipa	2	Catálogo colectivo	2
Mais formação da equipa	2	Fundo documental	2
Seleção de professores colaboradores	2	Acesso	1
Articulação do horário da equipa	1	Divulgação da BE	1
Estabilidade da equipa	1	Inserção na RBE	1
Falhas de comunicação	1	Instalações	1
Ligação à Associação de Pais	1	Recursos tecnológicos	1

Quadro 7 - Aspectos a melhorar e aspectos já conseguidos das BE's

Com a entrada na RBE nem tudo ficou resolvido, como podemos constatar pelo rol de referências discriminadas. A consciencialização de desempenharem um papel muito importante e também por serem foco de atenção por parte de muitos agentes, tanto mais que gerem um espaço no qual tanto se investiu em diferentes aspectos, leva-os a querer limar todas as arestas de forma a terem as condições necessárias para que o trabalho possa ser avaliado correctamente.

São exigentes no seu labor para se sentirem bem com eles próprios e para que a imagem que passam para toda a comunidade possa ser a melhor possível, pois só desta maneira conseguirão a valorização pessoal do seu trabalho e a valorização da BE/CRE. É desta forma que mais alunos frequentarão correctamente a biblioteca, assim como os professores. É também desta forma que as Direcções das escolas continuarão a apoiá-los e a dar-lhes mais autonomia.

Destacam-se como maiores preocupações a desvalorização do papel do professor bibliotecário pelos pares, sobretudo dos professores da área das Ciências Exactas e também muitas preocupações com as articulações curriculares. São, de facto, dois aspectos muito preocupantes, sobretudo o segundo, que carece de uma dinâmica muito grande da sua parte, principalmente numa fase inicial, pois é necessário mudar as mentalidades dos colegas, alterar uma forma de proceder enraizada ao longo de muito tempo, ao longo de

uma carreira profissional, onde nunca foi necessário fazer este tipo de trabalho colaborativo.

São também muitos os aspectos positivos realçados, o que é muito bom, pois já constata *in loco* a mudança que se pretende operar com as BE's.

Dos vários aspectos mencionados, ressaltam-se os mais aludidos, como a dinâmica pedagógica da BE, o interesse dos alunos pela biblioteca, os serviços/apoio e a aproximação à comunidade.

Apenas um dos doze aspectos referidos em cada secção (aspectos a melhorar e aspectos já conseguidos) é comum – o fundo documental. Esta situação mostra a diferença que há entre as várias BE's em estudo.

Acresce ainda dizer que não há uma relação directa entre as falhas debeladas e os aspectos realçados nas BE's com o número de anos de experiência que os professores bibliotecários possuem. Esta constatação leva-nos a concluir que a diferença está na realidade de cada meio escolar, que resulta das práticas e procedimentos enraizados, assim como no trabalho desenvolvido.

Balanço

Após a análise dos resultados obtidos nas entrevistas, são elencados os aspectos que se consideram como pontos fortes, ou seja, já conseguidos nas Bibliotecas Escolares em estudo e também os que ainda não estão conseguidos, ou seja, os que carecem de um trabalho mais apurado e mesmo de uma alteração significativa dos procedimentos até agora obtidos. Podemos mesmo afirmar que alguns serão iniciados após a consciencialização dos mesmos e também decorrentes da formação entretanto obtida pela maior parte dos Professores Bibliotecários em estudo.

Vamos utilizar a ferramenta de análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats), para detectar os pontos fortes e fracos, as oportunidades e as ameaças desta RBB, seguindo este método de análise (Ochôa e Pinto, 2004).

Grupo	Pontos Fortes	Pontos Fracos
A	<ul style="list-style-type: none"> - Experiência de alguns coordenadores de BE's; - Alguma formação consolidada de alguns professores na área das BE's. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca experiência de alguns coordenadores de BE's; - Escassa formação específica de alguns professores na área das BE's.
B	<ul style="list-style-type: none"> - As reuniões com a direção, embora de forma informal; - A integração dos professores bibliotecários no Conselho Pedagógico; - Maior valorização da BE feita pelos alunos; - A integração na RBE acarretou muitas mudanças, todas positivas; - As mudanças operadas referem-se a dois aspectos diferentes, embora relacionados: condições físicas e técnicas; dinâmica pedagógica e trabalho desenvolvido. 	<ul style="list-style-type: none"> - As BE's não possuem um orçamento; - Não existem reuniões entre o professor bibliotecário e outras estruturas de gestão pedagógica, como os Departamentos Curriculares, os Directores de Turma e os Conselhos de Turma; - Esta não participação deve-se, sobretudo, à falta de predisposição dos professores bibliotecários e à sobrecarga de trabalho, segundo os próprios; - O desconhecimento que o coordenador bibliotecário possui da valorização que as estruturas pedagógicas têm em relação ao seu desempenho; - A pouca valorização que muitos professores dão ao trabalho desenvolvido pelo professor bibliotecário.
C	<ul style="list-style-type: none"> - Há apoio efectivo ao trabalho desenvolvido pelos professores bibliotecários (condições técnicas, motivacionais, colegas, autonomia, oferta de fundo documental); - É feita a avaliação dos recursos educativos; - É reconhecido o importante papel que as tecnologias da informação e da comunicação têm junto dos discentes; 	<ul style="list-style-type: none"> - Desconhecimento das orientações curriculares dos diferentes Departamentos Curriculares; - A articulação entre a BE e os professores; - A falta de trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores de sala de aula, apoiando alunos e

	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilização de informação a alunos (Este trabalho é preparado pelo PB e/ou pela equipa e/ou por outros professores. Esta afirmação reporta-se à informação sobre as literacias, sobre os sítios na internet, sobre o currículo e a divulgação de actividades. Todas as que foram mencionadas carecem de um trabalho a montante e não resultam de um mero levantar do documento que se encontra guardado na sua respectiva área.). 	<ul style="list-style-type: none"> turmas; - A justificação da inexistência de colaboração por falta de hábitos e de tempo; - Não há disponibilização de informação, sobretudo a professores. A que existe é muito incipiente; - Organização e disponibilização de informação de acordo com as necessidades individuais ou de grupos; - O uso das tecnologias da informação e da comunicação são usadas pelos discentes em primazia para a brincadeira, ou seja, para a realização de jogos e para utilização de redes sociais.
D	<ul style="list-style-type: none"> - Estes professores bibliotecários sentem-se com perfil para desempenhar o cargo. É importante que evidenciem com brio que desempenham esta função com gosto e não por obrigação; - Os professores bibliotecários indicam como mais-valia pessoal o gosto pela informação e pela cultura. Estas mais-valias são muito importantes para a valorização em todos os sentidos da formação dos alunos; - Reconhecimento da enorme importância da RBE no desenvolvimento das BE's; - A satisfação do trabalho que têm desenvolvido enquanto coordenadores bibliotecários; - Aumento da dinâmica pedagógica e do interesse dos alunos pela BE; - Há um ponto que é deduzido pela constatação das entrevistas – a vontade que todos os coordenadores das BE's mostraram em querer ser agentes de mudança, contribuindo, antes de mais, com o seu trabalho baseado, na maior parte das situações, em pouca experiência e poucos conhecimentos técnico-científicos. Depois, com formação, serão uma mais-valia para as escolas e comunidades educativas envolventes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de assumirem um perfil para a liderança da BE; - Desvalorização do papel do professor bibliotecário, sobretudo pelos pares; - Necessidade de maior articulação curricular.
	Oportunidades	Ameaças
Todos os Grupos	<ul style="list-style-type: none"> - Integração das BE's na RBE; - Melhoria substantiva das condições físicas e técnicas das BE's; - Integração na RBB; - Colaboração do Director; - Existência de um professor bibliotecário de acordo com a Portaria 756/2009; - Representação do professor bibliotecário no Conselho Pedagógico; - Existência nas BE's de programas de catalogação; 	<ul style="list-style-type: none"> - Inexistência de um orçamento anual da BE; - Pouco fundo documental tratado informaticamente na maior parte das BE's; - Falta de sensibilidade de alguns professores para o novo papel do professor bibliotecário e da BE; - Inexistente colaboração entre a BE e os professores de sala de aula; - Desconhecimento das orientações

	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de conhecimentos e de informação entre os vários elementos da RBB; - Gosto pelo trabalho que desenvolvem nas BE's. 	<ul style="list-style-type: none"> curriculares dos diferentes Departamentos; - Mau uso das tecnologias de informação e comunicação.
--	--	--

Quadro 8 - Análise SWOT

Fazendo um cálculo entre o tempo de trabalho nas BE's de cada coordenador bibliotecário, há uma média de 3 anos, o que pode ser considerado bom. Por sua vez, a média de formação cifra-se nas 300 horas por professor.

Se pudéssemos associar estes dois indicadores concluir-se-ia que nos 3 anos houve o equivalente a 100 horas de formação/ano por professor, o que seria muito bom, tendo em consideração que, actualmente, segundo os normativos, cada professor bibliotecário deve fazer uma média de 25 horas de formação/ano.

No entanto, esta ilação não pode ser válida, pois a experiência e a formação não são distribuíveis para daí se poder aferir um dado real. O que existe efectivamente é a partilha de experiência e a troca de opiniões e o esclarecimento de dúvidas entre os membros da RBB.

Ressalvamos desta situação o facto destes professores bibliotecários pretenderem continuar a sua missão e adquirir formação compatível para o seu desempenho. A pouca experiência e conhecimentos específicos em bibliotecas escolares são um factor de estímulo e não de esmorecimento.

De seguida apontamos alguns procedimentos a ter em consideração de forma a ultrapassar algumas carências detectadas, com base nas oportunidades e nas ameaças.

Ameaças	Versus	Oportunidades
- Inexistência de um orçamento anual da BE.	← ←	- Integração das BE's na RBE; - Colaboração do Director.
- Pouco fundo documental tratado informaticamente na maior parte das BE's.	← ← ← ← ←	- Integração das BE's na RBE; - Melhoria substantiva das condições físicas e técnicas das BE's; - Integração na RBB; - Existência nas BE's de programas de catalogação; - Partilha de conhecimentos e de informação entre os vários elementos da RBB.
- Falta de sensibilidade de alguns professores para o novo papel do professor bibliotecário e da BE.	← ← ← ←	- Colaboração do Director; - Existência de um professor bibliotecário de acordo com a Portaria 756/2009; - Representação do professor bibliotecário no Conselho Pedagógico; - Gosto pelo trabalho que desenvolvem nas

		BE's.
- Reduzida colaboração entre a BE e os professores de sala de aula.	← ← ← ← ←	- Colaboração do Director; - Existência de um professor bibliotecário de acordo com a Portaria 756/2009; - Representação do professor bibliotecário no Conselho Pedagógico; - Partilha de conhecimentos e de informação entre os vários elementos da RBB; - Gosto pelo trabalho que desenvolvem nas BE's.
- Desconhecimento das orientações curriculares dos diferentes Departamentos.	← ← ←	- Existência de um professor bibliotecário de acordo com a Portaria 756/2009; - Partilha de conhecimentos e de informação entre os vários elementos da RBB; - Gosto pelo trabalho que desenvolvem nas BE's.
- Mau uso das tecnologias de informação e comunicação.	← ← ← ←	- Melhoria substantiva das condições físicas e técnicas das BE's; - Existência de um professor bibliotecário de acordo com a Portaria 756/2009; - Partilha de conhecimentos e de informação entre os vários elementos da RBB; - Gosto pelo trabalho que desenvolvem nas BE's.

Quadro 9 - Síntese de Ameaças vs Oportunidades a explorar

Queremos ainda sublinhar a relevância de vários documentos já publicados e que devem nortear todo o trabalho do professor bibliotecário, nomeadamente a Portaria 756/2009 de 14 de Julho e o Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares, de 12 de Novembro de 2009. Em relação à Portaria 756/2009, evidenciamos em especial o artigo 3º – *Conteúdo funcional* – no ponto nº2.

Quanto ao Modelo de Auto-avaliação, remetemos para anexo (cf. Anexo 5), de acordo com as problemáticas aqui focadas, os indicadores que podem influenciar de uma forma substantiva o trabalho que os professores bibliotecários devem desempenhar. Esses indicadores enquadram as principais dimensões do trabalho a desenvolver com alunos e professores, funcionando como elementos orientadores da sua actuação.

Conclusões

Para a realização deste trabalho iniciámos por fazer leituras que estivessem directamente relacionadas com a Escola, a Biblioteca Escolar, os seus objectivos e o papel do Professor Bibliotecário.

Escola, Professores e BE/Professor Bibliotecário são três vértices indissociáveis que têm um grande objectivo comum – o sucesso dos alunos e a sua preparação para a integração plena numa sociedade cada vez mais difícil e concomitantemente mais exigente. Só o trabalho articulado de todos, e aqui devemos incluir outros agentes, como a comunidade educativa, com os seus diferentes e complementares organismos e instituições, poderá cumprir esta importante missão – educar e formar, contribuindo para a formação de bons cidadãos.

Com a vertente empírica deste estudo foi nossa intenção comparar práticas de actuação de professores bibliotecários de escolas pertencentes à mesma rede interconcelhia (RBB); detectar as lacunas/constrangimentos que existiam; valorizar os pontos fortes e partilhá-los; e identificar e apontar possibilidades de acção, baseadas nas boas práticas e no perfil do professor bibliotecário, que possibilitem a melhoria substantiva da gestão técnica, pedagógica, cultural e social das Bibliotecas Escolares, assente nas competências dos seus gestores.

Julgamos que estes objectivos foram alcançados, pois o estudo que realizámos teve para já, como principal mérito, alertar os professores coordenadores das BE's desta RBB para os pontos em análise, sensibilizando-os para a necessidade de se operarem mudanças significativas no âmbito do trabalho, sobretudo pedagógico, que realizam nas bibliotecas. Esta foi, aliás, a percepção com que ficámos no momento em que se realizaram as entrevistas. Essa percepção resultou, para além do conteúdo das próprias entrevistas, do diálogo que se estabeleceu, tanto antes como depois das mesmas e também da abertura sincera que todos demonstraram em iniciar as alterações para a “construção” de espaços dinâmicos e impulsionadores do conhecimento, fomentadores de boas práticas que devem contribuir para a melhoria significativa das aprendizagens.

Como foi já elencado no ponto anterior – Balanço – há aspectos que os professores bibliotecários desta RBB implementam com alguma solidez, nomeadamente as reuniões

com a direção, embora de forma informal; a integração dos professores bibliotecários no Conselho Pedagógico; verificação de mudanças, inclusive na dinâmica pedagógica e no trabalho desenvolvido; a avaliação dos recursos educativos; os professores bibliotecários sentem-se com perfil para desempenhar o cargo (É importante que evidenciem com brio que desempenham esta função com gosto e não por obrigação.); estes professores bibliotecários indicam como mais-valia pessoal o gosto pela informação e pela cultura (Estas mais-valias são muito importantes para a valorização em todos os sentidos da formação dos alunos); a satisfação do trabalho que têm desenvolvido enquanto coordenadores bibliotecários; a constatação de que há um aumento da dinâmica pedagógica e do interesse dos alunos pela BE.

Podemos ainda realçar um outro ponto que é deduzido pela decorrer das entrevistas – a vontade que todos os coordenadores das BE's mostraram em querer ser agentes de mudança, contribuindo, antes de mais, com o seu trabalho baseado, na maior parte das situações, em pouca experiência e poucos conhecimentos técnico-científicos. Depois, com formação, serão uma mais-valia para as escolas e comunidades educativas envolventes.

As referências atrás apontadas podem ser corroboradas com o que já mencionámos na Parte I, nomeadamente nos pontos 1., 1.1., 1.1.1., 1.2 e 1.2.1., assim como em alusões de Rubal Rubal (1979), Montgomery (1991), Silva (2000), Oldford (2001), Eisenber & Miller (2002), Ford (2004), IFLA (1999) e (2006), entre outros.

Em relação aos aspectos menos conseguidos salientamos aqueles que se situam no âmbito individual (inerentes) ao próprio professor bibliotecário; no plano organizacional e no plano relacional.

Âmbito individual:

- a pouca experiência de alguns coordenadores de BE's;
- a escassa formação específica de alguns professores na área das BE's;
- o desconhecimento por parte do professor bibliotecário das orientações curriculares dos diferentes Departamentos Curriculares;

Plano organizacional:

- a ausência de um orçamento;

- a inexistência de reuniões entre o professor bibliotecário e outras estruturas de gestão pedagógica, como os Departamentos Curriculares, os Directores de Turma e os Conselhos de Turma;
- a falta de articulação entre a BE e os professores;
- a falta de trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores de sala de aula, apoiando alunos e turmas;
- a não disponibilização de informação, sobretudo a professores;
- a pouca organização e disponibilização de informação de acordo com as necessidades individuais ou de grupos;
- o uso incorrecto das tecnologias da informação e da comunicação;

Plano relacional:

- a desvalorização que muitos professores têm do trabalho desenvolvido pelo professor bibliotecário;
- a desvalorização das articulações curriculares.

Apraz também salientar que as entrevistas realizadas contribuíram para alertar muitos coordenadores das BE's de aspectos importantes das nossas funções que ainda não eram, nalguns casos, do seu conhecimento. Podemos mesmo dizer que as entrevistas resultaram também num diálogo enriquecedor e motivador para os professores bibliotecários. Para além de serem alertados para determinados aspectos, também sentiram a necessidade de desenvolverem um trabalho digno do lugar que ocupam, assumindo a vontade de continuar e de receberem formação para colocarem ao dispor de toda a comunidade educativa.

Também deve ser aqui mencionado, embora não faça parte do estudo, a confirmação da intenção demonstrada aquando das entrevistas - a continuação do desenvolvimento de um trabalho profícuo e a formação na área das BE's operada neste curto período de tempo.

Estes professores bibliotecários frequentaram/frequentam acções de formação sobre a “Avaliação das Bibliotecas Escolares” e “Curso de Formação-Gestão da Biblioteca Escolar no Agrupamento”.

Mas esperamos também que os resultados aqui obtidos, o diagnóstico que realizámos e as perspectivas que apresentamos no balanço que efectuámos possam orientar alguns percursos futuros para a Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso.

Referimos, por último, que esta RBB tem recursos humanos que já dispõem de alguma experiência e de conhecimentos que nos faz augurar um futuro a curto prazo de um trabalho proficiente nestas Bibliotecas Escolares, para o que também contribuiu a Portaria 756/2009 de 14 de Julho.

Referências bibliográficas

American Association of School Librarians (1998). "Roles and Responsibilities of the School Library Media Specialist". in *Information Power: Building Partnerships for Learning*. (chapter 1). Em <http://www.ala.org/aaslTemplate.cfm?Section=informationpower&Template=/ContentManagement/ContentDisplay.cfm&ContentID=19930>

Ávila de Lima, J.& Pacheco, J. A. (2006). *Fazer Investigação*. Porto: Porto Editora.

Bardin, Laurence (2003). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barroso, João (1995). *Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
Em <http://www.dgidec.min-edu.pt/innovbasic/biblioteca/ccoge01/index.htm>

Bastos, Glória (2009). "Diálogos entre a Ciência da Informação e as Ciências da Educação: o caso da investigação em bibliotecas escolares" in Maria Manuel Borges, Elias Sanz Casado (coord.), *A Ciência da Informação Criadora de Conhecimento*, IV Encontro Ibérico EDIBCI, vol. II, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 315-323.

Belisle, Carol-Anne Hutchinson (2005). "The Teacher as Leader: Transformational Leadership and the Professional Teacher or Teacher-Librarian", in *The Profession of Teacher-Librarianship*. Chapter 7. Em <http://www.cla.ca/casl/slic/SLICVol24issue3.pdf>

Besant, Larry X. & Sharp, Deborah (2000). "Libraries Need Relationship Marketing – mutual interest marketing concept, embraced by many companies, also needed by libraries", in *Information Outlook*. March.
Em http://findarticles.com/p/articles/mi_m0FWE/is_3_4/ai_61533802/pg_1

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Bush, Gail & Kwieford, Merrilee (2001). "Marketing Reflections: Advocacy in Action", in *TL Magazine*. Volume 28, nº 5. Junho.
Em http://www.teacherlibrarian.com/tlmag/v_28/v_28_5_feature.html

Canadian Association for School Libraries. (1997). *Students' Information Literacy Needs in the 21st Century: Competencies for Teacher-Librarians*.
Em <http://www.cla.ca/casl/literacyneeds.html>

Carvalho, Helena P. dos R. (2007). *Biblioteca Escolar: à procura da sua acção pedagógica - uma visão sobre o percurso de bibliotecas escolares integradas na RBE*. Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta.

Cram, Jennifer (1999). *Six Impossible Things Before Breakfast: A multidimensional approach to measuring the value of libraries*. 3rd Northumbria International Conference on Performance Measurement in Libraries and Information Services, 27-31 August.

Em http://www.alia.org.au/~jcram/six_things.html

Delors, Jacques (2003). *Educação – Um tesouro a descobrir*. 8ª Edição. Porto: Asa Ed.

Eco, Umberto (2002). *O nome da rosa*. Porto: Público Comunicação Social SA.

Eisenberg, Michael & Miller, Danielle (2002) “This Man Wants to Change Your Job”, In *School Library Journal*. 9/1. Em <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA240047.html>

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (1977). Vol. 3. Lisboa: Editora Verbo.

Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas. (2000). *Manifesto da BE*. Em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=manifesto_be_unesco.pdf

Fernandes, António José (1995). *Métodos e Regras para a Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. Porto: Porto Editora.

Ford, Mike. (2004). “How your media centre can make a difference”, in *School Library Journal*. Em <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA387211.html>

Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito: teoria e prática*. 4ª ed. Oeiras: Celta Editora.

Gonçalves, Susana e Silva, Sofia (2008). *Pedagogia no ensino superior*. OPDES, Brochura nº3. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra.
Em <http://ndsim.esec.pt/pagina/opdes/brochuras/03.pdf>

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. (1998). Vol. 4. Página Editora.

Hannesdóttir, S. K. (1995). *Bibliotecários Escolares: Linha de Orientação para os Requisitos de Competência: Federação Internacional de Associações e Instituição de Bibliotecas. Relatório Profissional da IFLA, nº 41*, The Hague.

Hannesdóttir, S. K. (1995). *What do school librarians need to know? Guidelines for competency requirements*. Faculty of Social Science. Reykjavik. Em http://127.0.0.1:4664/cache?event_id=32703&schema_id=8&q=Sigrun+Klara+Hannesdottir&s=kd k7V-VhEMXYgKf8slaIDuO_F3Q

Haycock, K. (2003). *The crisis in Canada's school libraries: The case for reform and re-investment*. Toronto: Department of Canadian Heritage and Association of Canadian Publishers. Em http://www.accessola.com/data/6/rec_docs/ExecSummary_Ha_E1E12.pdf

Henri, James (2009). *School Libraries: All about learning*. Porto.
Em http://jameshenriporto2009.blogspot.com/2009/03/porto-keynote-james_11.html

IFLA/UNESCO (1999). *Manifesto da Biblioteca Escolar*. Tradução portuguesa pela RBE.
Em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/74.html>

IFLA/UNESCO (2006). *Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares*. Vila Franca de Xira. Em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf

International Association of School Librarianship (IASL). (1993). *Declaração Política da IASL sobre a Biblioteca Escolar*.

Em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=iasl_declaracao.pdf

Johnson, Doug (2002) “The Seven Most Critical Challenges That Face Our Profession”, *Teacher-Librarian*. May/June <<http://www.moodle.org/0.8293396770747297>>

Kuhlthau, C. C. (2001). *El rediseño de las Bibliotecas Escolares en la Era Informática*. Universidad de Rutgers Nueva Jersey, Estados Unidos.

Em <http://www.eduteka.org/modulos.php?catx=1&idSubX=162&ida=27&art=1>

Laverty, Corinne. (2000). *Resource-based learning: Gateway to information literacy*. PhD dissertation, University of Wales.

Em <http://library.queensu.ca/webedu/guides/subject/rbl/>

Liquète, Vincent (2003). *Dessiner les contours d'un métier en mutation*. Toulouse.

Em http://automne-cdi.ac-toulouse.fr/automne_modules_files/standard/public/p130_2bab7250b5fa88dc12da98b4b12c2614LiqueteTxtToulouse.pdf

Loertscher, David (1999). *Taxonomies of the school library media program*. 2ª ed. San Jose, California: Hi Willow Research & Publishing.

Loertscher, David. (2003). “The Digital School Library: A World-wide Development and a Fascinating Challenge”, in *Teacher Librarian*, vol 30, Nr 5, June.

Em http://www.teacherlibrarian.com/tlmag/v_30/v_30_5.html

Loertscher, David. (2008). *Collaborative Planning: Teachers and School Library Media Specialists as Partners*. Em www.edcollab.org/LibraryMedia/Collaboration/sld008.htm

Lowe, Carrie (2001). *The role of the school library media specialist in the 21 st century*. Eric Digest. Eric Clearinghouse on Information and Technology Syracuse. NY.

Em <http://www.ericdigests.org/2001-3/21st.htm>

Marzal, M. A. (2003). *La formación del profesorado en relación a la biblioteca escolar*. Sección Documentos, nodo Colaboraciones en Bibliotecas Escolares del CNICE.

Em <http://www.ite.educacion.es/w3/recursos2/bibliotecas/html/encuen/art6.htm>

Mateus, Ana M. C. F. (2009). *A Promoção da Leitura no 3º Ciclo: um projecto dinamizado pela Biblioteca Escolar*. Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta. Em <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/1365/1/Disserta%20Ana%20Mateus.pdf>

Melo, Luísa Baptista & Sampaio, Maria Imaculada (2003). «A avaliação da qualidade em serviços de informação». *Páginas a&b*, 11. pp 37-60.

Mendinhos, Isabel M. G. B. S. (2009). *A Literacia da Informação em Escolas do Concelho de Sintra*. Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta.

Montgomery, Paula (1991). *Cognitive Style and the Level of Cooperation between the Library Media Specialist and Classroom Teacher*, in *SLMQ* Volume 19, Number 3, Spring. Em <http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/aasl/aaslpubsandjournals/slmrb/editorschoiceb/infopower/slctmontgomery.cfm>

Morin, Edgar & Toffler, Alvin. (1994). *Dominar o conhecimento é a chave do poder*. In suplemento *A nova galáxia do poder* do Jornal Público (05-03-1994).

Morizio, Claude & Henri, James. (2003). *La formation des bibliothécaires scolaires: quelques réflexions*. World Library and Information Congress: 69th IFLA General Conference and Council. Berlim. Em http://ifla.queenslibrary.org/IV/ifla69/papers/125f_trans-Morizio_Henri.pdf

Nimon, Maureen. (2003). *School libraries in Australia*. In *The Australian Library Journal*. Em <http://alia.org.au/publishing/alj/53.1/full.text/nimon.html>

Nina, Isabel F. A. (2008). *Da Leitura ao Prazer de Ler: Contributos da Biblioteca Escolar*. Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta.

Ochôa, Paula; Pinto, Leonor Gaspar (2004). *Aprender a Inovar. Guia para o Desenvolvimento de Competências de Gestão para os Profissionais de Informação e Documentação*. Lisboa: BAD.

Oldford, Rhona (2001). *“Teacher-Librarianship and change: why institutionalization has failed”*. in *Teacher Librarian*. v. 29. Em http://www.teacherlibrarian.com/tlmag/v_29/v_29_3_feature.html

Pereira, Angelina M. M. R. (2007). *As Escolas e o Programa Rede de Bibliotecas Escolares: um estudo sobre os processos de desenvolvimento das bibliotecas integradas na RBE*. Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta.

Pon, Torrance. (2005). *Evaluation of the teacher-librarian: Review of the models*. Vera Cruz. Em http://127.0.0.1:4664/cache?event_id=32706&schema_id=6&q=Terrance+Pon&s=9hIS6904furt&r7MH0-c5Aku0Wk

Rede de Bibliotecas Escolares. (2009). *Modelo de auto-avaliação das Bibliotecas Escolares*. Em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=31&fileName=mod_auto_avaliacao.pdf

Santiago, R. et al. (2004). *Investigação em Educação - Abordagens Conceptuais e Práticas*. Porto: Porto Editora.

Schneider, Sérgio; Schimitt, Cláudia Job. (1998). “O uso do método comparativo nas Ciências Sociais”, in *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87. Em <http://www.google.pt/url?sa=t&source=web&ct=res&cd=1&url=http%3A%2F%2Fwww6.ufrgs.br%2Fpgdr%2Farquivos%2F373.pdf>

Schomberg, Janie (1998). “TAG Team: Collaborate to Teach. Assess and Grow”, in *Teacher Librarian*. V. 31. pp 50-51.

Em http://www.teacherlibrarian.com/tlmag/v_31/v_31_1_feature.html

Shannon, Donna (2002). *The Education and Competencies of School Library Media Specialists: A Review of the Literature*. Columbia.

Em [http://www.moodle.univ-](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/file.php/119/Professor_bibliotecario/ALA_Education_and_Competencies_of_School_Library_Media_Specialists.htm)

[ab.pt/moodle/file.php/119/Professor bibliotecario/ALA Education and Competencies of School Library Media Specialists.htm](http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/file.php/119/Professor_bibliotecario/ALA_Education_and_Competencies_of_School_Library_Media_Specialists.htm)

Silva, Lino Moreira d. (2000). *Bibliotecas Escolares – Um contributo para a sua Justificação, Organização e Dinamização*. Braga: Livraria Minho.

Silva, Maria Teresa C. (2009). *A Área de Projecto do 12º Ano e a Biblioteca Escolar num contexto de mudança*. Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta.

Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

The Colorado Department of Education (2008). *Improving Academic Achievement - Standards for Information Literacy and School Library Programs*. Em <http://www.cde.state.co.us/litstandards/qdistlibprograms.htm>

Todd, Ross (2002). *School librarian as teachers: learning outcomes and evidence-based practice*. 68th IFLA Council and General Conference August.

Em <http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/084-119e.pdf>

Todd, Ross (2003). “Irrefutable evidence. How to prove you boost student achievement”, in *School Library Journal*, 4/1. Em <http://www.schoollibraryjournal.com/article/CA287119.html>

Todd, Ross. (2009). *As bibliotecas escolares e o currículo – como ensinar o aluno do séc. XXI: alguns desafios*. Lisboa.

Tomé, Maria C. D. A. F. (2009). *A Biblioteca Escolar e o Desafio da Literacia da Informação: um estudo empírico no Distrito de Viseu*. Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta. Em <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/1222/1/Tese.pdf>

Viñao, Antonio (2003). *Está preparado el profesorado para trabajar en las bibliotecas?: un modelo de formación docente*. Madrid.

Em <http://www.ite.educacion.es/w3/recursos2/bibliotecas/html/seminario/anele1.pdf>

Wavell, C. & Coles, L. (2001). *Impact of School Library Services on Achievement and Learning*. The Robert Gordon University/Aberdeen Business School. Em <http://www.rgu.ac.uk/files/Impact%20of%20School%20Library%20Services1.pdf>

Yin, Robert K. (2004). *Case study methods*. Em <http://www.cosmoscorp.com/Docs/AERAdraft.pdf>

Zybert, E. B. (2002). *Quality School Libraries - Quality in Libraries. Part Two. Article – EBIB N° 2/2002.* Institute of Information Science and Bibliological Studies. Warsaw University. Em <http://ebib.oss.wroc.pl/english/grant/zybert.php>

Legislação

Ministério da Educação. (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei 46/1986 de 14 de Outubro.* Em <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/283BAF87-01C8-4EF4-A169-694533E63B0D/612/LeideBases4686.pdf>

Ministérios da Educação e da Cultura. (1997). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares de Janeiro de 1997.* Em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=lan_ar_a_rede.pdf

Ministério da Educação. (1999). *Despacho Conjunto nº198/99 de 3 de Março.* Em http://209.85.229.132/search?q=cache:3q8KDnoEhXwJ:www.malhatlantica.pt/cfaeca/legislacao/docform/DC198_99.DOC+Despacho+conjunto+n%C2%BA+198/99&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt

Ministério da Educação. (2002). *Despacho Interno Conjunto nº3 - I/SEAE/SEE/2002 de 15 de Março.* Em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/45.html>

Ministério da Educação. (2005). *Lei de Bases do Sistema Educativo – Versão nova Consolidada de 30/08/2005, Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto.* Em <http://www.ipv.pt/secretaria/lei492005.pdf>

Ministério da Educação. (2007). *Despacho nº 17860/2007 de 13 de Agosto.* Em http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1251&fileName=despacho_17860_2007.pdf

Ministério da Educação. (2008). *Decreto/Lei 75/2008 de 22 de Abril.* Em http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1953&fileName=decreto_lei_75_2008.pdf

Ministério da Educação. (2008). *Despacho 19117/2008 de 17 de Julho.* Em <http://www.dre.pt/pdf2sdip/2008/07/137000000/3173131738.pdf>

Ministério da Educação. (2009). *Despacho 700/2009 de 19 de Janeiro.* Em <http://dre.pt/util/getpdf.asp?s=dip&serie=2&iddr=6.2009&iddip=2009001673>

Ministério da Educação. (2009). *Decreto/Lei 124/2009 de 21 de Maio.* Em <http://dre.pt/util/getpdf.asp?s=dip&serie=1&iddr=2009.98&iddip=20091246>

Ministério da Educação. (2009). *Portaria 756/2009 de 14 de Julho.* Em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=521&fileName=Portaria_756_2009_Professor_Bibliotec_r.pdf

Ministério da Educação. (2009). *Despacho 17670/2009 de 31 de Julho.* Em <http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http%3A//dre.pt/pdf2sdip/2009/07/147000000/3068530685.pdf>

ANEXOS

Anexo 1

Directrizes da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Escolares (2002; 2006, tradução portuguesa), ponto 3.6, Deveres do Bibliotecário Escolar:

Espera-se que o bibliotecário escolar cumpra o seguinte:

- Analise os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar;
- Formule e promova políticas para o desenvolvimento dos serviços;
- Desenvolva políticas e sistemas de aquisição para os recursos da biblioteca;
- Catalogue e classifique documentos e recursos em geral;
- Forme para a utilização da biblioteca;
- Forme nas competências de literacia da informação e de conhecimento da informação;
- Apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da informação;
- Dê resposta a pedidos de referência e de informação utilizando os materiais adequados;
- Promova programas de leitura e eventos culturais;
- Participe em actividades de planificação relacionadas com a gestão do curriculum;
- Participe na preparação, promoção e avaliação de actividades de aprendizagem;
- Promova a avaliação de serviços de biblioteca enquanto componente normal e regular do sistema de avaliação global da escola;
- Construa parcerias com organizações externas;
- Prepare e aplique orçamentos;
- Conceba planeamento estratégico;
- Faça a gestão e a formação da equipa da biblioteca.

Anexo 2

Despacho Conjunto nº 198/99

Anexo sobre Perfis de formação na formação especializada de professores:

Secção H - Área de formação especializada em comunicação educacional e gestão da informação

1 - Objectivos — visa qualificar para o exercício de funções na área da comunicação educacional e da gestão da informação, designadamente no âmbito da gestão de centros de recursos educativos.

2 - Competências a desenvolver:

2.1- Competências de análise crítica:

1) Interpretar a escola e a organização escolar à luz dos contributos teóricos das ciências da educação, designadamente nos domínios da sociologia da educação e da escola, da educação intercultural, da teoria curricular e dos que perspectivam a biblioteca/centro de recursos e as suas funções pedagógicas no contexto do projecto educativo da escola;

2) Fundamentar o processo de tomada de decisão em procedimentos de investigação e de inovação educacional.

2.2- Competências de intervenção:

1) Organizar a informação disponibilizada por meios de comunicação social e por redes electrónicas de informação;

2) Conceber uma estratégia de aquisições do fundo documental e de equipamentos e coordenar a sua execução;

3) Organizar os recursos de informação, de acordo com os critérios técnicos da biblioteconomia, aplicando princípios e procedimentos técnicos das ciências documentais e das ciências da comunicação;

4) Proporcionar a existência de fundos documentais diversificados, assegurando a unicidade do seu tratamento;

5) Facilitar o acesso directo, a autonomia do utilizador e as actividades de pesquisa;

6) *Estruturar o funcionamento de dispositivos de utilização e de produção multimédia;*

7) *Dinamizar uma política de construção e valorização de um fundo documental local;*

8) *Promover a produção e divulgação da informação, assegurando o envolvimento de alunos, professores e de outros agentes da comunidade educativa;*

9) *Conceber e dinamizar uma política global de animação pedagógica da biblioteca/centro de recursos educativos;*

10) *Conceber e dinamizar actividades de educação para os media;*

11) *Dinamizar actividades que promovam o acesso de professores, de alunos e de outros agentes da comunidade educativa à informação e à produção documental em diferentes suportes;*

12) *Participar na concepção e dinamização de actividades de produção documental em diferentes suportes, designadamente através da produção de rádio ou jornal de escola, páginas em rede, videogramas, boletins de difusão de informação e sínteses bibliográficas;*

13) *Activar a ligação da escola com a rede de leitura pública.*

2.3- Competências de formação, de supervisão e de avaliação:

1) *Conceber e realizar actividades formativas tendo em vista enriquecer o repertório pedagógico-didáctico de cada professor;*

2) *Colaborar na planificação das actividades curriculares e dos projectos de desenvolvimento educativo da comunidade, assegurando uma adequada utilização dos recursos disponíveis;*

3) *Acompanhar as equipas educativas envolvidas nas actividades dos centros de recursos;*

4) *Avaliar os efeitos das actividades desenvolvidas no seu contributo para o desenvolvimento da qualidade da acção educativa.*

2.4- Competências de consultoria:

1) *Assessorar os órgãos de administração e gestão da escola para viabilizar as funções do centro de recursos, no âmbito curricular, na ocupação de tempos livres e noutros aspectos do desenvolvimento do projecto educativo;*

2) Assessorar os órgãos de administração e gestão das escolas e os centros de formação das associações de escolas no âmbito da gestão da informação.

Anexo 3

Despacho nº 17860/2007

– A organização e gestão da biblioteca escolar (BE) da escola ou do conjunto das escolas do agrupamento incumbe a uma equipa educativa com competências nos domínios pedagógico, de gestão de projectos, de gestão da informação e das ciências documentais cuja composição não exceder o limite de quatro docentes, incluindo o respectivo coordenador.

– Aos estabelecimentos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário e às escolas sede dos agrupamentos que integram o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares é atribuído um crédito horário de oito a onze horas lectivas semanais destinado ao professor que assegura a coordenação da equipa responsável pela BE, determinado de acordo com o número de alunos da escola básica dos 2º e 3º ciclos ou da escola secundária:

- a) Escolas com número igual ou inferior a 500 alunos – oito horas;
- b) Escolas com número superior a 500 alunos – onze horas.

– O crédito horário atribuído ao professor coordenador da BE é utilizado para o desenvolvimento das seguintes funções, sem prejuízo de outras a definir em regulamento interno:

- a) Promover a integração da biblioteca na escola (projecto educativo, projecto curricular, regulamento interno);
- b) Assegurar a gestão da biblioteca e dos recursos humanos e materiais a ela afectos;
- c) Definir e operacionalizar, em articulação com a direcção executiva, as estratégias e actividades de política documental da escola;
- d) Coordenar uma equipa, previamente definida com o conselho executivo;
- e) Favorecer o desenvolvimento das literacias, designadamente da leitura e da informação, e apoiar o desenvolvimento curricular;
- f) Promover o uso da biblioteca e dos seus recursos dentro e fora da escola;
- g) Representar a BE no conselho pedagógico, sempre que o regulamento interno o preveja.

– Os professores que integram a equipa responsável pela BE são designados de entre os docentes do agrupamento/escola que apresentem um dos seguintes requisitos, preferencialmente pela ordem indicada:

- a) Formação académica na área da gestão da informação/BE;
- b) Formação especializada em ciências documentais;
- c) Formação contínua na área das BE;
- d) Formação em técnico profissional BAD;
- e) Comprovada experiência na organização e gestão das BE.

– Na constituição da equipa responsável pela BE deverá ser ponderada a titularidade de formação que abranja as diferentes áreas do conhecimento de modo a permitir uma efectiva complementaridade de saberes, preferindo professores do quadro sem serviço lectivo atribuído ou com horário com insuficiência de tempos lectivos.

– Os professores que integram a equipa responsável pela BE devem apresentar um perfil funcional que se aproxime das seguintes competências:

- a) Competências na área do planeamento e gestão (planificação de actividades, gestão do fundo documental, organização da informação, serviços de referência e fontes de informação, difusão da informação e marketing, gestão de recursos humanos, materiais e financeiros);
- b) Competências na área das literacias, em particular nas da leitura e da informação;
- c) Competências no desenvolvimento do trabalho em rede;
- d) Competências na área da avaliação;
- e) Competências de trabalho em equipa.

Anexo 4

Portaria 756/2009 de 14 de Julho de 2009

Artigo 2º

Designação de professores bibliotecários

1 – Em cada agrupamento ou escola não agrupada deve ser designado para o exercício da função de professor bibliotecário um ou mais docentes, independentemente do nível de ensino ou da categoria a que pertençam, tendo em conta a tabela constante do anexo I da presente portaria.

Artigo 3º

Conteúdo funcional

1 – Ao professor bibliotecário cabe, com apoio da equipa da biblioteca escolar, a gestão da biblioteca da escola não agrupada ou do conjunto das bibliotecas das escolas do agrupamento.

2 – Sem prejuízo de outras tarefas a definir em regulamento interno, compete ao professor bibliotecário:

- a) Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada;*
- b) Promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do projecto educativo, do projecto curricular de agrupamento/escola e dos projectos curriculares de turma;*
- c) Assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à(s) biblioteca(s);*
- d) Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca;*
- e) Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;*
- f) Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada;*

- g) Apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo do agrupamento ou da escola não agrupada;*
- h) Estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos de parceria com entidades locais;*
- i) Implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de auto-avaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE);*
- j) Representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do regulamento interno.*

3 – Sem prejuízo das funções previstas no nº 1 do presente artigo, o professor bibliotecário pode optar por manter a leccionação de uma turma.

4 – O professor bibliotecário que preste funções em regime de mono docência pode ter até cinco horas de apoios educativos.

Artigo 4º

Equipa da biblioteca escolar

1 – Em cada agrupamento ou escola não agrupada é criada uma equipa que coadjuva os professores bibliotecários, nos termos definidos no regulamento interno.

2 – Os docentes que integram a equipa da biblioteca escolar são designados pelo director do agrupamento ou da escola não agrupada de entre os que disponham de competências nos domínios pedagógico, de gestão de projectos, de gestão da informação, das ciências documentais e das tecnologias de informação e comunicação.

3 – Na constituição da equipa da biblioteca escolar, deve ser ponderada a titularidade de formação de base que abranja as diferentes áreas do conhecimento de modo a permitir uma efectiva complementaridade de saberes.

4 – O coordenador da equipa da biblioteca escolar é designado pelo director de entre os professores bibliotecários.

Anexo 5

Modelo de auto-avaliação das Bibliotecas Escolares: indicadores que podem influenciar de uma forma substantiva o trabalho que os professores bibliotecários devem desempenhar:

- A.1.1 Cooperação da BE com as estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica da escola/agrupamento;
- A.1.2 Parceria da BE com os docentes responsáveis pelas áreas curriculares não disciplinares (ACND) da escola/agrupamento;
- A.1.4 Ligação da BE ao Plano Tecnológico da Educação (PTE) e a outros programas e projectos curriculares de acção, inovação pedagógica e formação existentes na escola/agrupamento;
- A.1.5 Integração da BE no plano de ocupação dos tempos escolares (OTE) da escola/agrupamento;
- A.1.6 Colaboração da BE com os docentes na concretização das actividades curriculares desenvolvidas no espaço da BE ou tendo por base os seus recursos;
- A.2.2 Promoção do ensino em contexto de competências de informação da escola/agrupamento;
- A.2.3 Promoção do ensino em contexto de competências tecnológicas e digitais na escola/agrupamento;
- A.2.4 Impacto da BE nas competências tecnológicas, digitais e de informação dos alunos na escola/agrupamento;
- C.1.2 Dinamização de actividades livres, de carácter lúdico e cultural na escola/agrupamento;
- C.1.3 Apoio à utilização autónoma e voluntária da BE como espaço de lazer e livre fruição dos recursos;
- C.1.4 Disponibilização de espaços, tempos e recursos para a iniciativa e intervenção livre dos alunos;
- C.2.1 Envolvimento da BE em projectos da respectiva escola/agrupamento ou desenvolvidos em parceria, a nível local ou mais amplo;
- D.2.1 Liderança do professor bibliotecário na escola/agrupamento;
- D.3.4 Organização da informação. Informatização da colecção;
- D.3.5 Difusão da informação.

Anexo 6

Guião da Entrevista

Pretende-se, com esta entrevista, aferir o desempenho do Professor Bibliotecário e da Biblioteca Escolar na melhoria constante das aprendizagens através do papel central que as BE/CRE têm no actual paradigma educativo.

GRUPOS:

A – Caracterização do entrevistado.

B – Articulação curricular da Biblioteca Escolar com outras estruturas de gestão pedagógica.

C – Articulação curricular da Biblioteca Escolar.

D – Funções e perfil do Professor Bibliotecário.

A

1. Há quanto tempo é Coordenador da Biblioteca Escolar/Professor Bibliotecário?
2. Que formação possui na área das bibliotecas escolares?
3. Em que área(s) considera que deveria ainda fazer formação no âmbito das Bibliotecas Escolares? Porquê nessa área(s)?

B

1. Costuma reunir com o C. Executivo? Com que frequência?
2. Que tipo de assuntos costumam abordar?
3. Tem assento no Conselho Pedagógico?
4. Quem apoiou ou sugeriu essa presença?
5. Considera-a importante? Quais as vantagens dessa representatividade?
6. (Se não está) O que impediu a sua inclusão no Conselho Pedagógico?

7. Participa de forma regular em mais alguma estrutura de gestão pedagógica – por exemplo, reuniões com Departamentos Curriculares, Directores de Turma, Conselhos de Turma, entre outras?
8. (Se sim) Que vantagens acha que retira dessa participação?
9. (Se não) Pensa que seria útil participar? Por que motivo não participa ainda?
10. Considera que essas estruturas valorizam a sua função pedagógica na escola?
11. Quem considera que valoriza mais e menos o trabalho que desenvolve enquanto coordenador/a da BE?
12. A integração da BE na RBE tem possibilitado uma maior integração/aceitação pela comunidade escolar, alunos e professores?
13. Em que sentido?
14. (Se não é assumida) Por que motivo(s)?

C

1. Que condições há de apoio ao desenvolvimento de um trabalho sustentado na BE?
2. Que conhecimento tem sobre as orientações curriculares dos diferentes Departamentos Curriculares/Grupos Disciplinares?
3. Há articulação entre a BE e os professores, nomeadamente no apoio ao currículo?
4. Que tipo de articulação?
5. Costuma desenvolver trabalho colaborativo com os colegas, apoiando alunos ou turmas?
6. De quem costuma ser a iniciativa? São os professores que geralmente o/a procuram para os apoiar na preparação ou organização de aulas/actividades ou é o/a colega que se disponibiliza perante os outros professores?
7. Por que razão acha que isso não acontece? (No caso de a resposta ser que os professores não pedem apoio ao coordenador da BE.)
8. Avalia os diferentes recursos educativos para apoiar o Currículo?
9. Como? Pede apoio a alguém, nomeadamente aos Departamentos Curriculares/Grupos Disciplinares?
10. Costuma organizar e disponibilizar informação de acordo com as necessidades individuais ou de grupos?
11. Disponibiliza informação a professores? Que tipo de informação?
12. E a alunos? Que tipo de informação?

13. Como avalia o papel que as novas tecnologias têm vindo a assumir em termos do acesso à informação e no apoio à aprendizagem?

D

Os documentos internacionais apontam basicamente para 3 funções do coordenador de Biblioteca Escolar:

- é um professor;
- é um especialista em informação;
- é um gestor.

1. Qual destas funções considera que será mais importante para o sucesso da BE na escola? Porquê? Pode dar exemplos?
2. Qual destes papéis é aquele que assume com mais frequência na sua BE? Porquê?
3. Considera que o seu perfil pessoal se coaduna com o de um Professor Bibliotecário?
4. Refira as mais-valias pessoais que acha que possui para o cumprimento da sua missão.
5. Mencione a(s) característica(s) que acha que devia desenvolver mais em si.
6. Considera que a integração na Rede de Bibliotecas Escolares foi importante para o seu papel enquanto coordenador? Porquê?
7. Em que aspectos houve alterações?
8. Sente-se satisfeito(a)/realizado(a) na função de Professor Bibliotecário?
9. Que problemas sente nessa função e que gostaria de ver mais rapidamente resolvidos?
10. E que aspectos positivos encontra na sua função que gostaria de sublinhar mais?

Agradeço a colaboração prestada e o tempo dispendido, ciente da importância que a mesma terá para a melhoria das boas práticas das Bibliotecas Escolares e do desempenho dos Professores Bibliotecários, os quais contribuirão significativamente para o sucesso escolar da comunidade escolar que servem.

José Afonso Pereira Videira de Miranda

Observação: A entrevista será gravada em sistema áudio, com a solicitação da anuência do Professor Bibliotecário.

